

UNIVERSITÉ DU QUÉBEC

MÉMOIRE

PRÉSENTÉ À

L'UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À CHICOUTIMI

PROTOCOLE D'ENTENTE UQAC-UNEB

COMME EXIGENCE PARTIELLE

DE LA MAÎTRISE EN ÉDUCATION (M.A.)

PAR

Dos Santos, Selma

**Vieilles femmes en fleur : mémoire et héritage
ethnopédagogique sur les plantes médicinales**

FÉVRIER 2004



Mise en garde/Advice

Afin de rendre accessible au plus grand nombre le résultat des travaux de recherche menés par ses étudiants gradués et dans l'esprit des règles qui régissent le dépôt et la diffusion des mémoires et thèses produits dans cette Institution, **l'Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** est fière de rendre accessible une version complète et gratuite de cette œuvre.

Motivated by a desire to make the results of its graduate students' research accessible to all, and in accordance with the rules governing the acceptance and diffusion of dissertations and theses in this Institution, the **Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** is proud to make a complete version of this work available at no cost to the reader.

L'auteur conserve néanmoins la propriété du droit d'auteur qui protège ce mémoire ou cette thèse. Ni le mémoire ou la thèse ni des extraits substantiels de ceux-ci ne peuvent être imprimés ou autrement reproduits sans son autorisation.

The author retains ownership of the copyright of this dissertation or thesis. Neither the dissertation or thesis, nor substantial extracts from it, may be printed or otherwise reproduced without the author's permission.

SELMA DOS SANTOS

**MULHERES VELHAS EM FOLHA: MEMÓRIA E LEGADO
ETNOPEDAGÓGICO DE IDOSAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS
FEIRA DE SANTANA – BAHIA**

Senhor do Bonfim – BA / Brasil

2003

SELMA DOS SANTOS

**MULHERES VELHAS EM FOLHA: MEMÓRIA E LEGADO
ETNOPEDAGÓGICO DE IDOSAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS**

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação ao Curso de Mestrado de Educação em Pesquisa da Université du Québec à Chicoutimi em convênio com a Universidade do Estado da Bahia / Campus VII – Senhor do Bonfim – Bahia – Brasil, sob orientação do professor doutor Daniel Francisco dos Santos.

Senhor do Bonfim – BA / Brasil

2003

Banca Examinadora

Daniel Francisco dos Santos (UNEB)

Marta Elisa Anadon (UQAC)

Ronaldo de Salles Senna (UEFS)

Dedico

A todas as pessoas que produzem a sabedoria que faz a humanidade caminhar no seu existir e, especialmente às *Colaboradoras*.

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor Daniel Francisco dos Santos, meu orientador, pela contribuição nessa jornada acadêmica.

Ao professor mestre Vicente Deocleciano Moreira – Coordenador do Núcleo de Antropologia da Saúde/Universidade Estadual de Feira de Santana, meu ex-professor e amigo, que sempre leu o material produzido e incentivou com indicação de leituras que só acrescentaram na pesquisa.

Às professoras Marta Anadon e Lorraine Savoie-Zajc, professoras do curso, pelo ensinamento da responsabilidade do trabalho científico.

Aos colegas da Universidade do Estado da Bahia, especialmente o Campus XI, pelo companherismo.

A Hamilton Reis de Oliveira, esposo, que tem contribuído com críticas “severas” na produção do conhecimento acadêmico e no prazer do viver.

A Danilo e Marco Antonio, filhos, pela alegria de constituirmos um trabalho que traz benefício ao nosso convívio.

A todos que sempre estiveram presentes no meu cotidiano.

Eu, a Sabedoria, sou vizinha da sagacidade, e tenho o conhecimento e a reflexão.
(Provérbios 8:12).

Meu filho, escute a disciplina de seu pai, e não despreze o ensinamento de sua mãe, porque serão para você uma coroa formosa na cabeça e um colar no pescoço. (Provérbios 1:8 e 9).

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÃO.....	09
RESUMO.....	16
RÉSUMÉ.....	24
CAPÍTULO I – PROBLEMÁTICA.....	33
CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO.....	55
I – DIALOGANDO COM A CIÊNCIA E O SENSO COMUM.....	55
II – O CONFRONTO ENTRE O CONHECIMENTO DE IDOSAS E O CONHECIMENTO INSTITUCIONALIZADO.....	59
III - A MEMÓRIA.....	63
IV - A SUBJETIVIDADE.....	66
V - A CULTURA, OS VALORES ETNOPEDAGÓGICOS E AS IDOSAS.....	69
VI - GÊNERO: UMA OPÇÃO CONCEITUAL.....	74
VII - O QUE É PLANTA MEDICINAL.....	82
VIII - OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	86
CAPÍTULO III - NOTA METODOLÓGICA.....	87
I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	91
1. Momento I: Projeto Etnobiologia na Escola.....	91
a) A População Alvo (cinco mulheres como caso).....	93
b) A Coleta Sistemática de Narrativas.....	95
2. Momento II: A Busca da Historicidade do Contexto da Pesquisa.....	96
3. Momento III: A Catalogação das Plantas Medicinais Utilizadas pelas Idosas.....	96
4. Momento IV: As Narrativas.....	98
CAPÍTULO IV - MULHERES VELHAS EM FOLHA: MEMÓRIA E LEGADO ETNOPEDAGÓGICO DE IDOSAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS.....	102
I - O CONTEXTO GEOGRÁFICO DA PÊSQUISA.....	105
II- ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS PLANTAS MEDICINAIS NA VIDA BRASILEIRA.....	108
1. O Uso do Poder Invisível na Cura.....	108
2. A Mulher Diaba no Brasil Colônia.....	114
3. O Aborto Não Se Ensina.....	116
4. A Influência da Igreja na Inculcação de Valores.....	118
5. A Confiança na Fala da Comadre.....	120
III – A FALA DAS COLABORADORAS.....	122
1. A Presença da Coesão e da Coerência na Fala das Colaboradoras.....	122
2. Remédio com as Plantas Medicinais.....	125
3. Receitas de Lamedores.....	126
4. Combinação de Plantas.....	127
5. Algumas Relações do Remédio Caseiro com a Medicina nas Narrativas das Colaboradoras.....	128
6. A Eficácia do Remédio.....	129
7. A Simpatia.....	131
8. As Crenças sobre o Uso de Algumas Plantas Medicinais.....	131

CATÁLOGO DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS COLABORADORAS.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
I - A ETNOPEDAGOGIA.....	170
II – OS VALORES ETNOPEDAGÓGICOS.....	176
1. O Diálogo	176
2. O Amor	177
3. A Sociabilidade.....	179
4. O Conhecimento de Mundo.....	180
5. A Cooperação	181
6. O Aconselhamento	182
7. A Eficácia	183
8. A Troca de Experiência ou Trabalho.....	183
III – O QUE SE ESPERA DE UM NOVO PROJETO PEDAGÓGICO.....	184
BIBLIOGRAFIA.....	187
ANEXO 01 - GLOSSÁRIO DOS TERMOS MÉDICOS DAS COLABORADORAS E DOS CIENTISTAS	204
ANEXO 02 - GLOSSÁRIO BOTÂNICO.....	209
ANEXO 03 - ÍNDICE DE CONDIÇÕES CLÍNICAS E PLANTAS MEDICINAIS	212
ANEXO 04 - COMPARAÇÃO ETNOTERAPÊUTICA COM ATIVIDADE COMPROVADA EM ESTUDOS CIENTÍFICOS	218
ANEXO 05 - DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS DAS PLANTAS DEPOSITADAS NO HUEFS (Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana).....	223
ANEXO 06 - NÚMERO DE FAMÍLIAS E GÊNEROS DAS ESPÉCIES INCLUÍDAS NA TABELA 05	226
ANEXO 07 - COLABORADORAS DA PESQUISA	227
ANEXO 08 - CATÁLOGO FOTOGRÁFICO DAS PLANTAS MEDICINAIS.....	228

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01- tabela 01: População da localidade pesquisada.....	50
Ilustração 02- gráfico 01: Matrículas 1992-2002 (Colégio Estadual Edith Machado Boaventura)	51
Ilustração 03- tabela 02: Matrículas 1992-2002 (Colégio Estadual Edith Machado Boaventura)	51
Ilustração 04- gráfico 02: Idade das colaboradoras.....	94
Ilustração 05- gráfico 03: Número de filhos das colaboradoras	94
Ilustração 06- tabela 03: Catálogo das plantas medicinais utilizadas pelas colaboradoras	139
Ilustração 07- gráfico 04: Demonstração das famílias científicas	157
Ilustração 08- tabela 03.01: Como as plantas medicinais são utilizadas pelas colaboradoras	161
Ilustração 09- tabela 04: Comparação etnoterapêutica com atividade comprovada em estudos científicos	218
Ilustração 10- tabela 05: Descrição das características botânicas das plantas depositadas HUEFS (Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana).....	223
Ilustração 11- tabela 06: Famílias e gêneros das espécies incluídas na tabela 05.....	226
Ilustração 12- foto 01: Dona Maria (in memorian).....	227
Ilustração 13- foto 02: Dona Jovem (in memorian).....	227

Ilustração 14- foto 03: Dona Calu (in memorian).....	227
Ilustração 15- foto 04: Dona Emília.....	227
Ilustração 16- foto 05: Dona Lorença	227
Ilustração 17- foto 06: Abóbora (<i>Cucurbita pepo</i> L.)	228
Ilustração 18- foto 07: Acerola (<i>Malpighia glabra</i> L.)	228
Ilustração 19- foto 08: Água da levante (<i>Mentha x piperita</i> L. var. <i>citrata</i>)	228
Ilustração 20- foto 09: Alecrim-do-reino (<i>Rosmarinus officinalis</i> L.).....	228
Ilustração 21- foto 10: Alfavaca miúda (<i>Ocimum americanum</i> L)	228
Ilustração 22- foto 11: Alfavaquinha de cobra (<i>Peperomia pellucida</i> (L.) H.B.K.)	228
Ilustração 23- foto 12: Alfazema branca (VERBANACEAE)	228
Ilustração 24- foto 13: Alfazema de caboclo (ASTERACEAE).....	228
Ilustração 25- foto 14: Alfazema roxa (<i>Vitex agnus-castris</i> L.)	228
Ilustração 26- foto 15: Algodoeiro (<i>Gossypium barbadense</i> L.)	229
Ilustração 27- foto 16: Alumã (<i>Veronia bahiensis</i> Tol.)	229
Ilustração 28- foto 17: Angélica (<i>Polianthes tuberosa</i> L.)	229
Ilustração 29- foto 18: Araçá-mirim (<i>Psidium guineense</i> Sw.).....	229
Ilustração 30- foto 19: Aroeira (<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi).....	229
Ilustração 31- foto 20: Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.).....	229
Ilustração 32- foto 21: Artemigem ou artemijo (<i>Artemisia vulgaris</i> L).....	229
Ilustração 33- foto 22: Assa-peixe branco (<i>Vernonia</i> sp.)	229
Ilustração 34- foto 23: Avenca (<i>Adiantum risophorum</i> L.)	229
Ilustração 35- foto 24: Babosa (<i>Aloe Vera</i> Burm. F.)	230
Ilustração 36- foto 25: Banana (<i>Musa paradisiaca</i> L.)	230

Ilustração 37- foto 26: Batata-doce (<i>Ipomoea batatas</i> Poir)	230
Ilustração 38- foto 27: Beldroega ou berdoega (<i>Portulaca umbraticola</i> Kunth.).....	230
Ilustração 39- foto 28: Berinjela (<i>Solanum melongena</i> L.).....	230
Ilustração 40- foto 29: Beterraba (<i>Beta vulgaris</i> L.)	230
Ilustração 41- foto 30: Boa-noite (<i>Catharanthus roseus</i> G. Don)	230
Ilustração 42- foto 31: Boldo (<i>Plectranthus</i>)	230
Ilustração 43- foto 32: Bredo (<i>Amaranthus viridis</i> L.)	230
Ilustração 44- foto 33: Brilhantina (<i>Sedum rodiola</i> L.).....	231
Ilustração 45- foto 34: Brilhantina de parede (<i>Sedum rodiola</i> L.)	231
Ilustração 46- foto 35: Bunina Branca ou bonina branca (<i>Mirabilis jalapa</i> L.)	231
Ilustração 47- foto 36: Cabaça-de-cuia (<i>cucurbita lagenaria</i> L.)	231
Ilustração 48- foto 37: Cabeça-de-frade (<i>Melocactus salvadorensis</i> Werdermann).....	231
Ilustração 49- foto 38: Café (<i>Coffea arabica</i> L.)	231
Ilustração 50- foto 39: Caiçara (<i>Solanum erianthum</i> D. Don.)	231
Ilustração 51- foto 40: Cajá-umbu (<i>Spondia</i> sp.)	231
Ilustração 52- foto 41: Cajueiro branco (<i>Anacardium occidentale</i> L.)	231
Ilustração 53- foto 42: Calêndula ou malmequer da lagoa (<i>Wedellia paludosa</i> Jacq.).....	232
Ilustração 54- foto 43: Calêndula ou malmequer do mato (ASTERACEAE)	232
Ilustração 55- foto 44: Calmante (<i>Alpinia speciosa</i> Schum.)	232
Ilustração 56- foto 45: Cana-de-açúcar (<i>Saccharum officinarum</i> L.)	232
Ilustração 57- foto 46: Cana-de-macaco (<i>Costus discolor</i> Rosc.).....	232
Ilustração 58- foto 47: Candeia-do-mato (<i>Piptocarpha rotundifolia</i> (Less) Baacker)	232
Ilustração 59- foto 48: Canela (<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Nees).....	232

Ilustração 60- foto 49: Cansanção (<i>Cnidocolus urens</i> (L.) Arthur).....	232
Ilustração 61- foto 50: Capim-santo (<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf.).....	232
Ilustração 62- foto 51: Carambola (<i>Averrhoa carambola</i> L.).....	233
Ilustração 63- foto 52: Cardo-santo (<i>Argemone mexicana</i> L.).....	233
Ilustração 64- foto 53: Carqueja (<i>Borreria capitata</i> (Ruiz et Pav.) D.C.).....	233
Ilustração 65- foto 54: Catinga de porco (<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tull).....	233
Ilustração 66- foto 55: Cebolinha (<i>Allium schoenoprasum</i> L.).....	233
Ilustração 67- foto 56: Cecé (<i>Cleome microcarpa</i> Ule).....	233
Ilustração 68- foto 57: Cenoura (<i>Daucus carota</i> L.).....	233
Ilustração 69- foto 58: Chapéu-de-couro (<i>Zinnia</i> spp.).....	233
Ilustração 70- foto 59: Coco (<i>Coccus nucifera</i> L.).....	233
Ilustração 71- foto 60: Coentro (<i>Coriandrum sativum</i> L.).....	234
Ilustração 72- foto 61: Comigo-niguém-pode (<i>Dieffenbachia maculata</i> (Lddiges) G. Don)	
Ilustração 73- foto 62: Cordão-de-São-Francisco (<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br).....	234
Ilustração 74- foto 63: Costela-de-adão (<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Scholt.).....	234
Ilustração 75- foto 64: Couve (<i>Brassica oleracea</i> L.).....	234
Ilustração 76- foto 65: Cravina (<i>Dianthus caryophyllus</i> L.).....	234
Ilustração 77- foto 66: Cravo-de-defunto (<i>Tagetes patula</i> L.).....	234
Ilustração 78- foto 67: Crista de galo (<i>Heliotropium</i> cf. <i>indicum</i> L.).....	234
Ilustração 79- foto 68: Dandá (<i>Cyperus rotundus</i> L.).....	234
Ilustração 80- foto 69: Desenflamadeira.....	235
Ilustração 81- foto 70: Erva cidreira (<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Br.).....	235
Ilustração 82- foto 71: Erva-doce (<i>Foeniculum vulgare</i> Miller).....	235

Ilustração 83- foto 72: Espada de Ogum (<i>Sansevieria zeylanicum</i> Willd.)	235
Ilustração 84- foto 73: Espada de Oxossi (<i>Sansevieria</i> sp.).....	235
Ilustração 85- foto 74: Espinho cheiroso (<i>Zanthoxylum</i> Lam.).....	235
Ilustração 86- foto 75: Eucalipto (<i>Eucaliptus tereticornis</i> Smith)	235
Ilustração 87- foto 76: Fedegoso (<i>Senna occidentalis</i> (L) Link)	235
Ilustração 88- foto 77: Folha-da-costa (<i>Kalanchoë brasiliensis</i> Camb.)	235
Ilustração 89- foto 78: Fruta-pão (<i>Artocarpus Communis</i> Forst.).....	236
Ilustração 90- foto 79: Gengibre (<i>Zingiber Officinalis</i> Roscoe)	236
Ilustração 91- foto 80: Girassol (<i>Helianthus annuus</i> L.).....	236
Ilustração 92- foto 81: Goiaba-branca (<i>Psidium guayana</i> var. <i>pyrifera</i>)	236
Ilustração 93- foto 82: Goiaba-vermelha (<i>Psidium guayana</i> var. <i>pomifera</i>)	236
Ilustração 94- foto 83: Graviola (<i>Annona muricata</i> L.)	236
Ilustração 95- foto 84: Guiné (<i>Petiveria alliaceae</i> Linné)	236
Ilustração 96- foto 85: Hortelã caboclo (<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.)	236
Ilustração 97- foto 86: Hortelã graúdo (<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.).....	236
Ilustração 98- foto 87: Hortelã miúdo (<i>Mentha villosa</i> Huds.).....	237
Ilustração 99- foto 88: Jaca de pobre (<i>Annona</i> sp.)	237
Ilustração 100- foto 89: Jarrinha (<i>Aristolochia apendiculata</i> Vell.)	237
Ilustração 101- foto 90: Jenipapo (<i>Genipa americana</i> L.)	237
Ilustração 102- foto 91: Juá (<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.).....	237
Ilustração 103- foto 92: Jurubeba (<i>Solanum paniculatum</i> L.).....	237
Ilustração 104- foto 93: Licuri (<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.).....	237
Ilustração 105- foto 94: Língua-de-vaca (<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.).....	237

Ilustração 106- foto 95: Malva (<i>Malva silvestris</i> L.)	237
Ilustração 107- foto 96: Mamoeiro (<i>Carica Papaya</i> L.)	238
Ilustração 108- foto 97: Mamona (<i>Ricinus communis</i> Vell.)	238
Ilustração 109- foto 98: Mandacaru de 3 quinas (<i>Cereus cf peruvianus</i> Mill)	238
Ilustração 110- foto 99: Mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz)	238
Ilustração 111- foto 100: Mangueira (<i>Mangifera indica</i> L.)	238
Ilustração 112 foto 101: Manjerição (<i>Ocimum basilicum</i> L. “forma purpurascens”)	238
Ilustração 113- foto 102: Maracujá (<i>Passiflora edulis</i> Sims.)	238
Ilustração 114- foto 103: Maracujá de cobra (<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.)	238
Ilustração 125- foto 104: Maravilha (<i>Caesalpinia pulcherrima</i> Swartz)	238
Ilustração 116- foto 105: Maria cadeira (<i>Mimosa humilis</i> L.)	239
Ilustração 117- foto 106: Maria preta (<i>Cordia verbenacea</i> DC)	239
Ilustração 118- foto 107: Mastruz (<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.)	239
Ilustração 119- foto 108: Maxixe (<i>Cucumis anguria</i> L.)	239
Ilustração 120- foto 109: Melancia (<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.)	239
Ilustração 121- foto 110: Melão-de-São-Caetano (<i>Momordica charantia</i> L.)	239
Ilustração 122- foto 111: Melissa (<i>Melissa officinalis</i> L.)	239
Ilustração 123- foto 112: Menstrato (<i>Ageratum conizoydes</i> L.)	239
Ilustração 124- foto 113: Menta ou vick (<i>Mentha arvensis</i> L.)	239
Ilustração 125- foto 114: Milho (<i>Zea mays</i> L.)	240
Ilustração 126- foto 115: Muçambé (<i>Cleome spinosa</i> Jacq. var. <i>pungens</i> Willd.)	240
Ilustração 127- foto 116: Novalgina (<i>Pffaphia glomerata</i> Spr.)	240
Ilustração 128- foto 117: Patchuli (macassã) (<i>Aleolanthus suaveolens</i> Mart.)	240

Ilustração 129- foto 118: Pega-pinto (<i>Boerhavia coccinea</i> Willd.)	240
Ilustração 130- foto 119: Pião-roxo (<i>Jatropha molissima</i> (Pohl) Baill)	240
Ilustração 131- foto 120: Picão-de-nego (<i>Bidens pilosa</i> L.)	240
Ilustração 132- foto 121: Pimenta (<i>capsicum</i> sp.).....	240
Ilustração 133- foto 122: Pinha (<i>Annona squamosa</i> L.)	240
Ilustração 134- foto 123: Poejo (<i>Mentha pulegium</i> L.).....	241
Ilustração 135- foto 124: Purga de batata (<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urban).....	241
Ilustração 136- foto 125: Quarana (<i>Cestrum laevigatum</i> Schlecht.).....	241
Ilustração 137- foto 126: Quebra-pedra (<i>Phyllanthus niruri</i> L.).....	241
Ilustração 138- foto 127: Quiabo (<i>Hibiscus esculentus</i> L.).....	241
Ilustração 139- foto 128: Quioiô (<i>Ocimum gratissimum</i> L.).....	241
Ilustração 140- foto 129: Romã (<i>Punica granatum</i> Linn)	241
Ilustração 141- foto 130: Sabugueiro (<i>Sambucus australis</i> Cham. et Schlecht.).....	241
Ilustração 142- foto 131: Supiro de rama (<i>Alternanthera</i> Forssk.).....	241
Ilustração 143- foto 132: Suspiro roxo (<i>Centratherum punctatum</i> Cass.).....	242
Ilustração 144- foto 133: Taioba (<i>Arum esculentum</i> L.)	242
Ilustração 145- foto 134: Tamarindo (<i>Tamarindus indica</i> L.)	242
Ilustração 146- foto 135: Terramicina	242
Ilustração 147- foto 136: Tomate grande (<i>Lycopersicum esculentum</i> Mill)	242
Ilustração 148- foto 137: Trançagem (<i>Plantago major</i> L.).....	242
Ilustração 149- foto 138: Urtiga (<i>Tragia friesii</i> Pax e Hoffm.).....	242
Ilustração 150- foto 139: Urucum (<i>Bixa orellana</i> L.).....	242
Ilustração 151- foto 140: Vassourinha (<i>Scoparia dulcis</i> L.)	242

RESUMO

MULHERES VELHAS EM FOLHA: MEMÓRIA E LEGADO ETNOPEDAGÓGICO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS DE IDOSAS: FEIRA DE SANTANA - BAHIA – BRASIL

Justificando o título da dissertação, geralmente a palavra **folha** aparece como qualificativo de juventude de alguma coisa ou de alguém. “Fulano está novo **em folha**” ou “Este carro está novo **em folha**”.

Neste trabalho, porém, a palavra folha aparece logo depois da expressão velha, contrariando o emprego usual do termo. Mas não só isso, nem contrariar somente por contrariar. As idosas, colaboradoras, são *experts* no uso das folhas dentro da perspectiva da memória e do legado etnopedagógico.

O foco central deste estudo são o conhecimento sobre plantas medicinais por parte das idosas sem escolaridade formal, e os valores etnopedagógicos que elas utilizam na transmissão desse conhecimento. O conhecimento pela experiência com plantas medicinais desenvolvido por idosas, não tem no universo da educação formal, tido o reconhecimento e a visibilidade merecida (o **problema**). Partindo desse problema, a **questão** levantada foi: como é repassado para as novas gerações o conhecimento relativo ao uso curativo com plantas medicinais?

A sistematização desse conhecimento é relevante, pois o mesmo procura responder às necessidades de bem-estar e atender aos acontecimentos diários, tornando menos penosa a vida das pessoas das diferentes comunidades. Os valores subjetivos que vão sendo constituídos nessa situação perpassam pela necessidade de sobrevivência e afirmação existencial. Esse conhecimento pode influir na compreensão pedagógica do porquê de alguns valores manifestados pelo aluno no interior da escola.

No campo epistemológico, a sistematização desse conhecimento reforça definições emergentes e alternativas da realidade, transformando-o por dentro, interpenetrando-se com sentidos produzidos noutros saberes locais, desnaturalizando-se através da crítica científica. A transformação dos saberes locais ocorre com a transformação do saber científico, e com esta, ocorre a transformação do sujeito epistêmico.

Assim, o **recorte** “valores etnopedagógicos utilizados por idosas no processo de transmissão” deve-se à ligação direta entre a produção de conhecimento na cultura e a necessidade de discussão de um novo paradigma para a educação formal. Com o **objetivo geral** de descrever os conhecimentos que as idosas sem escolaridade formal têm sobre as plantas medicinais, procura-se, por outro lado, identificar e analisar os valores etnopedagógicos utilizados pelas idosas no processo de transmissão dos conhecimentos relativos ao uso das plantas medicinais para as outras gerações – como **objetivo específico**.

O eixo da discussão é a concepção de ciência e senso comum proposta por Santos (1989) quando, à luz da dupla ruptura epistemológica, a ciência e o senso comum configuram a *phronesis*. A argumentação apoia-se nos seguintes pressupostos teóricos: **Primeiro pressuposto** – As idosas sem escolaridade formal produzem conhecimentos que

são transmitidos no decurso de gerações, conhecimentos esses resultantes de uma cultura de classe, da história de vida e de luta, marcada pelo seu lugar na produção social de bens e serviços. Conforme esse pressuposto, a concepção de cura de doenças com plantas medicinais, pelos conhecimentos dos mais velhos, tem valor maior que os “remédios de médicos”. **Segundo pressuposto** – A eficácia apresentada por algumas plantas medicinais faz parte do cotidiano desses sujeitos (idosas) e vem sendo validada pela experiência de gerações sucessivas. A eficácia é assegurada pela transmissão oral num processo educativo que culmina com um saber e uso de valores etnopedagógicos. **Terceiro pressuposto** – Refere-se à relação dos saberes das idosas com a educação formal, que é reorganizada pelo conhecimento das novas gerações. Nesse sentido, é necessário considerar a influência de valores e modelos da escola e da comunicação de massa na vida das pessoas.

A rede conceitual é apresentada a partir do confronto entre o conhecimento de idosas e o conhecimento institucionalizado, desvelando em seguida os conceitos-chave: educação, memória, subjetividade, cultura, valores etnopedagógicos, idosas, gênero, planta medicinal.

A nota metodológica reporta-se ao estudo de caso, com a aplicação das técnicas de história oral temática e história oral de vida de cinco idosas, na faixa etária de setenta a noventa anos, residentes em bairros periféricos da cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil; a catalogação das plantas utilizadas pelas mesmas; a análise e interpretação dos dados baseados na etnopedagogia. Para análise dos valores etnopedagógicos numa perspectiva interdisciplinar, recorreu-se às concepções de educação e de homem político, sujeito ativo e consciente de Freire e de Freinet. Discutiu-se a necessidade de um novo

paradigma para a educação formal a partir da etnopedagogia. Com base na concepção de educação de que dar a palavra ao povo pode repercutir numa etnopedagogia entendida como o conjunto dos estudos na interface pedagógica/antropológica. Essa interface vai além de uma simples relação entre as duas ciências; ela compreende a complexidade que está implícita nas inter-relações entre a educação e os sistemas culturais. Do ponto de vista epistemológico, isto é de suma importância, pois começa a configurar-se como uma resposta concreta à crise do paradigma cartesiano de disciplinas gerando disciplinas.

A etnopedagogia é um (entre)cruzamento de saberes que reúne pessoas diferentes, com graus variados de competências, conhecimentos e habilidades específicas, em situações de mútua aprendizagem. Ela constitui o processo de construção e organização da reflexão coletiva sobre as determinações naturais e histórico-sociais.

A partir da possibilidade estabelecida pela etnopedagogia foram feitas a análise e a interpretação dos dados no capítulo intitulado Mulheres Velhas em Folha: memória e legado etnopedagógico de idosas sobre plantas medicinais. A análise e interpretação dos dados são iniciadas por uma breve reflexão teórica, dividida em tópicos. O primeiro é: O Contexto Geográfico da Pesquisa. O segundo tópico é Alguns Aspectos Históricos das Plantas Medicinais na Vida Brasileira, que tem como sub-tópicos o uso de poder invisível na cura; a mulher diabo no Brasil Colônia; o aborto não se ensina; a influência da igreja na inculcação de valores; a confiança na fala da comadre. O terceiro tópico é: A Fala das Colaboradoras, subdividido em a presença da coesão e da coerência na fala das colaboradoras; remédios com as plantas medicinais, dentre eles: receitas de lambedores; combinação de plantas; algumas relações do remédio caseiro com a medicina, nas

narrativas das colaboradoras; a eficácia do remédio; a simpatia; e as crenças sobre o uso de algumas plantas medicinais. O quarto tópico é: o Catálogo das Plantas Medicinais Utilizadas pelas Colaboradoras, e que faz referência ao nome popular, ao nome científico da planta, à parte utilizada, à indicação etnoterapêutica e ao número de depósito atribuído no Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS). O quinto tópico é: o Catálogo Fotográfico, com cento e trinta e cinco plantas medicinais, que aparece no anexo.

Interpretou-se que a falta de uma assistência médica às populações de pouco recursos financeiros as mais das vezes deu vazão às terapêuticas das mulheres que, vendo o sofrimento dos entes queridos, se valiam ou se valem das experiências e tentativas de curas utilizadas pelos mais velhos.

O “senso comum esclarecido” e a “ciência prudente” se respeitam mutuamente quando confrontam seus conhecimentos, estabelecendo uma nova aprendizagem. Nessa perspectiva, os dados coletados junto às colaboradoras levaram à busca de conhecer o que diz a ciência sobre os mesmos (dados).

Para evitar as confusões decorrentes da imprecisão dos nomes populares das duzentas e onze plantas citadas pelas colaboradoras, cento e sessenta e seis foram coletadas, descritas e depositadas no Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS) visando à identificação das mesmas. Das cento e sessenta e seis depositadas, noventa e oito foram determinadas por comparação e/ou por especialistas. As famílias científicas mais utilizadas são: Lamiaceae, Asteraceae, Solanaceae, Cucurbitaceae e Myrtaceae. Com base na literatura consultada (Corrêa, 1998; Matos, 1999), das duzentas e onze plantas do catálogo das colaboradoras, cinquenta e quatro têm comprovação científica do seu valor

terapêutico. Conclui-se que a ciência vem fazendo um percurso de estudo baseado nas informações da população que tem uma tradição de uso com as plantas medicinais.

As atividades comprovadas cientificamente não estão distantes das informações prestadas pelas colaboradoras. Há casos em que se deve observar o uso de algumas plantas, pois está comprovada a sua toxicidade, a exemplo: abacate (*Persea americana* L.); artimijo (*Artemisia vulgaris* L.); arruda (*Ruta graveolens* L.); Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia maculata* (Loddiges) G. Don); poejo (*Mentha pulegium* L.) – em dose alta.

As colaboradoras utilizam a maioria das plantas como chá ou banho.

As plantas medicinais mais utilizadas são: abóbora (*Cucurbita pepo* L.), acerola (*Malpighia glabra* L.), alumã (*Vernonia bahiensis* Tol.), araçá-mirim (*Psidium guineense* Sw.), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi), babosa (*Aloe vera* Burm. F.), banana (*Musa paradisiaca* L.), cajueiro (*Anacardium occidentale* L.), cana-de-macaco (*Costus discolor* Rosc.), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Nees), capim santo (*Cymbopogon citratus* (D.C.) Stapf.), catinga de porco (*Caesalpinia pyramidalis* Tull), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br), erva-doce (*Foeniculum vulgare* Miller), eucalipto (*Eucalyptus tereticornis* Smith), girassol (*Helianthus annuus* L.), goiaba (*Psidium guajava* L.), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), hortelã miúdo (*Mentha villosa* Huds.), jenipapo (*Genipa americana* L.), laranja (*Citrus cf sinensis* Osbeck), lima (*Citrus lineata* Risso), limão (*Citrus limonum* Risso), mamoeiro (*Carica papaya* L.), mangueira (*Mangifera indica* L.), maracujá (*Passiflora cincinnata* Mart), maravilha (*Caesalpinia pulcherrima* Swartz), mastruço (*Chenopodium ambrosioides* L.), milho (*Zea mays* L.), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.), tamarindo (*tamarindus indica* L.), vassourinha (*Scoparia dulcis* L.). As doenças

mais combatidas com o uso das plantas medicinais são: as doenças sazonais (asma, bronquite, gripe, resfriado, tosse), as afecções do fígado, a ausência de menstruação, as cólicas, o diabetes, a diarreia, as dores nos rins, as feridas, as inflamações, o nervosismo, o reumatismo, as verminoses.

As considerações finais aprofundam discussão sobre a etnopedagogia, faz uma reflexão genérica sobre as idéias de Santos, Freire e Freinet, e identifica e analisa os valores etnopedagógicos: o diálogo, o amor, a sociabilidade, o conhecimento de mundo, a cooperação, o aconselhamento, a eficácia, a troca de experiência ou trabalho.

Entendo que devemos rumar no caminho da tolerância e do diálogo nos meios educativos. Esse pensamento sedimenta-se nas preocupações de autores como Freire, Freinet e Santos que, vivendo as marcas do seu tempo, apresentam saída para o relacionamento educativo. Eles colocam o conhecimento como prática social que deve dar sentido à vida. Sentido à vida que tenha uma subjetividade com lógicas emancipatórias, concebendo e desejando alternativas sociais, buscando transformar as relações de poder em “relações de autoridade compartilhada”.

Nessa perspectiva, a pedagogia deve incorporar não um discurso, mas uma prática ‘etno’ de potencialidades bioantropológicas do conhecimento. Aberta às diversas formas de conhecer, manifestadas nas várias culturas, evitando o etnocentrismo, a sacralização e os paradigmas inquestionáveis. A abertura para um novo conhecer é um redimensionar cultural, em que a realidade esteja presente nas ações educativas.

O projeto pedagógico de uma escola deve, desde a educação infantil, enraizar hábitos de tolerância diante do diferente ou divergente, assim como o aprendizado da

cooperação e da subordinação do interesse pessoal ou de grupo ao interesse geral, ao *bem comum*. Mediante o respeito a esses princípios e a partir de uma pequena pauta do que deve ser evitada pela escola, a primeira referência para a escola pública, seria o quanto esta escola está democratizada, entendida aqui como a universalização do acesso e da permanência à instituição escolar.

Palavras-chave: Ciência, senso comum, conhecimento, educação, memória, subjetividade, cultura, valores etnopedagógicos, idosos, gênero, plantas medicinais.

RÉSUMÉ

VIEILLES FEMMES EN FLEUR: MÉMOIRE ET HÉRITAGE ETHNO-PÉDAGOGIQUE SUR LES PLANTES MÉDICINALES DE FEMMES ÂGÉES, FEIRA DE SANTANA – BAHIA - BRÉSIL

Le titre de cette étude cherche à qualifier les connaissances des femmes âgées. Généralement l'expression "**en fleur**" qualifie la jeunesse.

Dans ce travail, cependant, l'expression "en fleur" apparaît après l'adjectif "vieilles", s'opposant à l'usage habituel du terme. Mais il ne s'agit pas de s'opposer pour s'opposer. Les femmes âgées, les collaboratrices, sont des expertes de l'utilisation des plantes dans la perspective de la mémoire et de l'héritage ethno-pédagogique.

Le point central de cette **étude** c'est la connaissance qu'ont des femmes âgées sans scolarité formelle sur les plantes médicinales, et les valeurs ethno-pédagogiques qu'elles utilisent dans la transmission de cette connaissance. Les connaissances, issues de l'expérience avec les plantes médicinales, développées par les femmes âgées n'ont pas bénéficié de la reconnaissance et de la visibilité méritée à l'intérieur de l'univers de l'éducation formelle (le **problème**). Partant de ce problème, la **question** générale Qui

oriente cette étude la est suivante: comment connaissances relatives à l'usage curatif des plantes médicinales sont transmises de génération en génération ?

La systématisation de ces connaissances est importante dans la mesure où celles-ci cherchent à répondre aux besoins de bien-être et aux aléas du quotidien, en rendant moins pénible la vie de personnes qui traversent des difficultés. Les valeurs subjectives qui se constituent dans cette situation de difficultés passent par la nécessité de survie et d'affirmation existentielle. Ces connaissances peuvent contribuer à la compréhension scolaire de certaines valeurs manifestées par les élèves à l'école.

Dans le champ épistémologique, la systématisation de ces connaissances consolide des définitions émergentes et alternatives de la réalité, à partir du dépassement de la connaissance locale, en la transformant de l'intérieur, en s'interpénétrant des sens produits par d'autres savoirs locaux, en la dénaturisant à travers la critique scientifique. La transformation des savoirs locaux se produit avec la transformation du savoir scientifique et avec celle-ci intervient la transformation du sujet épistémique.

Ainsi, **l'objet** "valeurs ethno-pédagogiques utilisées par les femmes âgées dans le processus de transmission" se doit à la liaison directe entre la production de connaissances dans la culture et la nécessité de discuter un nouveau paradigme pour l'éducation formelle. **L'objectif général** est de décrire les connaissances que les femmes âgées sans scolarité formelle ont sur les plantes médicinales ; **l'objectif spécifique** est d'identifier et d'analyser les valeurs ethno-pédagogiques utilisées par les femmes âgées dans le processus de transmission des connaissances relatives à l'utilisation des plantes médicinales par les autres générations.

L'axe de la discussion est la conception de la science et du sens commun proposée par Santos (1989), quand, sur la base de la double rupture épistémologique, la science et le sens commun configurent la *phronesis*. L'argumentation s'appuie sur les **présupposés théoriques** suivants:

1/ Les femmes âgées sans scolarité formelle produisent des connaissances qui sont transmises aux nouvelles générations, connaissances qui résultent d'une culture de classe, de l'histoire de vie et de lutte de ces femmes; histoire marquée par la place qui elles occupent dans la production sociale de biens et de services. Selon ce présupposé, la guérison de maladies par les plantes médicinales à partir des connaissances des plus vieux est conçue comme ayant une plus grande valeur que les "médicaments des médecins".

2/ L'efficacité que présentent quelques plantes médicinales fait partie du quotidien de ces sujets (les femmes âgées) et a été validée, au cours du temps, par l'expérience des générations antérieures. La conception d'efficacité est assurée par la transmission orale investie d'un processus éducatif qui culmine avec un savoir et un usage qui présentent des valeurs ethno-pédagogiques.

3/ Le troisième présupposé se réfère au rapport entre les savoirs des femmes âgées et l'éducation formelle qui est réorganisé par les connaissances des nouvelles générations. Ainsi, il est nécessaire de prendre en compte l'influence des valeurs et des modèles de l'école et des moyens de communication de masse sur la vie des individus.

Le réseau conceptuel est présenté à partir de la confrontation entre le savoir des femmes âgées et le savoir institutionnalisé, développant ensuite les concepts-clés:

éducation, mémoire, subjectivité, culture, valeurs ethno-pédagogiques, femmes âgées, genre, plante médicinale.

La note méthodologique se réfère à l'étude de cas avec l'application des techniques de l'histoire orale thématique et de l'histoire de vie de 5 femmes âgées entre 70 et 90 ans, résidant dans des quartiers périphériques de la commune de Feira de Santana (Bahia, Brésil); l'inventaire des plantes utilisées par ces femmes; l'analyse et l'interprétation des données basées sur l'ethno-pédagogie. Pour l'analyse des valeurs ethno-pédagogiques dans une perspective interdisciplinaire, nous avons utilisé les conceptions d'éducation et d'homme politique, sujet actif et conscient de Freire et de Freinet. Nous discutons la nécessité d'un nouveau paradigme pour l'éducation formelle à partir de l'ethno-pédagogie. Sur la base d'une conception de l'éducation qui donne la parole au peuple, nous pouvons comprendre l'ethno-pédagogie comme l'ensemble des études situées à l'interface de la pédagogie et de l'anthropologie. Cette interface va au-delà d'une simple relation entre les deux sciences, elle comprend la complexité qui est implicite dans les inter-relations entre l'éducation et les systèmes culturels. Du point de vue épistémologique, cela est d'une extrême importance puisque commence à se configurer une réponse concrète à la crise du paradigme cartésien de disciplines générant des disciplines.

L'ethno-pédagogie est un (entre)croisement de savoirs qui réunit des personnes différentes, ayant des niveaux divers de compétences, connaissances, habiletés spécifiques, en situations d'apprentissages mutuels. Elle constitue le processus de construction et d'organisation de la réflexion collective sur les déterminations naturelles et historico-sociales.

A partir de la possibilité offerte par l'ethno-pédagogie, une analyse et une interprétation des données ont été faites dans le chapitre intitulé "Femmes âgées en fleur : mémoire et héritage ethno-thérapeutique de femmes âgées sur les plantes médicinales". L'analyse et l'interprétation des données commencent par une brève réflexion théorique et sont divisées en six parties. La première est "Le contexte géographique de la recherche". La seconde, "Quelques aspects historiques des plantes médicinales dans la vie brésilienne", a comme sous-parties: les usages du pouvoir invisible dans la guérison, la femme sorcière dans le Brésil colonial, l'avortement ne s'enseigne pas, l'influence de l'Église dans l'inculcation des valeurs, la confiance dans la parole de la commère. La troisième partie, "La parole des collaboratrices", est sous-divisée de la manière suivante: la présence de la cohésion et de la cohérence dans le discours des collaboratrices; remèdes par les plantes médicinales, parmi lesquelles: recettes de sirops, combinaison des plantes, rapports entre le remède maison et la médecine traditionnelle; l'efficacité du remède, les superstitions et les croyances sur les usages de quelques plantes médicinales. La quatrième partie est le Catalogue des plantes médicinales utilisées par les collaboratrices. Il fait référence au nom populaire, au nom scientifique de la plante, à la partie utilisée, à l'indication ethno-thérapeutique et au sigle numérique de dépôt reçu par l'Herbier de l'Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). La sixième partie est le catalogue photographique de 135 plantes médicinales.

Nous considérons que le manque d'assistance médicale aux populations à ressources financières faibles a toujours favorisé le développement de thérapeutiques par les femmes

qui, en voyant la souffrance d'êtres aimés, utilisaient ou utilisent les expériences et les tentatives de guérisons employées par les plus vieux.

Le "sens commun éclairé" et la "science prudente" se respectent mutuellement quand ils confrontent leurs connaissances, en établissant un nouvel apprentissage. Dans cette perspective, nous avons cherché à connaître ce que dit la science sur les données recueillies auprès des collaboratrices.

Pour éviter les confusions dues à l'imprécision des noms populaires de 211 plantes citées par les collaboratrices, 166 ont été collectées, décrites et déposées dans l'herbier de l'Universidade Estadual de Feira de Santana, afin de les identifier. Des 166 déposées, 98 ont été identifiées par comparaison ou par des spécialistes. Les familles scientifiques les plus utilisées sont: Lamiaceae, Asteraceae, Solanaceae, Cucurbitaceae et Myrtaceae. Sur la base de la littérature consultée (Corrêa, 1998; Matos, 1999), 54 des 211 plantes du catalogue des collaboratrices, ont été reconnues par la science comme ayant une valeur thérapeutique. Nous en concluons que la science entreprend des études basées sur les informations de la population qui a une tradition d'utilisation des plantes médicinales.

Les actions prouvées scientifiquement ne sont pas différentes des informations données par les collaboratrices. Dans certains cas, on doit observer des précautions dans l'utilisation de quelques plantes, puisque leur toxicité est prouvée à forte dose; par exemple: avocat (*Persea americana* L.), armoise commune (*Artemisia vulgaris* L.), rue odorante (*Ruta graveolens* L.), "comigo-ninguém-pode" (*Dieffenbachia maculata* (Loddiges) G. Don), menthe pouliot (*Mentha pulegium* L.).

Les plantes médicinales les plus utilisées sont : courge (*Cucurbita pepo* L.), acerola (*Malpighia glabra* L.), "alumã" (*Vernonia bahiensis* Tol.), goyavier (*Psidium guineense* Sw.), faux poivrier (*Schinus terebinthifolius* Raddi), aloés (*Aloe vera* Burm. F.), banane (*Musa paradisiaca* L.), cajouier (*Anacardium occidentale* L.), "cana-de-macaco" (*Costus discolor* Rosc.), cannelle (*Cinnamomum zeylanicum* Nees), citronnelle (*Cymbopogon citratus* (D. C.) Stapf.), "catinga de porco" (*Caesalpinia pyramidalis* Tull), "erva-cidreira" (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br), fenouil (*Foeniculum vulgare* Miller), eucalyptus (*Eucalyptus tereticornis* Smith), tournesol (*Helianthus annuus* L.), goyave (*Psidium guajava* L.), plectranthus (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), "hortelã miúdo" (*Mentha villosa* Huds.), jenipapo (*Genipa americana* L.), orange (*Citrus cf sinesis* Osbeck), pamplemousse (*Citrus lineata* Risso), citron (*Citrus limonum* Risso), papaye (*Carica papaya* L.), mangue (*Mangifera indica* L.), maracuja (*Passiflora cincinnata* Mart), flamboyant nain (*Caesalpinia pulcherrima* Swartz), anserine (*Chenopodium ambrosioides* L.), maïs (*Zea mays* L.), herbe du chagrin (*Phyllanthus niruri* L.), tamarinier (*tamarindus indica* L.), "vassourinha" (*Scoparia dulcis* L.). Les maladies les plus combattues par les plantes médicinales sont: les maladies saisonnières (asthme, bronchite, grippe, refroidissement, toux), les affections du foie, l'absence de menstruation, les coliques, les diabètes, la diarrhée, les douleurs des reins, les blessures, les inflammations, la nervosité, les rhumatismes, les infections produites par les vers.

Les considérations finales approfondissent la discussion sur l'ethno-pédagogie, présentent une réflexion générale sur les idées de Santos, Freire et Freinet, identifient et analysent les valeurs ethno-pédagogiques: le dialogue, l'amour, la sociabilité, la

connaissance du monde, la coopération, le conseil, l'efficacité, l'échange d'expérience ou de travail.

Je considère que nous devons nous diriger vers le chemin de la tolérance et du dialogue dans les milieux éducatifs. Cette pensée est basée sur les préoccupations d'auteurs tels que Freire, Freinet et Santos qui, en vivant les marques de leur temps, présentent une issue pour la relation éducative. Ils définissent la connaissance comme une pratique sociale qui doit donner sens à la vie. Un sens qui ait une subjectivité avec des logiques émancipatrices, en concevant et en désirant des alternatives sociales, en cherchant à transformer les relations de pouvoir en "relations d'autorité partagée".

Dans cette perspective, la Pédagogie doit incorporer non un discours mais une pratique ethnographique des potentialités bio-anthropologiques de la connaissance. Ouverte aux diverses formes de connaître manifestées par les diverses cultures, évitant l'ethnocentrisme, la sacralisation et les paradigmes non questionnables. L'ouverture vers un nouveau connaître est un redimensionnement culturel dans lequel la réalité est présente dans les actions éducatives.

Le projet pédagogique d'une école doit, dès l'éducation infantile, créer des habitudes de tolérance face au différent ou au divergent, telles que l'apprentissage de la coopération et de la subordination de l'intérêt personnel ou de groupe, à l'intérêt général, au *bien commun*. Par le respect de ces principes et à partir de l'implantation de quelques routines concernant ce qui doit être évité par l'école, la première référence pour l'école publique serait de savoir dans quelle mesure cette école est démocratisée, la démocratisation étant comprise ici comme l'universalisation de l'accès et de la permanence dans l'institution scolaire.

Mots-clés: science, sens commun, connaissance, éducation, mémoire, subjectivité, culture, valeurs ethno-pédagogiques, femmes âgées, genre, plantes médicinales.

CAPÍTULO I - PROBLEMÁTICA

A educação submetida ao capital valoriza o conhecimento institucionalizado e tem como representante maior a *escola*. Porém, antecipado e/ou concomitante ao processo de conhecer, oficializado pela instituição escolar, o indivíduo vivencia um processo cumulativo de experiências que enriquece seu aprendizado.

O processo cumulativo que enriquece o aprendizado, segundo Viertler (1988 b), é chamado de endoculturação e dinâmica cultural.

As culturas humanas são transmitidas de uma para outra geração através de um processo educativo designado de *endoculturação* ou *socialização*. (...). O processo de endoculturação, na medida em que se vale também da linguagem falada, permite que o imaturo possa beneficiar-se das experiências dos maduros sem que tenha a necessidade de revivê-las por conta própria. Com isto, cria-se um processo cumulativo de enriquecimento de estratégias e soluções culturais de uma para outra geração, designado de *dinâmica cultural*.(p. 8 – 9)

Essa dinâmica cultural manifesta-se nos diversos espaços da sociedade. Entretanto, no contexto escolar existe uma tendência a marginalizá-la, visto que o sistema educativo da modernidade ocidental foi moldado por um tipo único de conhecimento, o conhecimento científico, e por um tipo único da sua aplicação, a aplicação técnica (tal racionalidade cognitiva-instrumental esquece a dinamicidade das relações sociais e políticas), não autorizando outras fontes de saberes. Porém, conteúdos vinculados através da dinâmica cultural se constituem em práticas educativas autorizadas e credibilizadas pelo saber popular, independente do grau de escolaridade dos sujeitos-referências dessa transmissão.

O conhecimento circulado, transmitido e re-significado como prática educativa, merece um estudo mais detalhado, no qual a fala de sujeitos que interagem no processo de endoculturação seja escutada, isto porque a proposição do conhecimento, segundo a aplicação técnica, deixa de fora a condição existencial, escamoteando os eventuais conflitos e silenciando as alternativas que, possivelmente, possam contribuir para a compreensão da intersubjetividade que envolve os sujeitos nos seus processos de aprendizagens (formais e informais).

O que é variável no processo educativo é o seu próprio objeto e o entendimento dele por parte da geração de adultos e da geração de jovens. Uma sociedade jamais é homogênea, embora em algumas delas o processo educativo tenha por objetivo homogeneizar; as sociedades, pode talvez dizer-se, pensam que em certa altura da vida dos jovens podem pô-los todos no mesmo nível de saber, enquanto noutras fases especializam-nos segundo as funções que definem o sistema classificatório das pessoas. Ao mesmo tempo pode dizer-se que, se este fenômeno classificatório existe, há também conhecimentos diversificados que coexistem com ele nas sociedades hierárquicas, tornando a concepção de prática educativa um desafio para a escola que tende a reconhecê-la unicamente como sua produção e/ou reprodução. (Freire, 1997, 2001; Libâneo, 1991; Zabala, 1998).

Concomitante e fora do espaço escolar existe uma prática educativa desenvolvida por sujeitos sem escolaridade formal, construtores de uma teia de valores subjetivos que fazem parte do cotidiano da população. (Bernardi, 1978; Brandão, 1985; Certeau, 1995; Freire, 1997; Gohn, 1999; Libâneo, 1991). Em especial, da população de pouco poder

aquisitivo, que busca as soluções de problemas no aprendizado das trocas de experiências e não no conhecimento oficial.

A concepção de prática educativa está sempre presente no fazer, no desenvolver de práticas e de experiências da ação cotidiana, e pode se concretizar independentemente da instituição escolar. Essa visão se contrapõe à idéia de que só existe prática educativa se houver escola, ou de que essa prática existe apenas quando toma consciência de si e confronta-se com a educação formal.

A prática educativa é aqui entendida como a manifestação de transmissão, apropriação, produção e re-significação dos conhecimentos e/ou dos saberes socialmente produzidos que dão sentido ao existir humano. Essa prática possibilita a construção de uma etnopedagogia, ou seja, uma pedagogia ancorada na perspectiva teórico-metodológica da Antropologia. O 'etno' passa a ser a marca do esforço pedagógico de educar uma sociedade. Não estaria legitimando uma só cultura e um só padrão cultural, mas diversas manifestações de conhecimento que há em uma sociedade.

A diversidade de manifestações gera conflitos. A conflitualidade no campo do saber pedagógico remete a uma perspectiva de saber complexo

que deve confrontar-se de forma articulada e dialética (não-linear e plural), como constituído de elementos diversos que só um metacontrole (uma epistemologia, uma metateoria) permite fixar, reconhecer e não eliminar, não caindo no erro de querer *reduzir* a complexidade/riqueza/variedade e o pluralismo/conflitualidade da pedagogia. (Cambi, 1999: 637)

A pedagogia precisa assimilar recursos etnopedagógicos na pluralidade do conhecer, para que conflitos educativos sejam solucionados. E para isso deve iniciar um trabalho de escuta da cultura, para compreender sua própria dinamicidade e sua tradição,

abrindo-se para a integração das diversas culturas originárias das migrações em dada sociedade:

A pedagogia deve aparelhar-se para compreender as culturas “outras” (em relação à ocidental, greco-cristã-burguesa), deve elaborar vias de comunicação e critérios de intercâmbio entre essas culturas, deve preparar para o diálogo e a tolerância (para valores bastante alheios à nossa tradição inclusive pedagógica, pouco tolerante e autoritária, baseada no domínio e não no diálogo). Trata-se então de colocar *en question* o etnocentrismo da pedagogia e desmascarar suas características de “racismo” e de intolerância, para favorecer a centralidade de princípios não-etnocêntricos, anti-racistas etc., para depois identificar também as vias para torná-los operativos – e o mais depressa possível – na sociedade, fazendo agir tanto a escola como os *mass media*, além da sociedade civil no seu conjunto. Abre-se, assim, para a pedagogia uma árdua tarefa, urgente e epocal, que ela deve procurar resolver (não sozinha certamente, mas com um papel prioritário) (...) (Cambi, 1999: 640)

Nessa perspectiva, a pedagogia deve incorporar não um discurso, mas uma prática ‘etno’ de potencialidades bioantropológicas do conhecimento. Aberta às diversas formas de conhecer, manifestadas nas várias culturas, evitando o etnocentrismo, a sacralização e os paradigmas inquestionáveis. A abertura para um novo conhecer é um redimensionar cultural em que a realidade esteja presente nas ações educativas.

A realidade coletiva está presente nas ações educativas propostas na escola e fora dela, quando se tem uma visão global e complexa da realidade. Visão demonstrada pela interação dos diversos conhecimentos produzidos socialmente, com reconhecimento dos diversos processos endoculturais.

A ausência da visão global encaminha a educação a uma ciência de discurso, a um reducionismo, à dualidade, ao centrismo, à aculturação e à negação do imaginário. A valorização do simples, para não reconhecer o complexo das/nas relações humanas nessa

concepção, torna problemática a situação de um país como o Brasil, que tem múltiplos campos de manifestações culturais devido à própria formação étnica.

A prática educativa que valoriza os aspectos culturais pode apresentar-se como capaz de refletir sobre a alteridade sociocultural, figurando a diversidade, a riqueza e a heterogeneidade da experiência humana, no tempo e no espaço. Essa prática educativa é marginal aos olhos da academia e das políticas públicas, quando deveria ser o cerne das reflexões da sociedade que tem uma diversidade sociocultural.

Em minha trajetória profissional, duas experiências evidenciaram a importância da prática educativa não-oficial: uma relacionada com a docência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental no Centro Educacional Biosfera, e a outra, atrelada ao convívio com trabalhadores rurais. A primeira experiência que foco para este estudo está relacionada à minha condição de estagiária do Movimento de Organização Comunitária (MOC), em 1984, - espaço onde pude entrar em contato com o saber dos trabalhadores rurais, em geral, sujeitos sem escolaridade formal. Chamava a minha atenção a perspicácia que utilizavam na solução dos problemas e sistematização das idéias dos “doutores” que faziam dos encontros a disputa entre o conhecimento escolarizado e o não escolarizado, a defrontação dos saberes.

Entre aqueles trabalhadores havia um processo de transmissão e produção de conhecimento não evidenciado, a princípio, para a ótica de pessoas da escola. O não relacionamento entre as técnicas da oralidade e da escrita é que acarretava uma descontinuidade no processo de aprendizagem, já que se referem a assuntos diferentes quanto à substituição da continuidade histórica de um grupo social. Isto porque cada técnica

sistematiza o real de forma diferente: os “doutores” não reconhecem os conhecimentos dos trabalhadores rurais. Porém, observava que o conhecer envolvia um jogo de valores nas trocas de relações daqueles sujeitos.

A segunda experiência está relacionada à minha condição de Professora e Diretora do Centro Educacional Biosfera (Feira de Santana - BA), que, partindo da seguinte concepção: *a escola deve compreender que o homem não é apenas sujeito de um conhecimento intelectual, e sim, um ser interdependente de relações com a natureza, com o sobrenatural, com a sociedade e com a pessoa – evidenciando assim, a complexidade bio-psico-sócio-cultural dos indivíduos que transitam no espaço escolar -*, desenvolveu um Projeto Pedagógico no período de 1995 a 1999 orientando-se pela complexidade das relações sociais entre escola/família/comunidade.

Essas relações sociais permitiram uma interação com os problemas comunitários dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Assim, era comum à escola evitar o retorno da criança à casa. Por isso, quando a criança chegava à escola alegando algum tipo de doença sazonal (dentre outras, resfriado, febre, alergia respiratória) e não tínhamos como enviá-la para casa, utilizávamos chás de hortelã, pitanga, capim santo, limão com mel, como alternativa de alívio do mal-estar sofrido. Quando a família vinha buscá-la e recebia o relato do dia, não só aceitava a solução encontrada pela escola, como também passava a relatar conhecimento referente às plantas medicinais. Nesse momento, havia troca de experiência entre as pessoas envolvidas. Era comum, o relato de receitas e simpatias aprendidas e divulgadas pelas pessoas mais velhas, dentre elas, avós e bisavós, existindo,

inclusive, uma validação da autoridade dessa forma de saber, praticado ao longo das gerações como solução para os males físicos.

Interessada pelos relatos, a equipe pedagógica da escola desenvolveu o *Projeto Etnobiologia na Escola*¹, que teve como objeto de investigação o conhecimento dos sujeitos da terceira idade sobre plantas medicinais, e dentre os objetivos: a) estimular a preservação do conhecimento etnobiológico² das plantas medicinais na comunidade local; b) abordar a eficácia terapêutica das plantas medicinais em algumas doenças sazonais apresentadas pelos discentes; c) sistematizar o acervo de etnoconhecimentos referentes à relação doenças/plantas medicinais da localidade.

Os dados coletados evidenciaram o papel da idosa no processo de transmissão de saberes referentes ao uso de plantas medicinais na terapêutica cotidiana dos sujeitos. Esse papel evidencia um sujeito dinâmico e rico em experiências e saberes subjetivos, que contribuem para a superação de estereótipos construídos no bojo da sociedade capitalista. Essa constatação aponta para a idéia de que a dependência, as limitações físicas, as restrições da habilidade cognitiva e a ausência de papéis sociais, que faziam parte do processo de perdas, devam ser substituídas pela valorização das conquistas e experiências vividas e dos saberes acumulados (como ganhos nas relações dessas idosas com o mundo e

¹ Apresentado nos eventos científicos: 50º Congresso Nacional de Botânica (1999) - *Conhecimento Etnobiológico das Plantas Medicinais na Escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura*; IV Jornada Paulista de Plantas Medicinais (1999) e no V Encontro Nacional de História Oral (1999) - *Plantas Medicinais e a Orientação Emoterapêutica de Indivíduos da Terceira Idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença*.

² Etnobiologia “é essencialmente o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Em outras palavras, é o estudo do papel da natureza no **sistema de crenças** [grifo meu] e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos utilizados pelos povos em estudo”. (Posey, 1997: 1).

com os mais jovens), que vão recolocá-las a pleno título na vida social. (Cambi, 1999; Debret, 1999; Novaes, 1997).

A preocupação da sociedade com o idoso deve-se, sem dúvida, ao fato de o mesmo corresponder a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico. Representatividade conseguida com a melhoria da qualidade de vida, aos avanços da medicina paradoxalmente ao agravamento da concentração de renda. Mas, neste estudo, a preocupação com a idosa centra-se na sua contribuição para os valores desenvolvidos comunitariamente, através da maneira como transmitem suas experiências, seus saberes educativos.

O movimento social traduzido pela prática educativa popular pode apresentar características até mais claras que os movimentos escolares e deve ser levado em consideração se são considerados com a experiência, o cotidiano da vida. (Thompson, 1981).

O cotidiano fomenta a experiência que, no entrelaçamento da perspectiva individual e social, constrói a memória coletiva da população. Memória essa que se encarrega de valorizar, transmitir, re-transmitir e provocar fissuras no conhecimento.

As fissuras no conhecimento provocam conflitos que geram a busca de um novo conhecimento que será universalizado (tornado conhecido), objetivado (visão de conhecê-lo) dentro de uma pluralidade de conhecimentos das várias culturas.

O respeito à pluralidade de conhecimento é que gera novos conhecimentos que poderão diminuir os preconceitos referentes às outras culturas. Abre-se a possibilidade do cotidiano dar respostas a essa busca devido a sua singularidade e simplicidade.

Nas palavras de Morin (2001a)

Penso que, em todas as culturas, o conhecimento cotidiano é uma mistura singular de percepções sensoriais e de construções ideoculturais, de racionalidades e de racionalizações, de intuições verdadeiras e falsas, de induções justificadas e errôneas, de silogismos e de paralogismos, de idéias recebidas e de idéias inventadas, de saberes profundos, de sabedorias ancestrais de fontes misteriosas e de superstições infundadas, de crenças inculcadas e de opiniões pessoais. Ele é, com freqüência, bastante limitado em relação aos conhecimentos científicos, mas estes são, com freqüência, muito limitados em relação a esse conhecimento vulgar ingênuo. De qualquer maneira, o leitor verá, não estou do lado dos escribas e dos fariseus, do lado dos preciosistas e dos Diaforus, do lado dos que, por função e profissão, crêm por detentores das Luzes. (p. 12)

Por isso, o conhecimento sobre plantas medicinais é um estudo sobre idosas que produzem conhecimentos que não estão oficializados pela escola, mas formam um *corpus* do pensar humano na solução dos seus problemas.

Os conhecimentos da experiência com plantas medicinais desenvolvidos por idosas não têm tido o reconhecimento e a visibilidade merecida no universo da educação formal. Daí, a falta de sistematização do mesmo. Esse é um problema constatado.

Por que trabalhar com esses conhecimentos é importante?

Porque hoje, como no período colonial (Souza, 2000), as adivinhações, curas mágicas, benzeduras procuram responder às necessidades e atender aos acontecimentos diários, tornando menos penosa a vida das pessoas que se encontram em dificuldade. Os valores subjetivos que vão sendo constituídos nessa situação de dificuldade perpassam pela necessidade de sobrevivência e afirmação existencial. De maneira que pode colaborar na compreensão escolar o porquê de alguns valores manifestados pelo aluno no interior da escola.

No campo epistemológico procuro reforçar definições emergentes e alternativas da realidade a partir da superação do conhecimento local, transformando esse conhecimento por dentro, interpenetrando-o com sentidos produzidos noutros saberes locais, desnaturalizando-o através da crítica científica. A transformação dos saberes locais ocorre com a transformação do saber científico e com este ocorre a transformação do sujeito epistêmico, do ser cientista e do ser técnico. O cientista há de saber usar duas linguagens (científica e a não científica) nos vários locais de comunicação.

O conflito cultural da des/valorização do conhecimento das pessoas sem escolaridade formal deve ser considerado na análise das prerrogativas epistemológicas. Porque o mesmo (conhecimento) é básico para análise do modo de vida da maioria da população de uma dada cultura. Essa pretensão decorre do desejo de uma sociedade mais democrática, conseqüentemente respeitadora da diversidade, pluralidade cultural.

A partir desse contexto problemático decidi elaborar um Projeto de Dissertação de Mestrado em Educação, com a **questão** - Como é repassado para as novas gerações o conhecimento relativo ao uso curativo com plantas medicinais? Tendo como **objeto de estudo** – conhecimento sobre plantas medicinais, e o **recorte** mais preciso, os valores etnopedagógicos utilizados por idosas no processo de transmissão desse conhecimento.

O **recorte** “valores etnopedagógicos utilizados por idosas no processo de transmissão” deve-se à ligação direta entre a produção de conhecimento na cultura e a necessidade de discussão de um novo paradigma para a educação formal. O estudo que pretendo desenvolver nesse trabalho pode contribuir para uma Etnopedagogia na qual já se

tem alguma contribuição como a D'Ambrosio, 1998 com a Etnomatemática, Freinet, 1996 e Freire, 2002, 1997 com a educação para o povo.

As concepções de educação de Freire e Freinet se assemelham. Ambas dão a palavra ao povo, para falar de sua vida, como passo fundamental para o desenvolvimento da autonomia e o engajamento na transformação do mundo. A “expressão livre” foi a grande descoberta de Freinet para dar a palavra à criança. Já Freire preocupado com a educação dos adultos insistia em dizer que a palavra é um transformar o mundo, pois, ao dizer a própria palavra, as pessoas começam a construir conscientemente seus próprios caminhos, partindo de problemas locais e detendo-se em esclarecer conceitos e palavras, de maneira a fazer emergir uma tomada de consciência dos problemas que supere tanto o individualismo, quanto o localismo.

Tanto Freire quanto Freinet defendem o diálogo e a cooperação entre sujeitos com o objetivo de problematizar, compreender e transformar a realidade. Eles buscam respeitar e valorizar a cultura do aluno.

A perspectiva de estudo do conhecimento sobre plantas medicinais e os valores etnopedagógicos utilizados por idosas sem escolaridade formal, para a formação de novos sujeitos de conhecimento sobre essas plantas, nos remete à discussão que Freire em seus trabalhos aponta, que é a “leitura de mundo” que o sujeito faz da sua realidade. A “leitura de mundo” incorpora conhecimento à subjetividade de uma comunidade ao constituir o valor transmitido e re-significado, constantemente.

A re-significação dos conhecimentos etnoculturais mescla a existência da identidade de um grupo, de um povo. Toda e qualquer educação institucionalizada deverá estar

buscando compreender essa identidade, inserindo-a em seu contexto, através da justiça social permissiva à democratização dos saberes produzidos socialmente das relações sociais. Mesmo quando se ocupa do campo lógico-matemático, que tem um modo próprio de proceder, deve-se saber ver o sentido cultural do aprendizado em relação ao patrimônio próprio do aprendiz.

Fundamentar a etnopedagogia é ter como pontos básicos o relativismo das culturas, a leitura do território, o imaginário e a dimensão histórica.

Estudar, visando trazer à tona etnoconhecimentos e valores etnopedagógicos de idosas sem escolaridade formal, é ter por **objetivo geral**, a descrição dos conhecimentos que as idosas, sem escolaridade formal, têm sobre as plantas medicinais e, por outro lado, a identificação e análise dos valores etnopedagógicos utilizados pelas idosas no processo de transmissão para as novas gerações dos conhecimentos relativos ao uso das plantas medicinais. - como **objetivo específico**.

A etnopedagogia figura como pensamento “novo” nas ciências pedagógicas. Tem-se aqui um estudo “inédito” na área educacional, pois os estudos já realizados que tratam da temática – plantas medicinais – fazem convergir os olhares botânico, médico, de saúde, histórico, e sócio-antropológico.

Santos (2001n) em *Rezadeiras, benzedadeiras e curandeiros: uma história das práticas culturais/medicinais/religiosas populares na Terra do Santo Antônio – Recôncavo Sul – Bahia*, realiza estudo histórico, objetivando “identificar no cotidiano da sociedade de Santo Antônio de Jesus e demais localidades circunvizinhas a presença de manifestações culturais/medicinais/religiosas populares, protagonizadas por curandeiros, rezadeiras,

benzedeiros, parteiras e raizeiros”, e “identificar quais os lugares sociais onde tais sujeitos construíram e reconstruíram seus modos de vida e de luta, seus costumes e vivências”. O primeiro capítulo aborda: “Questão de Saúde: Aspectos Sociais e Cura Popular”, discute as dissonâncias sociais que afetam a saúde da população carente; desconstroem a idéia de que as práticas culturais/medicinais/religiosas populares são folclóricas, ignorantes, demoníacas, mostrando a função social de tais práticas entre as comunidades “subalternas” da região.

No segundo capítulo, “Revivência: questão de costume e resistência”, Santos (2001) procura discutir a especialização do curandeiro e suas estratégias de resistências e sobrevivência na manutenção de seus costumes e tradições.

No terceiro capítulo “Cortando o mal: questão de saúde, vida ou morte”, discute o tratamento dado pelos poderes públicos à saúde e os problemas de saúde. Aborda, também, os métodos de cura que as rezadeiras, as parteiras, benzedeiros, raizeiros e curandeiros utilizam para cortar o mal das pessoas que os procuram.

No estudo de Souza (1990) “*Saúde e saber popular: um estudo de caso dos raizeiros e mangaieiros*”. *Doutores populares na cidade de Natal*, a autora faz um estudo etnográfico de caráter sócio-antropológico sobre um aspecto do conhecimento popular em saúde, procurando “entender um pouco da vivência desses” doutores “populares, conhecer suas” histórias, seus medicamentos, observar suas relações com sua numerosa clientela casual e apressada, registrar as propriedades terapêuticas mencionadas das plantas utilizadas, os produtos por eles fabricados – seus “remédios” - ouvir seus relatos de cura e os de sua clientela”. E, ainda discute a questão da dicotomia saber popular conhecimento

científico em saúde e examina alguns projetos e pesquisas encontradas sobre o assunto no Rio Grande do Norte”

No *XVI Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil* (2000), os estudos de etnofarmacologia apresentados no livro de resumos não têm uma preocupação pedagógica no seu bojo. “A etnofarmacologia procura identificar e estudar os remédios transculturais, comparando o uso deste entre duas ou mais culturas, com a mesma função e tendo a menor relação possível com a cultura específica do grupo étnicos estudado” (Alves, et al., 2000: 106). Dos sessenta trabalhos apresentados com a temática de etnofarmacologia apenas um (página 104) traz explicito ações de educação em saúde desenvolvidos em escola – *A fitoterapia na atenção primária a saúde – Projeto de Assistência Farmacêutica à Creche-Escola do Aprisco (AFCEA)* -, os autores do projeto procuram desenvolver uma cultura de troca de saberes, científico e popular, que enriquece o conhecimento das partes, universidade e população.

As observações sinalizadoras para a pesquisa “Conhecimento sobre plantas medicinais: valores etnopedagógicos utilizados por idosas sem escolaridade formal – Feira de Santana – Bahia” decorrem das influências que as plantas medicinais manifestam no cotidiano das pessoas que habitam a cidade.

O município de Feira de Santana localiza-se no Estado da Bahia, a cerca de 110 km à noroeste da capital do Estado – Salvador, em torno de 11° 58' e 12° 26' de latitude Sul e 38° 50' e 38° 17" de longitude oeste Gr. Altitude relativa de mais ou menos 258 metros. Limitando-se com os seguintes municípios: Antônio Cardoso (SSW), São Gonçalo dos Campos (S), Amélia Rodrigues (SSE), Coração de Maria (E), Irará e Candeal (NNE),

Anguera e Ipecaetá (W), Santa Bárbara e Tanquinho (N). A área do município é de aproximadamente 1344 Km², situada na fronteira do recôncavo baiano com o tabuleiro semi-árido da região Nordeste. Segundo o censo do IBGE de 2000, possui 481.137 mil habitantes, desse total 431.530 moram na zona urbana e 49.607 na zona rural (Conserva e Gama, 2001). Apresenta-se como a segunda cidade do Estado e a 35^a do País, em desenvolvimento econômico. Tem um clima tropical semi-úmido, apresentando um certo grau de semi aridez em alguns pontos do município. Do ponto de vista econômico está incluso no Polígono da Seca, segundo a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), temperatura média anual de 23,6°C³; vegetação é variada – em algumas partes é mata verde, em outras é caatinga. O cotidiano da cidade reafirma a origem comercial, com a venda do gado, a realização da feira semanal – às segundas-feiras – no Centro de Abastecimento; a devoção à Nossa Senhora Santana, e a condição de um dos principais eixos rodoviários do país, abrigando uma população oriunda de vários Estados brasileiros, sobretudo da região Nordeste.

Por ser um eixo rodoviário que liga o Brasil de Norte a Sul, Feira de Santana é uma cidade formada eminentemente por migrantes que, devido ao seu comércio e possibilidade de empregos, permanecem na cidade, constituindo sua feição pluricultural.

Essa feição dá características próprias a muitos bairros. Contudo, empiricamente falando, todos manifestam conhecimento sobre plantas medicinais. É o caso da dissertação de Nascimento, 1998 sobre “*As práticas populares de cura no povoado de Matinha dos Pretos – BA: eliminar, reduzir, ou convalidar?*”. Esta pesquisa resgata as experiências das

³ Informações prestadas pelo professor Gildarte Barbosa da Silva (mestre em Meteorologia) – coordenador da

práticas da medicina popular utilizadas pelos rurícolas de Matinha, povoado de Feira de Santana – e tem como objetivos: identificar as práticas populares de cura utilizadas pela população; apreender e analisar os significados atribuídos a essas práticas e a concepção de saúde-doença pelos agentes populares de cura e, de modo particular, pela população de Matinha.

O estudo de Nascimento (1998) tem a preocupação com a saúde pública, enquanto que o estudo pretendido neste trabalho é voltado à educação.

O campo de estudo deste trabalho são bairros dos quais a pesquisadora tem vivências pessoais e profissionais na área de educação. Esse fator é favorável para o estudo de caso, considerando que a familiaridade entre as pessoas facilita as narrativas. Foi mantido o estranhamento ao assunto, na medida do possível, evitando que a relação de objetividade e a de subjetividade se confundam, na coleta, na análise e na interpretação dos dados.

Os bairros escolhidos para a investigação (Pampalona e Sítio Novo) situam-se na periferia da cidade, e parece terem origem na Fazenda Canavieiras, pertencente ao distrito de Maria Quitéria.

A educação formal (1^a a 4^a séries), durante vinte e quatro anos (1963 – 1987), Escola Santa Rita, ficou praticamente a cargo da professora primária Odete de Oliveira Almeida⁴ que veio para o bairro da Pampalona por causa da formação escolar dos filhos.

Estação Climatológica da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 26/06/2002.

⁴ Nasceu em 10 de setembro de 1932, natural de Castro Alves – BA, veio para Feira de Santana, casou-se, teve filhos e sempre foi dedicada à educação. “Sempre foi uma pessoa muito dedicada, uma pessoa que sempre teve os olhos voltados para educação, tudo que fazia era no intuito de ajudar as crianças, ela gostava muito ajudar” – trecho da entrevista da professora Ana Maria Almeida de Araújo.

Como funcionária da prefeitura construiu inicialmente uma sala de aula da referida escola, visando a manutenção do emprego que já tinha na Fazenda Ipuacu, onde morava. Progressivamente, foi ampliando a escola com recursos próprios chegando a onze salas de aulas, funcionando em três turnos com um mil e duzentos alunos em 1985. Mas, devido ao tamanho inadequado das salas de aula a escola foi extinta. A mobilização da comunidade nos meios de comunicação (rádio, jornal) sensibilizou alguns políticos para a construção do Colégio Estadual Edith Machado Boaventura, inaugurado em 09 de maio de 1986. Desta forma, o bairro passa a abrigar maior número de alunos da circunvizinhança (Sítio Novo, Caraíbas, Asa Branca, Pedra Ferrada, George Américo, Campo do Gado Novo) funcionando com o ensino fundamental de 1ª a 8ª séries. A população infantil é expressiva, porém não recebe assistência de educação oficial.⁵

Os bairros supra citados são desprovidos de atividades culturais, biblioteca, jardins, serviço sanitário e pavimentação na maioria das ruas. São servidos por telefones públicos, coleta de lixo, igrejas de credos diferentes, transporte coletivo e energia elétrica. As atividades econômicas predominantes são: a agropecuária e o pequeno comércio. Apesar do processo de urbanização já visível, ainda predominam as características rurais.

Os serviços educacionais são pouco valorizados (apesar da reivindicação citada anteriormente para a construção do Colégio) pela maioria da população. Mesmo que o censo escolar do Colégio Estadual Edith Machado Boaventura tenha registrado um aumento considerado de matriculados de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental nos últimos

⁵ Dados obtidos na entrevista com a professora Ana Maria Almeida de Araújo (filha da professora Odete de Oliveira Almeida, diretora da Escola Municipal Santa Rita e do Colégio Edith Machado Boaventura de 1991 a 1996, em 16 de março de 2002, na casa da entrevistada).

anos, ele é proporcional ao aumento populacional⁶. Existe uma incidência muito grande de analfabetos e poucos escolarizados, devido ao desinteresse e/ou a falta de oportunidades.

O Colégio Estadual Edith Machado Boaventura não tem condições de atender a demanda. Muitos ficam sem matrícula por falta de espaço físico na escola. As turmas, geralmente, são compostas por mais de quarenta e cinco alunos. Os anos mostrados no gráfico 01, em que houve um aumento considerável de alunos, correspondem à tentativa de atender maior número de pessoas, formando turmas em média de cinquenta alunos, o que inviabilizou a qualidade do ensino.

A educação formal de 1^a a 4^a séries vem sendo atendida pelas escolas municipais: Escola Maria Crispina Costa (Pampalona), Escola Almira Pereira Lago (Campo do Gado Novo),

⁶ Tabela 01 – População da Localidade Pesquisada.

Subdistrito: Pampalona

Tabela 01 – População da Localidade Pesquisada

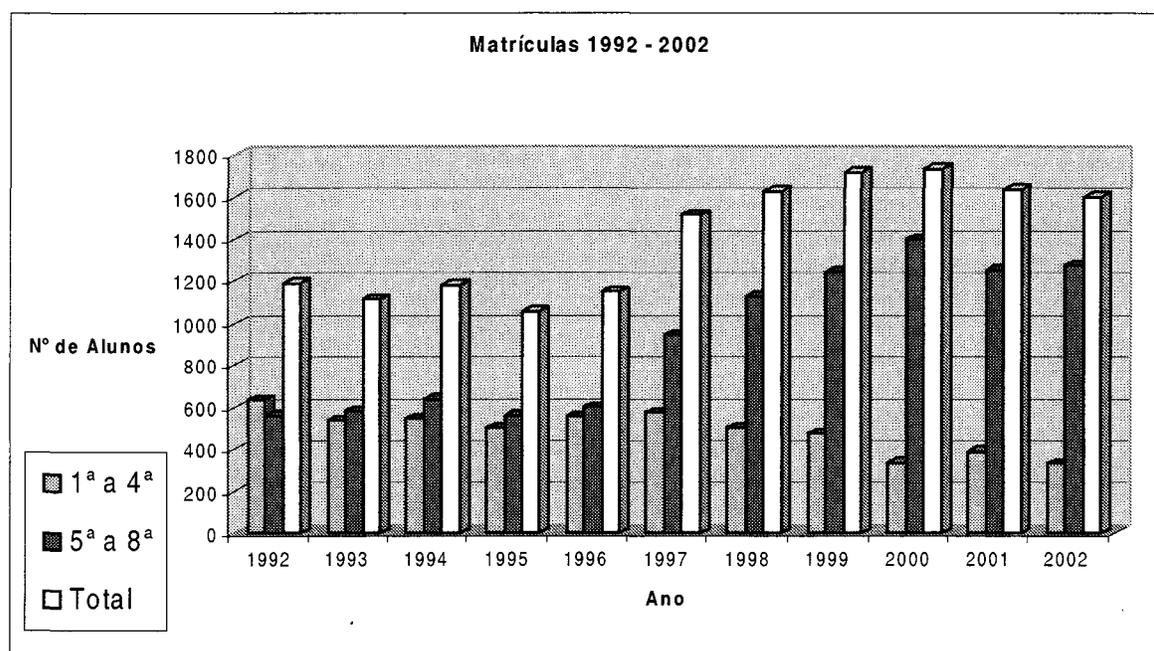
Bairros	Domicílios		Particulares Uso ocasional	Vago	Pessoas		Residentes Mulheres	Uso não residencial
	Ocupados	Fechados			Homens	Mulheres		
Nova Esperança	356	03	02	46	724	692	35	
Gabriela	3.525	30	30	419	6.569	6.993	321	
Pampalona	1246	10	06	195	2.398	2.567	207	
Campo Limpo	9.944	82	236	1191	19.662	20.882	1.249	
Campo do Gado Novo	582	04	14	116	1.169	1.224	75	
Asa Branca	970	03	26	136	1.915	2.067	129	
Novo Horizonte	788	08	07	125	1.582	1.627	96	
Total	17.411	140	321	2.228	34.019	36.052	2.112	

Fonte: Censo de 2000 – IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

Dados fornecidos pelo Senhor Ricardo funcionário do IBGE – Feira de Santana – BA, em mar./2002

Escola Oyama Figueiredo (Sítio Novo), Escola Rubens Carvalho (Carabas), Escola Antonio Alves (Asa Branca), Escola Artur Martins da Silva (Pedra Ferrada), Escola Norma Suely (George Américo), fator que contribui progressivamente para diminuição da oferta de vagas de 1^a a 4^a séries no Colégio Edith Machado e o aumento progressivo das vagas de 5^a a 8^a séries.

Gráfico 01: Matrículas 1992-2002



⁷ Tabela 02- Índice de matrículas do Colégio Estadual Edith Machado Boaventura, Feira de Santana – BA, 2002.

Ano	1ª a 4ª	5ª a 8ª	Total
1992	631	557	1188
1993	533	581	1114
1994	545	637	1182
1995	498	558	1056
1996	554	596	1150
1997	568	947	1515
1998	501	1126	1627
1999	471	1244	1715
2000	335	1399	1734
2001	386	1251	1637
2002	327	1273	1600

Fonte: Censo Escolar (Diretor Joilton Santos Silva em 07 de junho de 2002).

Durante nove anos fui professora da disciplina História, no ensino fundamental de 5ª a 8ª séries, no Colégio Estadual Edith Machado Boaventura e, por iniciativa própria, coletava dados para análise sobre a clientela, através da avaliação diagnóstica aplicada no início de cada ano letivo e através dos diálogos, durante o ano, na classe e extra-classe. Visava caracterizar as perspectivas e conhecimento do aluno, discutir temas polêmicos (o aborto, a sexualidade, a fome, a violência, o trabalho infantil e escravo, ...), registro do nível de escrita do aluno, temas atuais comparando-os com as épocas históricas.

O conhecimento prévio do aluno não faz parte do currículo oficial, o que motiva a ignorá-lo (o conhecimento) dentro da escola. Pode-se atribuir a esse fato um dos motivos que despertam os sentimentos contraditórios da população relacionados à escola. A escola é vista como possibilidade de ascensão social e, ao mesmo tempo, como a que rejeita e despreza o sujeito, o inválido – *nada do que a gente sabe vale nessa escola...*

A escola não consegue enfrentar as questões sociais que possam redimensionar a posição do aluno oprimido e negligenciado pela negação de sua cultura, diferenciada daquela apregoada pelo poder escolar que, em última instância, é o poder sócio-político. Afeta assim, a vida do aluno, levando-o a crer que é incapaz intelectualmente, trazendo sérios danos sócio-político-afetivos.

Atos como o desdenhar o professor em sala de aula, o agredir os colegas, desafiar a autoridade do diretor, depredar o patrimônio escolar e calar-se diante dos roubos sofridos pela escola demonstram, claramente, os sentimentos ambivalentes do aluno. É uma das formas que o aluno tem de dizer que tem vida, que tem cultura e que requer um reconhecimento sem marginalização.

No decorrer desses anos de ensino, investiguei quais eram as perspectivas de vida do aluno. Constatei que ele tinha sonhos: “*eu gostaria de ser um bom professor*”; “*eu quero me formar*”; “*quero ser feliz*”; “*estudar e passar de série*”; “*quero ser jogador*”; “*quero ser alguém na vida*”, entre outros sonhos. Na maioria das vezes, esses sonhos não avançam, pois estudam no máximo até a 8ª série do ensino fundamental.

A imposição da cultura dominante faz com que o aproveitamento escolar fique abaixo do esperado. As contradições no relacionamento professor-aluno ganham notoriedade com a idéia da “promoção automática” (o oposto da “cultura da repetência”), gerada por uma interpretação equivocada do artigo 23, inciso V, alínea a, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996⁸- diziam os professores “*todos devem ser aprovados*”, “*agora dizem que o nosso trabalho não vale nada, pois se reprovamos, o aluno tem direito à aprovação só porque frequentou*”. A confusão inviabiliza o ato de conhecer e de atuar pedagogicamente com a intenção de transformar a realidade social do aluno. Por outro lado, muitos alunos entendiam que não precisavam mais estudar. O ensino-aprendizagem passou a ser o menos importante do fazer escolar. E o programa de acelerar o estudo, implantado paralelamente, contribuiu para um engodo da realidade escolar; que o entendeu, como a lei do menor esforço, parafraseando Werneck (1992) “*Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo*”.

A qualidade do ensino-aprendizagem deteriorou-se. Havia alunos que concluíam o ensino fundamental sem saber ler e escrever palavras do vocabulário básico. A exclusão

⁸ Diz a alínea, a avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre eventuais provas finais.

social⁹ gera o processo de auto-exclusão.

Em suma, em todos os casos, a principal força da imposição do reconhecimento da cultura dominante como cultura legítima e do reconhecimento correlativo da ilegitimidade do arbitrário cultural dos grupos ou classes dominados reside na exclusão, que talvez por isso só adquira força simbólica quando toma as aparências da auto-exclusão. (Bourdieu e Passeron, 1982: 52 – 53)

Percebo que as diversas iniquidades sociais como a desigualdade, a discriminação, a pobreza e a miséria reinam no interior da escola e que as mesmas são disfarçadas pelo discurso e prática dos programas de ajuda: merenda escolar, amigo da escola, bolsa cidadã entre outras, tornando o problema de exclusão social “invisível”.

E fora da escola essa exclusão se dá pela negação do conhecimento do senso comum das pessoas. Daí a importância de se estudar o conhecimento sobre plantas medicinais de idosos sem escolaridade formal, para que o mesmo abra a possibilidade de fala desses sujeitos.

A escola não conseguirá escutar o sujeito com cultura diferente da ofertada pelo currículo oficial, se não fizer a “leitura de mundo” desse sujeito e com esse sujeito. Sistematizar práticas do cotidiano é um passo para inclusão da escola na vida e a vida na escola.

⁹ Exclusão social é aqui entendida como o não direito ao direito constituído socialmente, como exemplo: frequentar a escola, concluir o curso e não está apto a ocupar o emprego. O aluno das classes de aceleração são vulneráveis sociais, vivem com subempregos ou desempregados.

CAPÍTULO II - QUADRO TEÓRICO

I - DIÁLOGANDO COM A CIÊNCIA E O SENSO COMUM

O foco central deste estudo é, de um lado, o conhecimento sobre plantas medicinais das idosas sem escolaridade formal, residentes em bairros periféricos Pampalona e Sítio Novo de Feira de Santana – Bahia e, de outro, os valores etnopedagógicos que utilizam na transmissão dos conhecimentos. O eixo argumentativo orientador dessa análise é a concepção de ciência e senso comum proposta por Santos (1989 i) que, à luz da dupla ruptura epistemológica ciência e senso comum, configura a *phronesis*¹⁰.

A visão de que a ciência moderna é a única fonte de conhecimento válida deve ser substituída, sem perder a expectativa que gera, abrindo espaço para a positividade do senso comum, para que num processo de interação e reconhecimento mútuo da importância de cada tipo de conhecimento produzido social e culturalmente, ele possa contribuir para o aprofundamento da competência cognitiva e comunicativa e, assim, “se transforme num saber prático e nos ajude a dar sentido e autenticidade à nossa existência” (p. 42).

Santos (1989 i), ao criticar a concepção positivista de conhecimento, contrapõe ao ideário da modernidade a necessidade de uma dupla ruptura epistemológica, ou seja, de

¹⁰ (...) pretende-se um senso comum esclarecido e uma ciência prudente, ou melhor, uma nova configuração do saber que se aproxima da *phronesis* aristotélica, ou seja, um saber prático que dá sentido e orientação à existência e cria o hábito de decidir bem. Aproximando-se, embora, da *phronesis* aristotélica, a nova configuração do saber distingue-se contudo dela. A *phronesis* combina o caráter prático e prudente do senso comum com o caráter segregado e elitista da ciência, uma vez que é um saber que só cabe aos mais esclarecidos, isto é, aos sábios. A dupla ruptura epistemológica tem por objeto criar uma forma de

uma ruptura moderna entre conhecimento científico e senso comum permitindo, dessa forma, a própria transformação do senso comum (senso comum emancipatório).

Para Santos (1989 i), mais que problematizar a validade do conhecimento, a ciência hoje precisa questionar o sentido do conhecimento no mundo contemporâneo. Assim, a justificativa da prática científica se estabelece pelas conseqüências que é capaz de produzir tanto na sociedade quanto na comunidade científica. Trata-se de uma concepção exteriorizante da ciência, em que a verdade é “o efeito de convencimento dos vários discursos de verdade em presença e em conflito” (p. 149). Nessa ruptura epistemológica, o saber científico associa-se a outros saberes, propiciando a ruptura entre a ciência e senso comum. Na visão de Santos, essa dupla ruptura epistemológica é a estratégia da transição paradigmática entre a modernidade e a pós-modernidade. Nas palavras do autor:

Assente nesta concepção exteriorizante da ciência, a dupla ruptura epistemológica é uma estratégia da transição, uma estratégia epistemológica adequada ao período de transição paradigmática. É bem possível que o objetivo que neste período se pretende obter mediante dupla ruptura seja obtível pela ciência pós-moderna sem a mediação de qualquer ruptura. Na presente fase de transição não se pode prescindir de um conhecimento científico autônomo, mas é cada vez menos sustentável que essa forma de conhecimento prescinda, por sua vez, da sua superação no seio de outros saberes e de outras comunidades de saber com vista à constituição de uma phronesis, uma sabedoria de vida, agora mais democrática por via da mais ampla distribuição das competências cognitivas que o próprio desenvolvimento possibilita.(...) (p. 149 – 150)

A concepção defendida por Santos (i) se contrapõe ao paradigma positivista, e repousa sobre a idéia de que a separação entre verdade epistemológica e verdade sociológica é insustentável. Assim, na medida em que a pós-modernidade assuma um

conhecimento, ou melhor, uma configuração de conhecimentos que, sendo prática, não deixe de ser esclarecida e, sendo sábia, não deixe de estar democraticamente distribuída .(...) (Santos, 1989 i: 41 – 42)

conceito pragmático de ciência, trabalhar com o conhecimento das idosas é dissolver as fronteiras entre o senso comum e o saber científico, entendendo que o senso comum na vida dessas mulheres é significativo e apresenta um arcabouço histórico de validade.

Apoiando-me no que diz Santos (1987) sobre o senso comum:

o senso comum faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão de mundo assente na ação e no princípio da criatividade e das responsabilidades individuais. O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma de confiança e dá segurança. O senso comum é transparente e evidente; desconfia da opacidade dos objetos tecnológicos e do esoterismo do conhecimento em nome do princípio da igualdade do acesso ao discurso, à competência cognitiva e à competência lingüística. O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre as pessoas e entre as pessoas e as coisas. O senso comum é indisciplinar e imetódico; não resulta de uma prática especificamente orientada para produzir; reproduz-se espontaneamente no suceder quotidiano da vida. Por último, o senso comum é retórico e metafórico; não ensina, persuade” (p. 56 e segs. Apud Santos, 1989: 40)

espero descrever os conhecimentos sobre plantas medicinais das idosas e dialogar com a ciência.

Pois, Santos (1989 i) ao propor a dupla ruptura epistemológica conclui:

1. que todo conhecimento é em si uma prática social, cujo trabalho específico consiste em dar sentido a outras práticas sociais e contribuir para a transformação destas;
2. que uma sociedade complexa é uma configuração de conhecimentos, constituída por várias formas de conhecimento adequadas às várias práticas sociais;
3. que a verdade de cada uma das formas de conhecimento reside na sua adequação concreta à prática que visa contribuir;
4. que, assim sendo, a crítica de uma dada forma de conhecimento implica sempre a crítica da prática social a que ele se pretende adequar;
5. que tal crítica não se pode confundir com a crítica dessa forma de conhecimento, enquanto prática social, pois a prática que se

conhece e o conhecimento que se pratica estão sujeitos a determinações parcialmente diferentes. (p. 47)

A prática garante ao praticante a liberdade do saber: quanto mais se pratica um saber mais domínio se terá sobre esse saber.

A ampliação do horizonte cultural das pessoas será capaz de uma integração dos conhecimentos a respeito do homem. A consciência de que o conhecimento científico não é tudo, e que a partir da tradição fora da competência científica, há um amplo fluxo de conhecimento sobre a humanidade, sob a forma de religião, de arte, de economia, de educação, desde a Antigüidade até nossa época racionalizada. A racionalização científica não pode ser a única fonte de explicação dos atos humanos, mas uma das possibilidades.

A possibilidade de um novo olhar científico não está na promoção da ciência, mas em proporcionar ao sujeito que possui o conhecimento do senso comum informações que lhe possibilitem julgamentos independentes, numa era de política dirigida da informação.

Essa intenção pretende, entre outras coisas, mostrar a provisoriedade de uma investigação em face das limitações momentâneas daquilo que a ciência sabe.

O conhecimento produzido pela ciência não deve ter uma visão unilateral, mas pluridimensional. São muitas as possibilidades de interações entre o conhecimento humano obtido cientificamente pela pesquisa e a imagem relativa de valores, de cultura.

Assim, sendo a ciência um objeto construído socialmente, cujos critérios de cientificidade são coletivos e setoriais às diferentes ciências, é imprescindível a valorização do senso comum na perspectiva de uma *phronesis*.

II - O CONFRONTO ENTRE O CONHECIMENTO DE IDOSAS E O CONHECIMENTO INSTITUCIONALIZADO

A pergunta a ser respondida nesta seção é a seguinte: Como o conhecimento de idosas sem escolaridade formal se confronta com o conhecimento institucionalizado?

O confronto entre o conhecimento de idosas sem escolaridade formal e o conhecimento institucionalizado é estabelecido a partir de relações de poder. Por isso, busco, à luz da História Oral e da Antropologia, fazer a interpretação das experiências dessas idosas e dessas relações de poder.

Para tanto, é preciso compreender como essas idosas se apropriam e transmitem saberes e valores¹¹, das crenças da comunidade para compreender como historicamente vem se constituindo o modo de pensar a educação entre elas, e o modo de conceber a escola e o tipo de conhecimento sobre o uso de plantas medicinais. É preciso compreender a experiência mais ampla da formação humana dessas pessoas, desta coletividade, desse sujeito social, para entender porque e como seus saberes se confrontam com o conhecimento escolar.

Por isso, resgato o conceito sobre educação de Frigotto (1996) que

concebida como uma prática social, uma atividade humana e histórica que se define no conjunto das relações sociais, no embate dos grupos ou classes sociais, sendo ela mesma forma específica de relação social. O sujeito dos processos educativos aqui é o homem e

¹¹ *é a participação na cultura como complexo unitário. Aquilo que se insere nesse complexo e contribui para a sua unidade, para a sua integração, constitui um bem. Deve ser valorizado, adquirido, mantido, transmitido.* (Bernardi, 1978, p. 36).

A apreciação dos valores culturais é transmitida como uma herança na tradição. Mas não se mantém constante, ou melhor, não se cristaliza. Pode variar com a alteração dos conhecimentos e das interpretações culturais que estão na base das relações humanas. Há valores actuais conhecidos pelo seu significado imediato e vivo; há valores do passado cujo significado é somente histórico. (...) (Bernardi, 1978, p. 36 – 37)

suas múltiplas e históricas necessidades (materiais, biológicas, psíquicas, afetivas, estéticas, lúdicas). (p. 31)

e faço sua articulação com o processo produtivo dos bens materiais, pois entendo que os seres humanos, buscando sobreviver, se organizaram em sociedade. Buscaram, assim, agrupar-se para progredir através da aprendizagem, da divisão do trabalho. A divisão do trabalho e a acumulação de instrumentos de trabalho (ou capital), em quantidade cada vez maior e de qualidade cada vez melhor, possibilitaram ao homem ampliar extraordinariamente seu poder sobre a natureza, bem como desenvolver seu potencial para produzir e satisfazer as necessidades materiais da vida.

Mas, a distribuição do trabalho, motivada pela necessidade, resultou também numa diferenciação dos papéis desempenhados pelos membros de uma sociedade. Nos primeiros tempos, provavelmente, essa diferenciação tinha um caráter exclusivamente funcional: quando a produtividade ainda era baixa, todos os membros da sociedade viviam próximos, inexistindo classes sociais ou níveis hierárquicos. Contudo, a distribuição mais aperfeiçoada das tarefas, combinadas com instrumentos de trabalho mais sofisticados propiciara maior produtividade que levou, ao menos para uma pequena parte da sociedade, livrar-se do fardo do trabalho cotidiano. Isto possibilitou o surgimento de privilégios que, para serem mantidos, foram instaurados crenças e valores metafísicos que justificavam a diferenciação. A maioria da população incorporou a justiça da distribuição de papéis sociais. E para dar sustentação a essa crença de valores a educação é colocada a serviço desse pequeno grupo, insurgido como “iluminado”.

O saber, o conhecimento, ganha uma nova conotação, deixa de ser de todos passando a ser de alguns, daqueles que detêm os meios de produção. Então, livres do

trabalho manual passam a pensar a sociedade enquanto organização das ações humanas que devem servir aos seus interesses. São eles que hegemonicamente dirão o que é certo ou errado. Assim, buscam homogeneizar o pensamento para que possam manter-se no poder e regular socialmente o homem.

Delineando melhor, a educação ajuda a pensar tipos de homens, de transmissão de saber, de produção de conhecimentos, de participação no processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens, poderes que, em conjunto, constroem os vários tipos de sociedades.

É dessa divisão do trabalho que surge a luta pelo direito de pensar e expor os sentimentos, as explicações, as óticas diversas de conceber o mundo fora da tirania imposta pela minoria privilegiada (políticos, sacerdotes, patrões/senhores e intelectuais), determinando como cada ser humano se organiza e se constitui enquanto identidade, e identidade de um coletivo.

Hoje, século XXI, percebe-se que a luta pelo resgate da representação social mais democrática continua a eclodir sob diversas formas de manifestações. Quando se fala em globalização, aldeia global, o sujeito histórico cobra logo pela sua posição na sociedade, requerendo que o seu local, que sua identidade seja preservada. Mas, como garantir isso se durante séculos esse sujeito teve sempre um tratamento fragmentário, apesar de vir lutando para ser visto como ser integral com necessidades bio-psico-afetivo-sócio-político-culturais?

Percebe-se que a incorporação de valores e de idéias na forma de pensar são difíceis de serem vencidas, rompidas, pois todo o nosso sistema de ensino ocidental apoia-se na

definição da Grécia Clássica (século V, a.C.) que racionalizou um modelo político, normativo e visionário de educação. Esse modelo tinha por objetivo educar o cidadão para a participação ativa e inteligente na comunidade cívica. A finalidade da educação era cultivar a formação do caráter virtuoso na busca contínua da liberdade.

A discussão trazida, agora, à luz da reflexão é que a educação escolar continua escamoteando os paradoxos sociais por estar subordinada aos interesses do capital, excluindo a maioria da população dos benefícios da justiça social e da democratização dos bens simbólicos e, ao mesmo tempo, apregoando a ampliação dos espaços públicos para essa maioria. Paralelo a ela sempre existiu uma educação não reconhecida que se identifica com e faz a história do povo. Educação essa que sobrevive pela força da subjetividade coletiva de ir contra a hegemonia do poder, a favor da constituição do saber cultural.

Dentro desta perspectiva, tento explicar que o conhecimento de idosas sem escolaridade formal se confronta com o conhecimento institucionalizado que apresenta uma historicidade de saber, especialmente quanto ao uso das plantas medicinais.

Entendo que a sociedade, ao legitimar parte do saber produzido pelo homem na ótica da objetividade e da racionalidade, esquece que o mesmo foi produzido por existir uma subjetividade imbricada em um processo composto por traços relacionais transversais, para além do mensurável e do manifesto. É necessário, portanto, reconhecer os conhecimentos de sujeitos até então considerados “ignorantes”, mas que passam por um processo de apropriação, uso e transmissão de conhecimentos na sua relação de vida. É importante o resgate da construção desse conhecimento através da caracterização, do registro e da análise da sua apropriação de geração em geração, sem a linearidade pensada,

até aqui, para os processos educativos que visam responder ao desejo capitalista de produção do *conhecer fazer* e não do *conhecer ser*.

Percebo que as idosas sem escolaridade formal têm representações sobre o que é a escola, sua função social e seus valores. Mas, pelo fato de as idosas não terem freqüentado a escola formal, sua aprendizagem fica restrita à memória, à oralidade. A aprendizagem pela memória não escrita fica sujeita às relações que as pessoas atualmente praticam, enquanto a memória escrita fica relacionada às abstrações universais das mesmas: por isso é tão importante a *phronesis*.

III - A MEMÓRIA

A *memória* é fonte de discussão em várias disciplinas: na psicologia (Atkinson e Shiffrin, 1968; Bower e Hilgard, 1981; Greeno e Bjork, 1973; Wicckelgren, 1981; Wittkock, 1981 apud Coll et al., 1996; Brown e McNeil, 1996; Tulving, 1982 apud Eysenck e Keane, 1994; Vigotski, 1998), na literatura (Marcel Proust, Baudelaire), na psicanálise (Freud, 1972, 1977), na Filosofia (Aristóteles, Santo Agostinho, Walter Benjamin, Apud Rouamet, 1990; Adorno, Marcuse, Bergson 1990), na história (Thompson 1992; Le Goff, 1996, Leroi-Gourhan), na biologia (Penfield apud Machado, 1991, Darwin, Haeckel, François Jacob, Mendel), na sociologia (Maurice Halbwachs, Pierre Nora), na cibernética (Lévy, 1999). Como também é derivação da mitologia grega - a deusa *Mnemosyne* e da retórica romana valorizada pelo método de memorização utilizado ou “memória artificial”, que constituíam a “Arte da Memória”.

É evidente, que a memória é estudada, recolhendo traços da cultura de um povo, quer através da oralidade, quer através da produção escrita. Foram identificados seis grandes tipos de *memória*: a memória perceptiva ou reconhecimento, a memória-hábito, a memória-fluxo-de-duração-pessoal, a memória social ou histórica, a memória biológica da espécie, a memória artificial das máquinas.

As quatro primeiras fazem parte da vida de nossa consciência individual ou coletiva; a quinta é inconsciente e puramente física; a última é uma técnica (Chauí, 1997). Definir cada tipo de memória não é do interesse desse estudo, porém interessa entender que a memória ordena a existência, tentando manter vivos os costumes de um tempo, assegurando a predominância da oralidade na codificação de mensagens. “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais.” (Chauí, 1997: 125). Não encerrando em si um sentido de tempo único, exceto em situações de resistência em que a tradição e seus aspectos básicos se mantêm praticamente inalterados. “A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.” (p. 128).

A memória é inseparável do sentimento do tempo ou da percepção/existência do tempo como algo que ecoa ou passa. Por isso, a memória em trabalhos literários de Walter Benjamin é um evocar as experiências sedimentadas em seu próprio passado e na tradição coletiva. (Rouanet, 1990: 46)

Vê-se que “muitas das teorias sobre a memória utilizam a metáfora espacial [idéia decorrente da mitologia grega e do estudo aristotélico]. Em outras palavras, supõe-se que as

memórias são armazenadas em localizações específicas dentro da mente, a partir da qual elas podem ser recuperadas”. (Eysenck e Keane, 1994: 153)

Ter uma noção razoável de nossas próprias capacidades de memória é saber o quanto se torna progressivamente mais difícil lembrar de um evento com a passagem do tempo, e que existem muitas coisas que podemos reconhecer, mas não seremos capazes de recordar (ex.: o nome de um conhecido). Especialmente interessante é o fenômeno “na ponta da língua”, em que nós, muitas vezes, parecemos ter certeza que conhecemos algo, mesmo quando não conseguimos trazer a informação necessária à mente (Brown e McNeil (1996) apud Eysenck e Keane, 1994: 138)

No entanto, existem pessoas que, quanto mais tempo vivem, mais são capazes de melhor recordar os fatos passados, e interpretar com maior e melhor lucidez a experiência. É partindo desse pressuposto que se recorre à memória das idosas.

A memória que se apoia nas *tradições orais*, é entendida, aqui, como todos os testemunhos orais, narrados, relacionados ao passado. Essa definição implica em que as tradições orais, ou seja, os testemunhos falados e cantados, podem ser considerados” (Vansina, J., 1966: 33 apud Reyzábal, 1999: 264)

Esse tipo de memória registra as identidades culturais, estando as mesmas em constante processo de transformação, reconhecidamente como identificações em curso (Santos, 1999 j). As identificações em curso apresentam a subjetividade.

IV - A SUBJETIVIDADE

Evoco novamente o sociólogo Santos (1999 j), para discutir a subjetividade e a relação que a mesma tem com a elaboração e transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais, por parte de/das idosas sem escolaridade formal.

A dupla ruptura epistemológica deve construir um paradigma que produza uma subjetividade emancipatória, capaz de reverter o processo de regulação social, subordinação e o conformismo. Capaz de aspirar à “ressocialização da equação interesse-capacidade” e a multidimensionalidade da própria subjetividade:

Se o novo paradigma epistemológico aspira a um conhecimento complexo, permeável a outros conhecimentos, local e articulável em rede com outros conhecimentos locais, a subjectividade que lhe faz jus deve ter características similares ou compatíveis. (p. 333)

Essa subjetividade emergente deve se ver e ver o mundo utilizando-se de retóricas e lógicas emancipatórias. Deve conceber e desejar alternativas sociais, buscando transformar as relações de poder em “relações de autoridade compartilhada”.

A construção dessa subjetividade deve ser suficientemente competente para atuar junto às “competições paradigmáticas” estimuladas para explorar as alternativas de emancipação social. Santos (1999 j) propõe três metáforas culturais para guiar essa construção: a *Fronteira*, o *Barroco* e o *Sul*. Esses conceitos são utilizados para significar formas de subjetividade e sociabilidade capazes de explorar as potencialidades emancipatórias na transição paradigmática. Com cada uma dessas metáforas culturais, o autor constrói conceitos da subjetividade fronteiriça, da subjetividade barroca e da subjetividade do sul.

A fronteira “é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis” (p. 153). A fronteira permite um pleno potencial emancipatório à subjetividade. “A zona fronteira é uma metáfora que ajuda o pensamento a transmutar as relações sociais e políticas” (p. 155)

Santos acredita que a subjetividade da transição paradigmática é também uma subjetividade barroca. Apoiase em momentos históricos ocorridos em países que tiveram seu poder debilitado e tentaram ocultar essa fraqueza através de uma *sociabilidade conformista*.

O barroco possibilitou a autonomia e criatividade das margens e das periferias, pois seu momento histórico contou com o desgaste do poder central (nos exemplos das colônias e dos colonizadores Portugal e Espanha). Devido ao enfraquecimento do centro (colonizadores), o controle sobre as margens (colonizadas) foi enfraquecendo e produzindo uma marginalização que possibilitou uma criatividade social e cultural específica, autônoma e criativa.

A terceira metáfora que Santos (1999 j) propõe, para compor a subjetividade da transição paradigmática, é o *Sul*, o qual produziria um novo ético senso comum. O *Sul* “uma metáfora para designar os oprimidos pelas diferentes formas de poder, sobretudo pelas que constituem os espaços-tempo estruturais acima descritos, tanto nas sociedades periféricas, como nas sociedades semiperiféricas, como nas sociedades centrais”. (ib: 329).

Assim, Santos (1999 j), ao propor “revalorizar os conhecimentos e as práticas não hegemônicas que são afinal a esmagadora maioria das práticas de vida e de conhecimento no interior do sistema mundial” (p. 329), oferece as condições para que o conhecimento sobre plantas medicinais, preservados pelas idosas sem escolaridade formal, seja estudado em “horizontalidade” em relação ao conhecimento científico, mantendo uma co-ocorrência epistemológica leal entre conhecimentos. A preocupação do autor está em fazer reconhecida uma subjetividade que esteja sustentada num tópico de emancipação, uma subjetividade que signifique o desejo e a capacidade de exercer a solidariedade. A intenção não é criar um *Sul* que impere nos moldes do *norte*, mas apreender do *Sul* aquilo que ele tem a nos ensinar, valorizar as suas próprias formas de enfrentamento, de sobrevivência, de reconhecer seus próprios limites e criar formas de vencê-los. É preciso desejar ouvir o *Sul*, justamente pelo fato dele ter sido silenciado pelas práticas repressoras do *norte* imperial. Esse epistemicídio, acompanhado pelo linguagídio que o *norte* imperial empreendeu, excluiu o *Sul* duplamente: não tendo o que dizer e não tendo como dizer (linguagem própria). Para Santos (idem), “aprender do *sul* implica, portanto, eliminar juntamente o *sul*. Na extensão que seja possível ao *sul* pensar-se em outros termos que *sul*, será também possível ao *norte* pensar-se em outros termos que não *norte*”.

Para Santos (2000 k), os topoi da *fronteira*, do *barroco* e do *Sul* contribuirão para uma subjetividade emancipatória se estabelecer interrelações.

Santos (1999 j) lembra que somos uma rede de subjetividades formada pelas relações que estabelecemos nos múltiplos contextos cotidianos e, especialmente, em quatro deles: *o doméstico, o da produção, o da cidadania e o da mundialidade*. É exatamente em

cada uma dessas redes e na rede de relações entre elas, em sua multiplicidade e complexidade, que *conhecemos*. O reconhecimento e a aceitação desses fatos como parte do cotidiano exige que se afirme a necessidade de se entender, discutir e negociar com os múltiplos conhecimentos tecidos nas e entre as várias redes desses contextos cotidianos que, estão muito além do espaço/tempo do conhecimento escolar ou mesmo científico que desprezam/negam o conhecimento sobre plantas medicinais de idosas sem escolaridade formal, mas que com ele mantêm relações que estão ainda insuficientemente estudadas:

Por isso o novo conhecimento, sendo argumentativo, tem um interesse especial pelo silêncio para averiguar até que ponto ele é um silêncio genuíno, ou seja, o resultado de uma opção argumentativa e até que ponto ele é um silenciamento, ou seja, o resultado de uma imposição não argumentativa. Porque o Sul é o campo privilegiado do silêncio e do silenciamento, é esta outra das razões por que o novo paradigma lhe confere uma atenção particular (Santos 1999 k: 330).

Procurar falar sobre o conhecimento das idosas sem escolaridade formal e escutá-las é começar a ensaiar a possibilidade de estabelecer uma nova subjetividade, um novo *sul* no conhecimento.

V - A CULTURA, OS VALORES ETNOPEDAGÓGICOS E AS IDOSAS

A cultura, enquanto dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções (Bernardi, 1978; Certeau, 1995; Morin, 1979, 2001; Pelto, 1984; Santos, 1994 h), mas diz respeito a toda a capacidade e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.

A cultura é composta de fatores essenciais, segundo Bernardi (1978):

São quatro os factores essenciais da cultura. O *anthropos*, ou seja, o homem na sua realidade individual e pessoal; o *ethnos*, comunidade

ou povo, entendido como associação estruturada de indivíduos; o oikos, o ambiente natural e cósmico dentro do qual o homem se encontra a actuar; o chronos, tempo, condição ao longo da qual, em continuidade de sucessão, se desenvolve a actividade humana.

Nenhum destes factores produz, só por si, a cultura, mas nenhum pode ser considerado estranho ao seu processo dinâmico. A sua acção é constante e, através de uma análise profunda, encontram-se em todas as manifestações culturais com evidência mais ou menos patente. (p. 50)

A cultura é a manifestação interdependente dos quatro factores em observância a comunidade.

A comunidade, no entanto, não é um conjunto de indivíduos justapostos casualmente, mas um complexo coordenado e ordenado para a obtenção de fins específicos. Apresenta-se em vários níveis de formação, com graus e extensões diversas de participação. A família, o grupo, o parentesco, o povo, a nação, são todas formas de comunidade. O vocábulo grego ethnos significa povo e é precisamente pela sua relação colectiva com a cultura que foi adaptado como étimo para indicar o estudo sistemático da cultura na palavra etnologia. (p. 62)

O conceito de etno é reforçado por D'Ambrosio (1998)

Etno se refere a grupos culturais identificáveis, como por exemplo, sociedades nacionais – tribais, grupais, sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc. – inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até maneiras específicas de raciocinar e inferir. (p.18)

O 'etno' é a representação do humano nas ações humanas. Compreende-se um objeto cultural relacionando-o à atividade humana e é a atividade que circunscreve a historicidade dos objetos culturais, aos quais atribuem-se significados.

Os valores etnopedagógicos relacionam-se com a memória identificada da cultura de um grupo - as mulheres, que transmitem valores e estabelecem relações nem sempre visíveis no formalismo educacional.

A exclusão ou escamoteamento dos valores etnopedagógicos, utilizados por idosas para a apropriação e a transmissão dos conhecimentos sobre plantas medicinais, demonstra a estreiteza que a cultura tem de si mesma. Com esse pensamento assente, a fala de Santos (2000 k) sobre a dupla escavação arqueológica:

[...] escavar no lixo cultural produzido pelo cânone da modernidade ocidental para descobrir as tradições e alternativas que dele foram expulsas; escavar, no colonialismo e no neocolonialismo, para descobrir nos escombros das relações dominantes entre a cultura ocidental e outras culturas, outras possíveis relações mais recíprocas e igualitárias. Esta escavação não é feita por interesse arqueológico. O meu interesse é identificar nesses resíduos e nessas ruínas fragmentos epistemológicos, culturais, sociais e políticos que nos ajudem a reinventar a emancipação social. (p. 18)

A partir da escavação, abrem-se as possibilidades pedagógicas de trabalhar os valores etnopedagógicos das idosas sem escolaridade formal, com os educadores Freire e Freinet, pois os mesmos têm uma preocupação com a socialização do saber e do conhecimento.

O conhecimento socializado pelas idosas requer um registro sistemático para divulgação em outras culturas. A socialização desse conhecimento coloca os “oprimidos” na condição de produtores de cultura.

A concepção de educação e de homem político, sujeito ativo e consciente de Freire e de Freinet, contribui para a compreensão do conhecimento produzido pelas idosas e de como pedagogicamente pode-se explicar a transmissão através das gerações.

Um ponto fundamental da pedagogia de Freinet é o “Tateamento Experimental”. Ele inspira a necessidade de uma aprendizagem ativa, uma aprendizagem que permite ao aprendiz a busca das relações dos conceitos, das intervenções, das discussões. O

“tateamento experimental” é uma forma natural de aprendizagem onde, a partir da manipulação do real e do concreto, constroem-se as intervenções educacionais, o conhecimento.

A pedagogia de Freire tem suas bases no Existencialismo, no Marxismo e no Cristianismo; valoriza o ser homem social, a compreensão, o diálogo, a esperança e o amor. Entende que ensinar não é transmitir mecanicamente o conhecimento. A transmissão de conhecimento exige a consciência do inacabamento (o ser está sempre aprendendo e re-significando o conhecido), o respeito à autonomia do ser do aprendiz, o saber escutar e o reconhecimento de que a educação acontece com o diálogo.

Propondo uma educação problematizadora para discutir os problemas da realidade e não ocultá-los, despertando o indivíduo, libertando-o do medo, para levá-lo à conscientização, a concepção de Freire aproxima da educação formal os valores etnopedagógicos das idosas (sem escolaridade formal). Pode-se fomentar a existência dos valores etnopedagógicos e da sua aproximação com os estudos científicos, talvez na perspectiva de uma “ciência decente”.

Os valores etnopedagógicos podem abrir a possibilidade de uma revisão sobre o senso comum.

O valor é entendido como “a participação na cultura como complexo unitário. Aquilo que se insere nesse complexo e contribui para a sua unidade, para a sua integração, constitui um bem. Deve ser valorizado, adquirido, mantido, transmitido”. (Bernardi, 1978: 36). Para Bernardi (1978), a apreciação dos valores culturais

é transmitida como uma herança na tradição. Mas não se mantém constante, ou melhor, não se cristaliza. Pode variar com a alteração dos conhecimentos e das interpretações culturais que estão na base das relações humanas. Há valores actuais conhecidos pelo seu significado imediato e vivo; há valores do passado cujo significado é somente histórico...

Conclui-se, portanto, que qualquer valor é relativo. Especificam-se como bens integrados em relação à cultura, em relação às transformações que ela sofre e, daí em relação ao tempo e, finalmente, em relação aos simples indivíduos. Esta relatividade é uma conclusão de profunda importância para a antropologia, a qual se propõe avaliar os valores da cultura humana em todas as suas manifestações e tem por fim fazê-los conhecer e conservar. (p. 36–37)

O mundo é um espaço culturalmente partilhado, o conhecimento é sensivelmente socializado: considerados os problemas de origem e de distribuição presentes na socialização do conhecimento.

O conhecimento “é uma capacidade disponível a nós, seres humanos, para que processemos de forma mais adequada a nossa vida, com menos riscos e menos perigos.” (Luckesi, 2000: 51). Todo o conhecimento é uma prática social de conhecimentos, ou seja, só existe na medida em que é protagonizado e mobilizado por um grupo social, atuando num campo social em que atuam outros grupos rivais protagonistas ou titulares de formas rivais de conhecimento. (Santos, 1989 i)

Os seres humanos atribuem valores e importâncias diferentes aos objetos que existem no mundo e com os quais se relacionam, o que determina o *sistema de pertença* que vem sempre acompanhado de um saber. O saber é uma fala verdadeira com explicação objetiva ou subjetiva.

Pelo fato de os seres humanos manifestarem valores diferentes sobre objetos, coisas e fatos, é que esse estudo deu a palavra à idosa - aquela que tem idade igual ou superior a sessenta anos.

O idoso “é detentor de uma experiência única, de uma história que deve ser passada e ouvida com atenção pelos mais jovens. A memória, nesses contextos, é um bem valioso que deve ser preservado pela nação e por cada indivíduo” (Debret, 1999: 149). Por opção pelo conceito de gênero, a palavra foi dada a *idosa*, que manifestou, através das narrativas, a sua memória sobre o conhecimento com plantas medicinais e os valores etnopedagógicos que tem utilizado para transmiti-los às gerações.

VI - GÊNERO: UMA OPÇÃO CONCEITUAL

A discussão sobre gênero (Arendt, 1995; Bebbabib e Cornell, 1997; Beauvoir, 1949; Maluf, 1995; Muraro, 1993, 1991; Nye, 1995; Passos, 1996, Perrot, 1992), tem como eixo a construção social dos papéis de homem e mulher na sociedade. Gênero - é a construção social do indivíduo como sujeito masculino e feminino estabelecida a partir das relações sociais, estando homens e mulheres inseridos em um meio que atribui significação diferenciada por papéis distintos e desiguais, masculino e feminino. A categorização dos gêneros deve ser reconhecida como construção social. A participação das mulheres deve tornar-se visível na construção das ciências.

Em sociedades que vivem da coleta e caça de pequenos animais para sobrevivência do grupo, homens e mulheres governam juntos. Grupos remanecentes destas culturas são os mahoris (Indonésia), pigmeus e bosquímanos (África Central). Nesses grupos, a mulher

ainda é considerada um ser sagrado, porque pode dar a vida e, portanto, ajudar a fertilidade da terra e dos animais. (Muraro, 1991: 5).

Nas sociedades em que a força física passa a ser necessária à caça aos grandes animais, se inicia a supremacia masculina, o homem desenvolve o “poder cultural”. Nessas sociedades os homens sentem inveja da mulher, pois ela possui o privilégio de reproduzir a espécie, o “poder biológico”. As relações entre homem e mulher passam a ser uma relação de poder, em que normas são estabelecidas e a hegemonia masculina torna-se uma presença com a coerção e a centralização. (Muraro, 1991).

A institucionalização do casamento com descendência masculina, no período neolítico, faz a mulher propriedade do homem, a exemplo das sociedades pastoris descritas na Bíblia. A utilização dos instrumentos que permitem o cultivo da terra passa à mão do homem, as sociedades se tornam patriarcais. “Já não são mais os princípios feminino que governam juntos o mundo, mas, sim, a lei do mais forte” (Muraro, 1991: 7).

As mulheres passam a ter a destinação do casamento e da procriação, e normas morais são instituídas para assegurar a fidelidade conjugal. O ato sexual só pode acontecer dentro do casamento e com fins específicos de procriação. É negado o prazer da atividade sexual.

A ambivalência dos prazeres sexuais dos séculos I e II leva os médicos a descreverem patologias decorrentes dos atos sexuais e a reafirmarem a superioridade do macho em relação à fêmea. (Foucault, 1985). “A atividade sexual se encontra no princípio de efeitos terapêuticos como também de conseqüências patológicas.” (p. 121).

Os períodos históricos que viverá a humanidade serão influenciados pelos mitos, especialmente o mito da criação. Os diversos mitos da criação sugerem sempre as relações do homem e da mulher e os arquétipos que serão constituídos a partir do emergir de cada concepção de criação.

Muraro (1991) cita Marilyn French, fazendo referência ao trabalho da autora onde a mesma cita o mitólogo americano que escreveu *The Marks of God: Occidental Mythology* (Nova York, 1970), que divide o mito da criação em quatro grupos: esses grupos correspondem às etapas cronológicas da história humana – da etapa matricêntrica da humanidade à fase patriarcal (aqui começa uma incursão sobre o mitologema constituído a respeito da mulher).

A sabedoria da mulher estrutura o arquétipo feminino de rebeldia em relação ao conhecimento do homem (Perrot, 1992). A sabedoria da mulher é evocada desde o momento bíblico em que a mulher não pretende se submeter ao homem. É possível que a constituição do conhecimento com plantas medicinais, no subconsciente feminino, seja uma forma de resistência ao poder masculino. Segundo Sicuteri (1990), Lilith a primeira companheira de Adão “pede para ser considerada igual, Eva pensa que não há morte ao assumir a sabedoria proibida. Lilith desobedece à supremacia de Adão, Eva desobedece à proibição. Ambas assumem um *risco*, mediante um *ato*”. (p. 38)

A tentativa, segundo o mitologema de Lilith, de igualdade da mulher ao homem sendo uma expressão demasiadamente contrária, leva à comparação do amargor da losna: “está amarga como a losna, afiada como espada com corte duplo” (p. 39). Assim, “Lilith se estrutura como arquétipo e símbolo das proibições colocadas ao *desejo*, sobre as quais vão

se agregar influências religiosas de culto e psicológicas, transformando-a em verdadeiro *tabu*” (p. 58).

O mitologema da mulher desafiadora se faz e se refaz durante todos os períodos históricos, sempre como construtor de um universo de novas relações e desafios ao homem que a teme e que tende a superá-la. O conhecimento feminino é ameaçador ao homem e, em alguns aspectos, ameaçador à existência do macho. “O homem é também aquilo que sente e experiencia subjetivamente e todo este patrimônio de experiência lhe pertence mesmo se vier a faltar uma verificação objetiva que do exterior codifique o endosso daquilo que é ou não aceito” (ibidem: 148).

O poder de cura, atribuído à mulher durante todo o caminhar da humanidade, passa pelo desejo e pelo medo do controle da fêmea. Em algumas civilizações esse poder é atribuído às mulheres que têm o conhecimento de cura, a titulação de deusa e, em outras ou em dado momento da mesma civilização, a de funesta destruidora, a bruxa (Del Priore, 1993; Delumeau, 1989; Kramer e Sprenger, 1991; Michelet, 1992; Muraro, 1993; Muraro, 1991; Sicuteri, 1990; Szasz, 1976).

É notório o poder de cura desenvolvido pela mulher, porque tida como mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos; à mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, o poder não só de profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas. Assim também ocorre na Idade Média. Foi a *mulher sábia*, a *saga*, quem cuidou de acalmar as chagas do homem. Se ela não curava, injuriavam-na, taxavam-na de feiticeira. Mas, em geral, por um respeito mesclado

de medo, chamavam-na *boa dama (bella donna)*, o próprio nome que se dava às fadas (Michelet, 1992: 30).

Sucedeu-lhe o que ainda sucede com sua planta favorita, a beladona, e a outros venenos salutareos que ela empregava e que foram o antídoto dos grandes flagelos da Idade Média. Antes de as conhecer, a criança e o ignorante amaldiçoam essas flores escuras, que os atemorizam por suas cores duvidosas. Eles recuam, se afastam. E no entanto essas flores são as *consoladoras* (solâneas), que, discretamente administradas, muitas vezes curaram, atenuaram os males (p. 31).

É na Idade Média que começa a se constituir a imagem de mulher feiticeira, com atributos de poder satânico. E na Idade Moderna se instala a maior perseguição às mulheres que, na concepção da época, eram perigosas. Elas precisavam serem detidas e seus poderes e conhecimentos exterminados. (Muraro, 1991).

Para entender o papel da feiticeira como terapeuta, lembro que a Medicina da Idade Média, tal como outros ramos do conhecimento, estava estagnada. “Salvo o médico árabe ou judeu, pago a peso de ouro pelos reis, a medicina se exercia apenas na porta das igrejas, junto à pia de água benta (Michelet, 1992, p. 103). Além disso, dada a misoginia religiosa da época, a mulher era tratada como animal, ou ainda pior. Por isso, como observa Michelet (p.105), “jamais, nesses tempos, a mulher teria admitido um médico homem, nem se teria confiado a ele, nem lhe teria revelado seus segredos. As feiticeiras eram as únicas a observar, e foram, sobretudo para a mulher, o único e exclusivo médico”.

Em síntese: Onde é que o servo e sua mulher poderiam conseguir alívio para seus males? Dentro da igreja de sua fé era impossível, nem da corte de seu senhor, mas apenas na magia, na superstição e na feitiçaria.

Desde a mais remota antigüidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças. (Muraro, 1991: 14)

A feiticeira interpretava e aplicava os ritos mágicos de cura (para controlar a doença) e de influência pessoal (para controlar os malfeitores). Segundo Michelet (p.30), “o único médico do povo, durante mil anos, foi a feiticeira”. Na realidade, a boa bruxa não era apenas médica, mas também astróloga, nigromante, profeta e feiticeira.

O estudo da Anatomia, durante muito tempo proibido pela Igreja, começou com ela; por isso foi acusada de roubar túmulos e de vender crianças para o Demônio. O estudo de venenos, de Química e de Farmacologia também começou com ela. É evidente porque isso teria que ser assim. Como a terapia secular tinha sido proibida pela Igreja, só poderia ser praticada por marginais da sociedade: judeus ou feiticeiras. As feiticeiras tinham, em grande parte, um monopólio dos poderes de cura – os poderes duplos de curar e ferir – porque havia uma proibição medieval contra a Medicina”. (Szasz, 1976: 114).

Além disso, nas mentes das pessoas simples que procuravam sua ajuda, a boa feiticeira não era (necessariamente) uma aliada do Demônio: essa interpretação foi imposta a seu papel pela Igreja, durante a Idade Média. Na realidade, o mago, ou mais freqüentemente a feiticeira, constituía um tipo de terapeuta pré-científico, que combinava os papéis de praticante de medicina, sacerdote e bom vizinho. Nas palavras de Christina Hole (apud Szasz, 1976: 115):

A bruxa branca, ou feiticeira, era a protetora da comunidade, assim como seu oponente criminoso era seu inimigo. Como a feiticeira

negra, dependia de magia, mas usava-a principalmente para objetivos bons, para curar a doença, para afastar maus olhados, para identificar ladrões ou encontrar objetos roubados, bem como para proteger seus vizinhos de todos os tipos de mal. (...) Quando havia poucos médicos e estes não eram muito habilidosos, a feiticeira era muitas vezes capaz de curar doenças simples com o uso de ervas e senso comum, ataviados com magias. (...) A feiticeira atendia como parteira. (...) Seu [da feiticeira branca] valor para a comunidade estava no fato de ser conhecida e aceita, e era chamada em casos de doença e perturbação, quando nenhum estranho, por mais versado que fosse, seria consultado”.

O medo à magia fez com que fosse criado o mito da feiticeira má e da parteira-bruxa que destruía os bebês.

Dada a natureza e um elo humano entre o camponês sofredor e as feiticeiras aceitas, a boa feiticeira tornou-se dotada de grandes poderes de cura. A feiticeira adquire, ao fazer experiência com remédios tirados de plantas, um conhecimento autêntico de alguns agentes farmacológicos muito poderosos. Tão adiantado é seu conhecimento que, em 1527, na Basileia, Paracelso, considerado um dos maiores médicos de seu tempo, queima sua farmacopéia oficial, declara saber apenas o que aprendera das feiticeiras (Michelet, 1990: 31 e 105; Szasz, 1976: 116).

Dado os seus métodos e sua popularidade, a feiticeira branca era um desafio à Igreja. Michelet (1990) sugere – e a sugestão é plausível – que o empirismo da feiticeira e da bruxaria foi, sobretudo, uma revolta contra a autoridade da Igreja. E pergunta Michelet: (1990: 107) “Como é que se chegou a ela [de cura científica, oposta a princípios religiosos]?”. E responde: “Sem dúvida, pelo efeito tão simples do grande princípio satânico de que *tudo deve ser feito às avessas*, exatamente ao contrário do que faz o mundo sagrado. Esse tem horror aos venenos: Satã os emprega e os transforma em remédios”.

Acentuando que a ciência sempre progride através do ceticismo com relação à autoridade estabelecida, Michelet, observa:

Existe acaso uma só ciência que se possa demonstrar não ter sido originalmente uma revolta contra a autoridade? A Medicina, acima de tudo, era real e verdadeiramente satânica, uma revolta contra a doença, isto é, contra o merecido flagelo de um Deus ofendido. Evidentemente, é um ato criminoso deter a alma em seu caminho para o céu e recolocá-la na vida deste mundo!

Portanto, é um grave erro acreditar que a Igreja se opunha à feitiçaria apenas porque considerava a feiticeira uma causa de doença e infelicidade. A Igreja considerava que a cura só poderia ser dada por Deus. E que a prática da feitiçaria era uma afronta à supremacia do sacerdote. (Delumeau, 1989; Ginzburg, 1999; Michelet, 1992; Sicuteri, 1990; Szasz, 1976)

Nesse período vemos a cura do homem colocada sob a jurisdição exclusiva de Deus e do sacerdote; mais tarde, veremos que ficou colocada sob a da natureza e do médico. Assim, como os sacerdotes medievais proibiam que os não-clericais curassem, também os clínicos modernos (os médicos) proibem que os não-clínicos curem (Szasz, 1976: 118 – 119).

Na França do século XIX a contestação dos conhecimentos médicos e o uso de remédios populares sempre serviram de conflitos entre médicos e mulheres do povo.

Seria preciso falar ainda da cultura do corpo. Antes de serem as auxiliares reverentes, ansiosas e sempre culpabilizadas dos médicos, as mulheres do povo, pelo contrário, foram suas principais rivais e continuadoras de uma medicina popular, cujas virtudes hoje em dia tende-se a revalorizar. Elas empregam todos os recursos de uma farmacopéia multissecular, conhecem mil maneiras de aliviar pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam a medicina douta. Olhando de perto, esses “remédios populares” certamente revelariam um real saber dos sofrimentos do povo, preocupado em

evitar despesas, mas também em conservar sua autonomia corporal e em subtrair-se ao olhar médico, esse olhar que ausculta, mede, classifica, elimina e, para terminar, envia-se para o maldito hospital”. (Perrot, 1992: 208)

As práticas terapêuticas não-formais continuam a existir no cotidiano da população, especialmente de baixo poder aquisitivo.

No Brasil o registro de mulheres, desde o período colonial, que usam as plantas medicinais para alívio dos males do povo, encontra-se nos estudos de Del Priore, 1993; Souza, 2000.

VII - O QUE É PLANTA MEDICINAL

A farmacognosia não é objeto de estudo neste trabalho, porém é no campo de atuação da mesma que as plantas medicinais aparecem definidas:

As plantas medicinais, referem-se única e exclusivamente às espécies vegetais que durante séculos foram sendo incorporadas na cultura de todos os povos, graças às suas potencialidades terapêuticas e que após estudos criteriosos representam uma fonte inesgotável de medicamentos aprovados e comumente utilizados, assim como uma rica fonte de novas substâncias com atividade biológica potencial.” (Di Stasi, 1996: 26).

O conceito acima não corresponde à perspectiva de conhecimento trabalhada no objeto de estudo em questão. A perspectiva trazida aqui entende que as plantas medicinais são espécies vegetais que durante toda a história da humanidade vêm sendo experimentadas e validadas pela ação terapêutica da cura de males físicos, psíquicos, mítico e místico. São usadas como remédio.

O que difere entre os conceitos basicamente é a visão que os autores têm sobre o processo de validação do conhecimento. No primeiro conceito é necessário “estudos criteriosos”, subentende-se em laboratório, e no segundo conceito a experiência pelo

resultados do uso é suficiente para validar a ação terapêutica das plantas. Constata-se aqui a presença do conhecimento científico X conhecimento de senso comum.

Além da diferença acima, o primeiro conceito restringe a ação da planta ao medicamento, enquanto no segundo conceito fala-se em remédio que traz uma concepção mais abrangente, que vai da substância extraída da planta ao uso de passar no corpo as folhas, no processo de benzimento.

O conhecimento sobre plantas medicinais, apesar de milenar, sofre restrições de alguns estudiosos por entenderem que não se deve respaldar o conhecimento do senso comum, pois segundo esses estudiosos as plantas devem passar por um processo de análise para a confirmação bioquímica de suas qualidades.

Um exemplo desses estudiosos é Corrêa, et al., 1998: 9

A utilização de plantas na arte de curar é uma forma de tratamento com raízes muito antigas, relacionada aos primórdios da medicina e fundamentada no acúmulo de informações através de sucessivas gerações. Ao longo dos séculos, produtos de origem vegetal constituíram as bases para tratamento de diferentes doenças.

Mesmo reconhecendo que a utilização de plantas na arte de curar é antiga, Corrêa (1998: 10) posiciona-se pela não incorporação direta das informações populares sobre o conhecimento das propriedades medicinais na ciência médica, levando em consideração quatro itens fundamentais: a) imprecisão quanto à denominação popular das entidades nosológicas, b) falta de identificação botânica correta das plantas utilizadas, c) dificuldade de excluir o efeito placebo na avaliação da eficácia dos fitoterápicos, fato calcado substancialmente no contexto sociocultural, e d) variabilidade de composição da planta, decorrente das diferentes condições de cultivo, colheita, secagem, armazenagem e preparo.

Essa posição manifestada por Corrêa (1998) está longe de atingir o povo que vive fazendo uso das plantas medicinais no Brasil. Desde o início da colonização foi sendo incorporado no cotidiano o conhecimento intercultural sobre plantas medicinais das três etnias básicas que inicialmente ocuparam o país.

Quanto ao Brasil, qualquer um conhece pelo menos uma receita caseira de chá ou xarope, infusão ou compressa, que chegou na íntegra até os dias de hoje depois de passar sabe-se lá por quantas dezenas de anos. Essas receitas de pai para filho têm como ingrediente principal uma ou mais plantas medicinais.” (Rêgo, 1995: 11)

São produtos de um conhecimento, olhados com desconfiança e que recebem – como todo medicamento – recomendações quanto ao seu uso, sua aceitação e aos perigos que podem causar a saúde. Contudo, o benefício que muitos têm para aliviar seus males físicos, psíquicos, mítico e místico é encontrado nesse próprio conhecimento.

O apelo cultural do conhecimento manifestado especialmente entre as pessoas economicamente desprestigiadas valida a transmissão secular dos benefícios trazidos pelas plantas medicinais.

Vários estudos citados por Camargo (1998) testemunham o uso milenar das plantas medicinais e as contribuições dos africanos, indígenas, portugueses e outros migrantes no Brasil.

Camargo (1998) faz referência à contribuição portuguesa ligada ao uso de plantas rituais que trazem os nomes das espécies conhecidas desde os primórdios do cristianismo e, mesmo, de tempos que o antecederam. Tais plantas são mirra, incenso e estoraque, empregadas em rituais afro-brasileiros.

Camargo (1998) menciona plantas usadas pela bruxaria européia, a exemplo o alecrim (*Rosmarinus officinalis* Linné). Assim como o comércio iniciado a partir do século XVI com as plantas.

No processo de colonização o conhecimento indígena sobre as plantas foi incorporado pelos africanos em seus rituais religiosos e de cura. Dentre as plantas brasileiras estão o abacateiro (*Persea americana* Mill.), angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), barbatimão (*Stryphnodendron barbadetiman* Vell. Mart.), batata-de-purga (*Operculina convolvulus* Manso), carajaru (*Bignonia chica* Vert), carimã (*Manihot utilisima* Vert. – [massa de mandioca], catingueira (*Caesalpinia pyramidalis* Tul.), catuaba (*Anemopaegma mirandum* DC.), cidreira (*Lippia alba* Gardn.), emburana (*Torresea cearensis* Fr. Al.), fedegoso (*Cassia occidentalis* Linné), ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha* (Brotero) Richard), jurubeba (*Solanum variabile* Mart.), mamoeiro (*Carica papaya* Linné), manacá (*brunfelsia uniflora* D. Don.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* Linné), melão-de-são caetano (*Momordica charanthea* Linné), mucuna (*Mucuna urens* DC.), mulungu (*Erythrina verna* Velloso (*E. mulungu* Mart.)), pega-pinto (*Boerhavia hirsuta* Linné), pinhão (*Jatropha curcas* Linné), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* Linné), sabugueiro (*Sambucus australis* Cham. Et Schl.), velame (*Croton campestris* L.) (Camargo, 1998).

A mitologia indígena também contribui com o imaginário popular sobre a origem das plantas (o milho, o guaraná, a mandioca, a vitória régia). No arcabouço dos mitos indígenas as plantas foram nascidas a partir de uma perda de um ser humano que desejava

muito cumprir uma façanha ou foram vítimas de infortúnios causados pela inveja alheia. Nos mitos as plantas se originam da morte. A morte será geradora de novas vidas.

As plantas são utilizadas na manutenção da vida. Daí pode surgir uma das explicações da não aceitação do uso de plantas que possam trazer a morte, especialmente quando se trata em fazer uso abortivo.

VIII - OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Primeiro pressuposto – As idosas sem escolaridade formal produzem conhecimentos que são transmitidos ao longo de gerações, conhecimentos esses resultantes de uma cultura de classe, da história de vida e de luta, marcada pelo seu lugar na produção social de bens e serviços. Conforme esse pressuposto, a concepção de cura com plantas medicinais de doenças pelos conhecimentos dos mais velhos tem valor maior que os “remédios de médicos”.

Segundo pressuposto – A eficácia apresentada por algumas plantas medicinais faz parte do cotidiano desses sujeitos (idosas) e que tem sido validada no decorrer do tempo por experiência de gerações antecessoras. A concepção de eficácia é assegurada pela transmissão oral investida de um processo educativo que culmina com um saber e uso de valores etnopedagógicos.

Terceiro pressuposto – refere-se à relação dos saberes das idosas com a educação formal, reorganizados pelo conhecimento das novas gerações. Nesse sentido, é necessário considerar a influência de valores e modelos da escola e da comunicação de massa na vida das pessoas.

CAPÍTULO III - NOTA METODOLÓGICA

O recurso teórico-metodológico escolhido para este estudo – conhecimento sobre plantas medicinais das idosas sem escolaridade formal e os valores etnopedagógicos utilizados - é o estudo de caso, que tem como características enfatizar o processo em que ocorre a produção dos conhecimentos, e em ter uma preocupação com o significado da experiência das idosas e nas descrições dos dados coletados.(André, 2000; Macedo, 2000)

A escolha pela metodologia do estudo do caso deve-se ao fato de o mesmo, ser um

método de pesquisa particular que permite estudar um fenômeno em contexto natural, de forma indutiva (exploratória) ou dedutiva (confirmativa), segundo os objetivos da pesquisa. Esta metodologia de pesquisa é cada vez mais presente em educação, trata-se de uma metodologia mista onde os dados qualitativos são geminados aos dados quantitativos a fim de aumentar a envergadura explicativa da pesquisa. (Savoie-Zajc e Karsenti, 2000)

Esse método é caracterizado por ser um estudo intensivo. É levada em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são investigados. (Fachin, 1993: 48)

O estudo de caso apoia-se no pressuposto de que a realidade é complexa e os fenômenos historicamente construídos, sendo, portanto, necessário levar-se em conta as possíveis variáveis associadas ao fenômeno estudado que estão no todo, assim como o todo está nas partes. “É por isso que o estudo de caso focaliza o particular tornando-o como um

todo, atendo-se aos seus componentes principais, aos detalhes e à sua interação”. (André, 1984: 54).

Faz-se necessário, durante o estudo, perceber a complexidade como a incompletude do conhecimento. Pois, segundo Morin (1999 a) o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. Ele propõe, ainda, a junção do princípio dialógico ao princípio hologramático no qual, de certa maneira, o todo está na parte que está no todo, como num holograma.

Atualmente, vemos que existe uma crise da explicação simples nas ciências biológicas e físicas: desde então, o que parecia ser resíduo não científico das ciências humanas, a incerteza, a desordem, a contradição, a pluralidade, a complicação, etc., faz parte de uma problemática geral do conhecimento científico.

Dito isto, não podemos chegar à complexidade por uma definição prévia; precisamos seguir caminhos tão diversos que podemos nos perguntar se existem complexidades e não uma complexidade. (p. 177)

Morin (1999 a), objetivamente, nos oferece, em oposição ao paradigma clássico da simplificação, os fundamentos do novo paradigma complexo, capaz de ampliar os horizontes da explicação científica, tanto nas ciências físicas e biológicas, como nas sociais.

Afirma que

a complexidade não tem metodologia, mas pode ter seu método. O que chamamos de método é um **memento**, um “lembrete”. (...) O método da complexidade pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras. (...) a complexidade é isso: a junção de conceitos que lutam entre si. (p. 192).

Afirma Morin (1999 a) que “o método é a praxis fenomenal, subjetiva, concreta, que precisa da geratividade paradigmática/teórica, mas que, por sua vez, regenera esta geratividade”. (p. 336).

Diante do exposto, é que se referenda a escolha do estudo de caso como metodologia, com vistas ao conhecimento sobre plantas medicinais: valores etnopedagógicos utilizados por idosas sem escolaridade formal em Feira de Santana – Bahia.

O estudo utiliza técnicas da história oral¹², pois dará voz aos silenciados (as mulheres) que, durante muito tempo da história foram vistos como co-participantes da autoria dos feitos de outros.

O uso das técnicas de história oral temática e história de vida das idosas dá-se com a abordagem, *fale-me sobre sua experiência com plantas medicinais*, deixando a pergunta aberta para evitar o uso de um nome que não faça parte do contexto das idosas.

A escolha da história de vida como técnica¹³ da pesquisa deve-se ao fato de a mesma oferecer possibilidade de explorar as relações da história individual com o contexto social, permitindo apreender a influência que o sujeito recebe do grupo ao qual pertence.

Segundo Queiroz (1991), “a história de vida, por sua vez, se define como um relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”. (p. 6)

¹² É o conjunto de procedimentos que visam à formação de documentos destinados à análise de depoimentos. (Meihy, 2000, p. 101)

¹³ Técnica é procedimento ou conjunto de procedimentos de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos; como todo procedimento, é ação específica, sistemática e consciente, obedecendo a determinadas normas e visando determinado fim. (Queiroz, 1991, p. 14)

Por intermédio da história de vida

se capta o processo de memória e de reflexão crítica de um ser humano sobre as suas vivências tidas em condições sociais altamente específicas. Por meio desta técnica, é possível constatar valores, expectativas, ideais de vida, ponderações, frustrações e sofrimentos face aos vários processos sociais vivenciados pelos informantes. E, quanto mais o informante é deixado falar por si mesmo, mais nos deparamos com a sua própria visão e inserção de mundo, bem como das transformações nele contidas. Evidentemente tais histórias de vida fornecem dados *êmicos*¹⁴ que devem ser cuidadosamente processados pelo pesquisador para poderem ser recodificados em termos de uma abordagem ética, ou seja, em termos de conceitos e concepções científicas. (Viertler, 2002 a: 17)

O uso de história de vida como técnica não se resume simplesmente ao registro de acontecimento da vida de um sujeito, mas a análise de um contexto social com suas múltiplas relações. O conhecimento sobre o objeto de estudo, durante a escuta das narrativas das colaboradoras, foi capaz de obter o essencial, fugindo do que parece supérfluo e desnecessário.

E a escolha pela técnica de história oral temática abre a possibilidade de articulação das narrativas com outros documentos. A história temática oportuniza uma outra versão ao fato narrado; uma constatação e uma ampliação do conhecimento daquilo que o narrador está trazendo da sua experiência (Meihy, 2000).

¹⁴ *ÊMICO*: é uma tentativa de descobrir e descrever o sistema comportamental de uma dada cultura no seus próprios termos, identificando não somente as unidades estruturais, mas também as classes estruturais às quais elas pertencem.

I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos estão divididos em quatro momentos que caracterizam a pesquisa:

1. Momento I: Projeto Etnobiologia na Escola

Esse momento está caracterizado pela análise mais aprofundada dos dados coletados no *Projeto Etnobiologia na Escola*¹⁵. Trata-se de dados referentes à sistematização de informações específicas sobre plantas medicinais, tais como: nome da planta, parte da planta utilizada no remédio, como é usada, utilizada para que e contra-indicação da mesma (tabela I).

Essa etapa funcionou como sinalizador para as narrativas e história oral temática e de vida, visto que, os/as Colaboradores/as falam sobre a sua experiência pessoal quanto ao seu conhecimento/saber referente ao uso, à apropriação e à orientação das plantas medicinais e sua prática educativa.

Dos/as colaboradores/as desse projeto, 82,3% eram mulheres. Diante da constatação, optei pelo “gênero”, por entender ser salutar evidenciar a prática educativa feminina, principalmente, pelo papel que ocupa e pelo sentido que damos genericamente à mulher.

Ético: refere-se a características do mundo real independentes da cultura (Campos, 2002: 73)

¹⁵ A população alvo constou de 17 (dezesete) indivíduos na faixa etária de 60 (sessenta) a 90 (noventa), residentes em três bairros periféricos (Pampalona, Campo do Gado Novo, Sítio Novo) de Feira de Santana – BA.

O gênero está ligado à construção social do indivíduo como sujeito: masculino e feminino, estabelecida a partir das relações sociais. E o modo como se dá a mediação entre presente e passado, feita pela memória, depende da situação e condição do sujeito memorizador, assim como de suas idéias e percepções no momento da lembrança.

As mulheres não devem apagar, elas mesmas, as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo ou do conhecimento adquirido sobre esse mundo, onde as relações de poder estão presentes e esmagam a vida, os sonhos, os desejos. É o momento de deixar transparecer que as marcas da vida de mulher podem contribuir para a formação de um novo paradigma na educação.

Não pretendo que as mulheres tenham ato de adesão ao silêncio que a sociedade impõe; que consintam na negação de si mesmas por causa da educação recebida. Que se calem, que continuem no anonimato. Pretendo que as mulheres manifestem seus conhecimentos e que deixem transparecer o quanto têm contribuído na formação da sociedade, que reiviniquem, que sonhem e realizem mudanças. Principalmente, as mudanças pessoais do EU e do OUTRO.

Dizer *eu* não é fácil para as mulheres a quem toda uma educação inculcou a correção moral do esquecimento de si. Porém, é necessário observar-se para dizer: não, *eu* quero ou *eu* não quero; *eu* sou, *eu* posso, *eu* vou, *eu* faço, *eu* fiz. Colocar realmente o *eu* como primeira pessoa e falar lembrando que o *eu* tem relações com o outro. Mas, que o *eu* não é só relacional, é existencial.

A mulher conhece a possibilidade histórica de pensar sua condição e as limitações de pensar em si mesma enquanto sujeito e enquanto membro de um grupo.

A mulher enquanto ser humano do sexo feminino capaz de conceber e parir outros seres humanos, o que a diferencia básica e biologicamente do homem. Com essa diferença ela busca igualdade junto ao seu companheiro de espécie, através do movimento da história e das pressões sobre as mudanças sociais do trabalho e da luta. Da luta de quem quer exercer seus direitos e deveres de ser humano, sem opressão. A mulher que deixa o lugar de oprimida pode expressar sua sexualidade, sensualidade, recordando momentos de opressão e vivenciando a conquista de ser liberto. Não é um anjo (Passos, 1996: 137: “um ser querido, que todas as pessoas gostariam de ter junto, por outro lado, não possui uma identidade própria, nem poderes para tomar decisões importantes, ultrapassou o tempo e o espaço”), é uma mulher.

A mulher que busca falar de um tempo e de um espaço que ocupa. Enfim, desenvolve uma grande interrogação sobre a vida e sobre a vida das mulheres sem escolaridade formal, mergulhadas num suposto obscurantismo existencial.

Para que saiam e mostrem a verdadeira face desse suposto obscurantismo existencial, a fala a ser ouvida será as das mulheres que perpassam valores culturais e são capazes de operar mudanças significativas na vida dos indivíduos.

a) A População Alvo (cinco mulheres como caso)

A partir da análise desses dados, optei por delimitar minha população alvo de investigação a cinco idosas, que apresentavam as características peculiares, a saber: analfabetas, idade igual o superior aos 70 anos (datada em junho de 1999), possuíam

experiências de vida em conceber e parir e que tinham aprendido com os mais velhos (pais, parteiras, etc.) a sua prática educativa e curativa com plantas medicinais.

A ressalva à experiência de vida com geração familiar sucessora faz-se a Dona Maria que nunca pariu, mas educou sete enteados que adotou com o casamento.

Gráfico 02

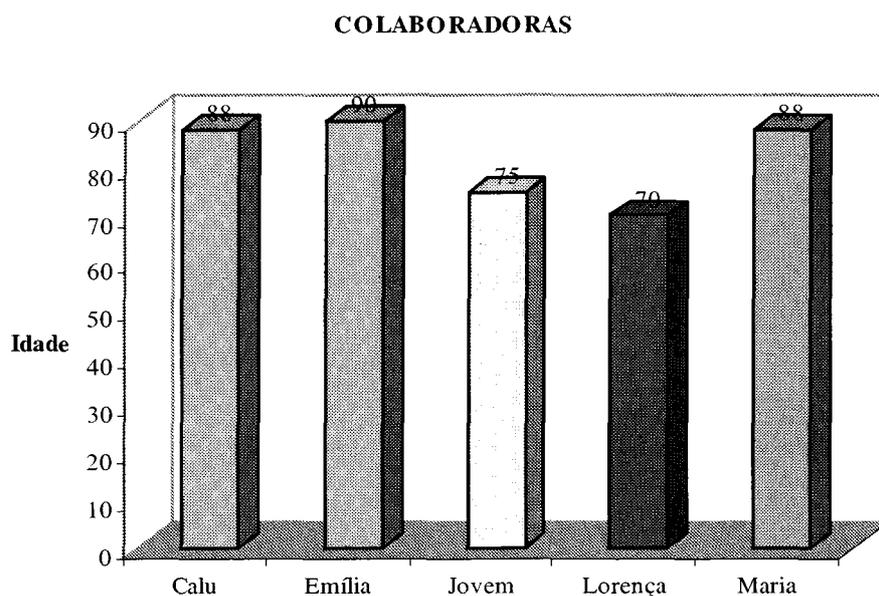
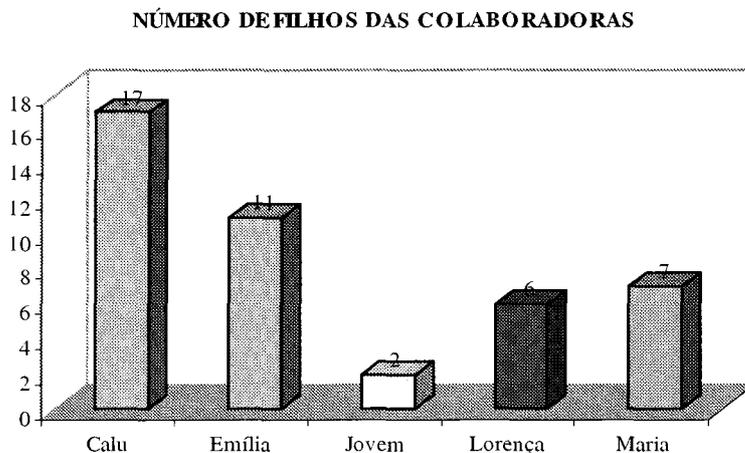


Gráfico 03



b) A Coleta Sistemática de Narrativas

Das cinco Colaboradoras¹⁶, Dona Calu foi a primeira eleita para o processo de coleta sistemática de narrativas, pois ela apresenta uma geração familiar composta de filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

O processo de registro das narrativas dessa Colaboradora iniciou-se no ano de 2001, totalizando nove visitas, com objetivo de registrar seus conhecimentos. Esse registro, porém, foi feito nos cinco primeiros encontros, pois a mesma adoeceu. Foram onze horas de narração sobre a vida e os conhecimentos com plantas medicinais. As demais visitas serviram para que eu observasse como uma pessoa lida com seus problemas existenciais quando está próxima à morte.

No sexto encontro, a colaboradora lamentou, dizendo que não mais poderia contribuir com o trabalho. As visitas de amigos prejudicariam as narrativas. De fato, não foi possível mais um momento a sós e mesmo que fosse possível, Dona Calu não tinha condições físicas para uma conversa prolongada, como vínhamos fazendo anteriormente.

A fonte para sistematização dos dados analisados nesse momento da pesquisa é constituída por material fonográfico e registros no diário de campo.

Destacando a peculiaridade do trabalho com *fonte viva*, o conhecimento sobre plantas medicinais e os valores etnopedagógicos utilizados por idosas sem escolaridade formal (estudo) encontram um novo olhar, visto que, três colaboradoras morreram – Dona Jovem, Dona Maria e Dona Calu - deixando-nos várias informações, como também, vários questionamentos: Que tipos de saberes tinham essas mulheres sobre a prática educativa e

curativa com plantas medicinais, que ficamos sem conhecer? O que sustentou a vida dessas mulheres que pouco iam ao médico, curando-se mais pelo uso das ervas medicinais? Como percebiam seu processo de transmissão de conhecimento ao longo das gerações?

2. Momento II: A Busca da Historicidade do Contexto da Pesquisa

Esse momento visou a coleta de dados sobre o contexto em que a pesquisa foi desenvolvida.

A coleta baseia-se em fontes orais (antiga diretora escolar do bairro Pampalona, moradores que conheciam a origem dos bairros) e fontes escritas - documentos de órgãos públicos (Colégio Estadual Edith Machado Boaventura, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Secretaria Municipal de Saúde) e escrituras de posse de terras de antigos moradores.

3. Momento III: A Catalogação das Plantas Medicinais Utilizadas pelas Colaboradoras

Esse terceiro momento visou catalogar as plantas utilizadas pelas colaboradoras e identificá-las cientificamente à luz da Botânica.

O primeiro passo foi usar os dados obtidos no Momento I - **Projeto Etnobiologia na Escola** e escutar as narrativas das idosas. Catalogar em ordem alfabética as plantas medicinais mencionadas, a parte utilizada no remédio, como usar e as suas indicações

¹⁶ Colaborador é um termo importante na definição do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. Sobretudo é fundamental porque estabelece uma relação de compromisso entre as partes. (Meihy, 2000: 49)

etnoterapêuticas. O segundo foi a leitura de bibliografia sobre plantas medicinais (Balbach, s.n.; Camargo, 1998; Corrêa, et al., 1998; Di Stasi, 1996; Diniz, 1997; Panizza, 1998; Rêgo, 1995), para comparação de informações prestadas pelas colaboradoras e a copilação do nome científico da cada planta mencionada.

O terceiro passo foi visitar o Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS) e conversar com técnicos e biólogas sobre a pesquisa. O resultado foi identificação das famílias por uma técnica do laboratório de taxonomia e o aconselhamento da coleta do material para uma correta identificação. O envio de ofício para o curador do herbário, solicitando depósito das amostras e o direito à utilização da numeração do herbário na pesquisa. Obtida a anuência verbal do curador, foi determinada pelos botânicos que se cumprisse às exigências necessárias para que se depositassem as exsiccatas. Exigências essas que se constituíram no quarto passo.

A coleta do material vegetal é o primeiro da atividade botânica para preparação das exsiccatas. As amostras vegetais, devidamente preparadas ou exsiccatas, são partes vegetais retiradas da planta, prensadas e secas, contendo estruturas vegetativas e reprodutivas (podendo ser flores e/ou frutos), acompanhadas de dados sobre as características das plantas, do local de coleta, nome do coletor e número próprio. A partir desses dados o herbário confecciona uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre algumas características da planta e do local de coleta com número de ordem da coleção. (Ming, 1996)

Esse momento de coleta e identificação foi realizado para fornecer fidedignidade às informações sobre as plantas medicinais dadas pelas Colaboradoras, pois a imprecisão dos

nomes populares dados às plantas pode conduzir à utilização incorreta, quando se trata de uso terapêutico. Nessa comunidade a planta *maravilha* pode não ser a *maravilha* conhecida por outra comunidade. O respaldo botânico assegurou a validação da planta utilizada pelas colaboradoras, bem como perceber que ela tem sinonímia.

Durante a realização da coleta, as plantas foram fotografadas para possibilitar uma descrição e um reconhecimento mais apropriado.

Foi feito um levantamento das variações climáticas do Estado da Bahia para correlacionar as indicações etnoterapêuticas e o clima.

Por necessidade de esclarecer os termos que aparecem no estudo, foram elaborados três glossários: glossário de termos das colaboradoras e dos cientistas; glossário botânico, índice de condições clínicas e plantas indicadas.

4. Momento IV: As Narrativas

Esse quarto momento buscou a descrição das visitas às outras colaboradoras para registro de suas narrativas, transcrição dos dados fonográficos e análise do diário de campo.

Após a fase de transcrição, foi feita a *análise e interpretação dos dados*. Nesse momento, procurei correlacionar o material recolhido em campo com a fundamentação teórica. Esse procedimento permitiu selecionar aspectos significativos no estabelecimento de categorias para a *análise dos dados*.

A tabela com *categorias* (subdivididas em fragmentos por sub-tópicos/blocos temáticos) foi elaborada a partir de recortes nos discursos e descrições obtidas através das fontes e da coleta de dados.

A partir das narrativas descrevi os conhecimentos de idosas sem escolaridade formal. As recorrências e ambivalências nas expressões orais foram objeto de estudo na pesquisa, como afirmativas ou não de uma intencionalidade de aprendizado do valor que está sendo transmitido. Exemplos: repetições, lapsos de linguagem, gestos.

As formas normais do contexto foram tomadas como referência na interpretação, por isso encontram-se inseridos muitos trechos das narrativas transcritas da fala das colaboradoras, mantendo-se, assim, o modo de expressão de cada uma delas.

São os enunciados particulares de cada colaboradora que dão sentido à conversação e a constituição do que há de comum nos valores que deixam transparecer do modo de vida social, preferência na significação e re-significação dos conteúdos da dinâmica cultural.

As expressões vagas, ambíguas ou truncadas foram identificadas como significações contextuais dos acontecimentos descritos por tais expressões, pois as colaboradoras produziam e tratavam as informações, nas trocas e na utilização na linguagem oral, enquanto recursos que têm para fabricarem o mundo social e viverem nele.

A narrativa, diz Portelli (apud Khoury. 2001, p. 85), é um gênero específico de discurso, impregnado de interrupções, digressões, repetições, correções, constituindo-se mais como um processo, do que como um texto acabado; põe em evidência o movimento da palavra, da memória e da consciência, demandando um tratamento específico, que pode

ser bem proveitoso no sentido de ampliar e modificar a noção de fato histórico e, por esse caminho, contribuir para a incorporação de outros sujeitos à história.

As narrativas orais, para além de revelar a multiplicidade de sujeitos e temporalidades, podem também mostrar a fluidez, as hesitações, a intrepidez, enfim, a flexibilidade das pessoas ao lidar com as situações. Como explorar em suas expressões subjetivas e, portanto, únicas, a multiplicidade, as divergências e identificações, avaliando modos como estas interferem na dinâmica social, refletindo sobre elas como possibilidades criativas na construção dos processos sociais? (Khoury. 2001: 88)

As narrativas levam ao caráter intersubjetivo do conhecimento corrente, no mundo humano, e dão-se pelo fato de os seres humanos viverem num mundo de significações. Significações atribuídas à cultura. É a cultura que determina os significados.

É essa determinação de significados que leva ao horizonte deste estudo a fundamentação de uma **etnopedagogia**.

A etnopedagogia pode ser entendida como o conjunto dos estudos na interface pedagógica/antropológica. Essa interface vai além de uma simples relação entre as duas ciências; ela compreende a complexidade que está implícita nas inter-relações educação e sistemas culturais. Do ponto de vista epistemológico, isso é de suma importância, pois começa a configurar-se uma resposta concreta à crise do paradigma cartesiano de disciplinas gerando disciplinas.

A etnopedagogia é um (entre)cruzamento de saberes; procura respeitar os referenciais do “outro” e impõe a presença de uma equipe interdisciplinar em constante interação. A frequência dessa presença é tanto maior quanto mais se manifesta a alteridade. A etnopedagogia serve para mediar o respeito entre as diferentes culturas, como phronesis

dedicada à compreensão e respeito mútuo entre os povos, entre a escola e o aluno, e utiliza da contribuição de várias disciplinas para explicar o objeto.

As várias disciplinas contribuem com seu conhecimento específico, formando um todo complexo indissociável do conhecer humano. Complexo esse que pode ser compreendido a partir da análise do 'etno'.

Assim, a interpretação foi considerada como indissociável da ação que é compartilhada entre os atores sociais. A interpretação dos conhecimentos das Colaboradoras é o produto de um modo de conhecimento prático reflexivo que, por si só, tornou-se objeto da pesquisa, questionada cientificamente.

A etnopedagogia, proposta aqui, tal como a etnometodologia considera o conhecimento do senso comum, as crenças e os comportamentos como constituintes necessários de "toda conduta socialmente organizada". (Coulon, 1995 b, p. 35).

A etnopedagogia é um estudo das práticas e das idéias educacionais nas suas relações com o conjunto da vida cultural e social, que resgata a diversidade cultural e a dinâmica das relações 'ser humano de uma dada cultura/escola', se aproximando da realidade sócio-cultural, sempre diverso do nosso, mesmo em algumas situações fazendo parte da mesma sociedade. O fato de a escola desconsiderar o produto sócio-cultural do conhecimento que não é produzido em seu interior provoca atualmente sua fragilidade, pois a riqueza está em reconhecer a multiplicidade do pensamento como produto e a singularidade como processo (educar).

CAPÍTULO IV – MULHERES VELHAS EM FOLHA: MEMÓRIA E LEGADO ETNOPEDAGÓGICO DE IDOSAS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS

A reflexão desenvolvida por Santos (1989 i) em relação à ciência moderna implica considerar que o modelo de racionalidade subjacente à primeira ruptura (da ciência moderna em relação ao senso comum) é insuficiente. Esse modelo desqualifica outra forma de conhecimento, avança pela fragmentação do conhecimento e das práticas (relação saber e poder), dicotomiza ciência e ética e se sustenta no princípio da racionalidade formal instrumental.

O paradigma emergente possibilita a democratização e o controle social da ciência e de suas conseqüências, a apropriação da sabedoria prática de um senso comum esclarecido e uma articulação produtiva, reflexiva, entre ciência e filosofia. A reconfiguração de saberes proposta, sua mútua produção, orienta-se pela transformação da ciência e do senso comum. Essa perspectiva considera uma certa positividade presente no senso comum.

O senso comum é o modo como os grupos vivem sua subordinação, numa sociedade de classes, conformada pela racionalidade da ciência moderna, seu viés conservador que concilia a consciência com a injustiça, naturalizando as relações sociais. Compreendo que o processo de subordinação, no contexto do senso comum, não é absoluto, contendo fragmentos de resistências que podem se transformar em instrumentos de lutas.

O viés conservador do senso comum tem sido assinalado em determinadas teorias científicas (o Positivismo, Funcionalismo, Estruturalismo), tendo uma grande eficácia social em função da legitimação do paradigma dominante e do poder institucional. Esse atributo fixista do senso comum desconsidera a dinamicidade e as potencialidades de transformação do conjunto das relações sociais. Pois, o conteúdo mais ou menos conservador e preconceituoso do senso comum, depende do tipo de sociedade em que ele é produzido. Por exemplo, uma sociedade mais solidária, com a redução das desigualdades sociais e a ampliação de um sistema educacional orientado por uma pedagogia emancipatória produziram, provavelmente, um senso comum diferenciado.

Outro aspecto a ser considerado é a superação de uma visão maniqueísta de ciência e senso comum, que opõe luz e trevas. Essa idéia asséptica de ciência não reconhece que os preconceitos também compõem o quadro das teorias, tendo um valor positivo na compreensão da realidade. A noção mais ampla de preconceito (pré-noção, distorção, pré-concepção) e sua compreensão têm uma certa eficácia histórica. “Os preconceitos são constitutivos do nosso ser e da nossa historicidade e, por isso, não podem ser levemente considerados cegos, infundados ou negativos” (Gadamer citado por Santos, 1989 i). Nesse sentido, o desenvolvimento da criatividade, pressupõe o desafio de enfrentar as dificuldades, os equívocos e as limitações de um fazer sempre marcado pela sua incompletude.

A transformação do senso comum e da ciência, na reconfiguração de conhecimentos proposta por Santos (1989 i, 2000 k) (senso comum esclarecido e ciência prudente), significa também a construção de algo novo, de novo conhecimento (dupla ruptura).

Ressaltar a caracterização alternativa do senso comum, como pragmático, retórico, metafórico e colado às experiências do cotidiano pode contribuir na construção de um projeto de emancipação cultural e social.

A configuração de conhecimentos, sendo prática, é também esclarecida, e deve ser socializada democraticamente, a fim de que se possa repensar o mundo, as relações sociais e a condição humana, estabelecendo, assim, competências cognitivas e afetivas capazes de desconstituir a hegemonia da racionalidade moderna sem, no entanto, perder de vista as expectativas que ela gera.

Dois movimentos orientam a dupla ruptura epistemológica, segundo Santos. O primeiro visa a desconstruir o desnivelamento dos discursos, a fim de que esses possam se comunicar, gerando, assim, práticas permeáveis, flexíveis e menos hierarquizáveis. O segundo busca a superação da dicotomia contemplação/ação, a qual se efetiva, intensamente, no paradigma da ciência moderna, uma vez que nele a observação, a experimentação e a quantificação legitimam os critérios da verdade do processo científico. A verdade da ciência (em si) desconsidera a verdade social da ciência, produzindo uma falsa dicotomia, considerando que "as pretensões de verdade social da ciência são constitutivas do processo de produção da ciência e sobredeterminam, por isso, as pretensões de verdade científica, a tal ponto que não faz hoje sentido distinguir entre ciência pura e ciência aplicada" (Santos, 1989 i: 42). A ausência de controle público sobre a produção científica, numa sociedade de classes, é responsável pela redução da práxis à técnica, caracterizando a crise de degenerescência do paradigma da ciência moderna.

Um terceiro movimento que orienta a dupla ruptura epistemológica é a busca de um novo equilíbrio entre adaptação e criatividade. A sociedade de consumo e suas instituições geram práticas de renúncia à liberdade, à autonomia, conformando os sujeitos às múltiplas dependências que reforçam o poder adaptativo do homem, em detrimento de seu poder criativo. O novo equilíbrio proposto será possível num contexto de uma práxis entendida globalmente e sustentada por uma nova concepção de ciência.

I – O CONTEXTO GEOGRÁFICO DA PESQUISA

O contexto geográfico da pesquisa é importante para ampliar a compreensão a respeito do objeto em estudo - Conhecimento sobre plantas medicinais das idosas sem escolaridade formal e os valores etnopedagógicos utilizados -.

Feira de Santana é um dos principais eixos rodoviários do Brasil. É uma cidade de destaque no Estado da Bahia, pela sua posição especial de acesso a outras parte do país¹⁷, e pela produção econômica¹⁸.

Feira de Santana, em sua divisão política-administrativa, possui sete distrito e uma sede. Os bairros pesquisados fazem parte da sede. Mas, inicialmente, as terras pertenciam ao distrito de Maria Quitéria, conforme escritura de terra, examinada.

Localiza-se na bacia hidrográfica do Paraguassu e Subaé, sendo os principais rios o Rio Jacuípe, o Rio Subaé e o Rio Cavaco. Tem a ocorrência dos minerais: apatita, argila,

¹⁷ Região econômica do Paraguaçu, percurso e viagens das linhas de transporte interurbano em operação, 1993 – a exemplo Feira de Santana / Salvador 36 viagens por dia; Feira de Santana / São Paulo 25 viagens por dia. Fonte: Prefeitura Municipapl e CEI (pesquisa direta dez./93)

¹⁸ Mercado pela produção industrial do Centro Industrial do Subaé – CIS, pela pecuária bovina e pelo comércio atacadista.

manganês e pedra para construção. Relevo Pediplano Sertanejo, Tabuleiros Interioranos, Tabuleiros Pré-Litorâneos, apresentando Caatinga-Floresta estacional e Floresta estacional decidual.¹⁹

Os bairros periféricos Pampalona, Sítio Novo, Campo do Gado Novo e Asa Branca foram cenário para coleta das plantas. Algumas foram coletas na Pedra Ferrada, no Pé de Serra, no São José,.

A coleta das plantas medicinais foi realizada nos meses de junho e julho de 2002, por ser o período de demonstração de abundância da flora, devido às chuvas.

O conjunto de plantas nativas entra em condições de desenvolvimentos nesses meses, pois há um equilíbrio das condições de luz, calor, umidade, chuvas e fertilidade dos solos.

O clima subúmido exerce, direta ou indiretamente, uma influência muito grande sobre o uso das plantas medicinais. As plantas medicinais são mais utilizadas no período chuvoso (abril a julho), quando há incidência maior de doenças sazonais (tosse, gripe, resfriado), e causadas pela baixa temperatura (reumatismo).

Feira de Santana climatologicamente é considerada zona de transição entre a região Nordeste do Estado²⁰ e Recôncavo baiano. Mas, para análise são considerados os dados do Recôncavo baiano, no mês de junho/2002: as chuvas foram significativas, com valores que variaram de 120 a 320 mm. Contudo, esses valores ficaram abaixo da média climatológica

¹⁹ Centro de Estatística e Informações – CEI

²⁰ Riscos de seca: médio e alto.

de anos anteriores. A média histórica (mm) é de 136,5, a observada (mm) 106,4, o desvio em (%) -22,1²¹.

Nesse período os terrenos são aproveitados com a lavoura. Planta-se milho (*zea mays* L.; foto 114), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz: foto 99), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), batata-doce (*Ipomoea batatas* Poir: foto 26), abóbora (*Cucurbita pepo* L.; foto 06), que são as culturas de subsistência. A cultura do capim é desenvolvida por causa da pecuária.

Os solos ainda são aproveitados na plantação do fumo (*Nicotiana tabacum* L.; foto 141), banana (*Musa paradisiaca* L.; foto 25), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.; foto 45), e nas hortas.

Os solos (brunizém avermelhado) têm fertilidade alta, com boa reserva de minerais primários, facilmente decomponíveis, capazes de liberarem nutrientes para as plantas. São moderadamente ácidos a praticamente neutros, indicando que, de modo geral, não têm problemas de acidez. Apresentam moderadas limitações pela falta d'água e são bastante susceptíveis à erosão.

O uso dos solos é um dos fatores que caracterizam o homem que ocupa um espaço. As características geográficas influenciam na organização cultural.

Toda organização cultural dá-se através de um processo histórico. Por isso, abordarei, no próximo item, alguns aspectos históricos das plantas medicinais na vida brasileira.

²¹ Climaágua junho – 2002. Boletim de Meteorologia e Hidrologia do SRH – Bahia

II - ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS PLANTAS MEDICINAIS NA VIDA BRASILEIRA

1. O Uso do Poder Invisível na Cura

O processo da memória, no homem, intervém não somente na ordenação dos vestígios do passado, mas também, na releitura desses vestígios, serão desenvolvidas reflexões no sentido de levantar questões e buscar respostas acerca da memória histórica e da memória social, às representações mitológicas -, até o desenvolvimento contemporâneo da memória, determinado pela avalanche e pela universalização das informações a que estamos sujeitos no mundo em processo de globalização.

A falta de uma assistência médica às populações de poucos recursos financeiros sempre deu vazão ao desenvolvimento das terapêuticas das mulheres que, vendo o sofrimento dos entes queridos, se valiam ou se valem das experiências e tentativas de curas utilizadas pelos mais velhos.

Hoje, como no período colonial (Souza, 2000), as adivinhações, as curas mágicas, as benzeduras, as influências das fases da lua sobre o corpo procuram responder às necessidades e atender aos acontecimentos diários, tornando menos dura a vida das pessoas que se encontram em dificuldade. Os valores subjetivos, que vão sendo constituídos nessa situação de dificuldade, perpassam pela necessidade de sobrevivência e afirmação existencial.

Cada história narrada pelas colaboradoras traz lembranças de histórias vividas por ancestrais, das quais nem mesmo elas conseguem dar conta. Os registros inquisitoriais

levantados no estudo de Souza (2000), que têm como objeto a feitiçaria no Brasil colonial, deixam claro como os arquétipos²² são manifestados e construídos historicamente.

As curas mágicas com palavras, reflexos da velha crença da Igreja medieval no poder curativo da feitiçaria, que eram comuns em toda Europa, passam a ser heresia durante a Inquisição. Mas, mesmo sendo uma prática condenada, chega à atualidade, fazendo parte do cotidiano dos moradores dos bairros em estudo, neste trabalho. Como no Brasil colônia, hoje assistimos às rezas para curar-se de quebranto, mau-olhado, erisipela e espinhela caída.

O uso de plantas medicinais é registrado desde o período colonial. Alguns usos, porém, foram condenados pela Santa Inquisição. Um exemplo disso é relatado por Souza (2000):

Maria Joana sabia ainda que as folhas de outras duas árvores, o caãxixo(= árvore que chora) e o urubu giriá (= corvo que vira), tinham virtude de atrair homens quando eram misturadas ao tabaco do cachimbo e dadas ao amante para que o fumasse. João Mendes, por sua vez, acreditava nos poderes dos lavatórios com ervas. Certa vez, cobiçara uma índia solteira, que o desprezava e lhe dizia que não era capaz de tê-la. Um amigo índio lhe ensinara então um lavatório com folhas e raspas da raiz da árvore chamada tabarataseú; deveria aspergir o corpo todo e os cabelos por três vezes, invocando o demônio. Na madrugada do dia em que realizou a cerimônia, a índia desejada bateu à sua porta; ele a recolheu para dentro, e logo ambos ofenderam a Deus. (p. 238)

Mas não só essa prática sobreviveu como a crença nos calundus (ver Souza, 2000, registro de semelhança de calundus, páginas 263 – 269) que rodam os vivos:

²² Arquétipos: padrões de estruturação e desempenho psicológico ligados a fatores biológicos. 1 – fenotípicos - capital genético; 2 – genotípicos – modelos de aprendizagem e de “imprinting”.

O velho mexia com essas coisas e não tendo quem cuidasse depois que ele morreu. A família ficou com os bichos solto, atrapalhando a vida dos herdeiro que não cuida.

A família é cheia de *calundus*, as alma dos morto fica penando querendo ajudar os vivos só atrapalha. É uma consumissão. Por isso de tanta loucura na família.

O velho era famoso na Feira, todos os brancos freqüentava a casa dele. Era festa de semana. Muita matança de animal, muita dança, muito batuque, muita cura. No tocar dos tambor a dança de muitos era até cair com santo, com a invocação. Quando morreu deixou uma fortuna. Mas, foi a miséria, a desavença entre os filhos terminou em morte. Um irmão matou outro. Teu avô não era do casal. Por isso é que a família até hoje parece que tem possessão de loucura porque não cuidaram dos santos. E o que foi glória um dia é prejuízo hoje.

A finada Cecília [filha mais velha da idosa] é quem cuidava de todos da família. É, talvez por isso acabou cedo.

Quando qualquer mal tiver para acontecer tome banho de maravilha (*Caesalpineia pulcherrima* Swartz; foto 104), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi; foto 19), alfazema (*Vitex agnus catri* L.; foto 14) para limpar o corpo. Não é feitiço, nem bruxaria, é cuidado que se deve ter com o corpo. A limpeza é importante. (Dona Calu, 08/03/2001)

A mistura de crenças, religiosidades, que vem desde o período colonial, se confunde com a explicação de fenômenos subjetivos ou arquetipais que o indivíduo vivencia através das imagens e símbolos de sua trajetória de vida.

O aprendizado do uso de ervas envolve um certo enigma, mistérios e formulações que vão além da explicação científica, como a conhecemos atualmente. Talvez, toda essa situação ocorra por ser difícil entendermos porque pessoas não escolarizadas vivem e ensinam remédios que não foram testados cientificamente, e porque os mesmos dão certo e são valorizados pelos seus usuários.

Será que é como dizia Dona Calu (19/03/2001)?

A fé tem poder de cura. A oração tem poder de cura, por isso já andei em casa de santo, terreiro, igreja católica, igreja de crente, buscando cura para minha família. Deus está presente em todos os cantos, até onde há o mal. Agora, ele aparece para combater o mal. Mas é preciso que os filhos estejam atentos para ver sua misericórdia Porque senão fará o mal e viverá no mal. O homem pode se curar por acreditar em Deus. Com fé, com oração, transformar a doença em saúde. Porém há casos que só os médicos dão jeito, porque é doença criada na Terra por outros homens. Mas há caso que nem Deus, nem os médicos dão jeito, o exemplo disso é a loucura que existe na família. Mas, antes de procurar o médico se apegue a Deus.

Às vezes, nosso corpo se beneficia de certas influências secretas dos astros. Coisas boas e ruins podem acontecer sob a influência dos astros.

Não digo muito sobre esse assunto porque todos vão pensar que é loucura minha falar de influência dos astros na Terra. O que sei disso? Nada. Mas tenho pra mim que sei da influência dos astros sobre as pessoas e as coisas. Mas como não estudei, não posso falar. Ninguém acreditaria.

Agora, eu procuro estabelecer algumas relações com os astros para o uso de alguns remédios. Por exemplo, para combater vermes o melhor período é a lua cheia²³, porque as bichas ficam atacadas e é fácil matá-las com as sementes de mamão (*Carica papaya* L.; foto 96) e abóbora (*Cucurbita pepo* L.; foto 06) torradas e moídas. Outra, para ajudar a mulher na passagem das quadras de lua se ela estiver para parir e necessitar acelerar as dores é melhor dar banho e chá de algodão (*Gossypium barbadense* L.; foto 15) porque provoca a dilatação dos quadris O cio do animal é influenciado pela lua nova.

O corpo é influenciado pelo céu. Eu sei disso.

Cada planta do seu quintal, que mais considerávamos como ervas daninhas, tinha uma utilidade que ela sabia explicar a partir de uma ciência desconhecida dos médicos e das pessoas estudadas. É a ciência dos mais velhos que nunca puderam ir a um médico.

²³ No período helênico, Plutarco associa a lua crescente à Deusa de boa índole e a lua minguante a face da Deusa que traz doença e morte. (Sicuteri, 1990, p. 78).

As colaboradoras falaram da importância dos remédios feitos em casa, quando não se podia ir ao médico. Falaram com tanta propriedade de alguns conhecimentos e/ou saberes de que não consegui explicações imediatas.

Algumas hipóteses sobre esses conhecimentos e/ou saberes começaram a ter sentido, quando realizei a leitura do livro *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum* – Heinrich Kramer e James Sprenger, escrito em 1484. É incrível que alguns saberes dessas mulheres estavam no livro tal qual falavam. A exemplo, a reza com folhas para mal olhado – esse mal só pode ser retirado por rezas. As colaboradoras descreveram essas rezas de forma semelhante aos autores:

Entretanto, podemos esclarecer com maior nitidez de que modo é possível fazer mal através do olhar. Pode acontecer de um homem ou uma mulher olhar fixamente uma criança e esta, devido à sua suscetibilidade visual e à força de sua imaginação, sofrer impressão considerável e direta. E impressão desse tipo muitas vezes se acompanha de alteração corpórea, por serem as crianças muito propensas a tal, já que os olhos são dos mais sensíveis órgãos do corpo. Pode acontecer assim de os olhos receberem impressão maléfica, sofrendo grave transfiguração pois muitíssimas vezes os pensamentos e os movimentos do corpo são influenciados e revelados pelo olhar. É possível, portanto, a certos maus-olhados, rancorosos e malévolos, deixar marca profunda na memória e na imaginação de uma criança, de forma a refletir-se em seu próprio olhar. Podem daí decorrer efeitos reais: a criança poderá perder o apetite, deixar de se alimentar e acabar adoecendo gravemente. Notamos, às vezes, que o olhar de um homem que sofre de moléstia dos olhos é capaz de ofuscar e debilitar os olhos dos que o fitam, embora tal fenômeno, em grande medida, não passe do mais puro efeito da imaginação. (p. 73)

Segundo as senhoras, para se evitar que o mal do olhar cresça, é preciso rezar com folhas de arruda (*Ruta graveolens* L.; foto 20), ou de pião-roxo (*Jatropha molissima* (Pohl)

Baill; foto 119) ou de vassourinha (*Scoparia dulcis* L.; foto 140), e jogar, porta a fora, os ramos utilizados na reza, cortando assim o mal pela raiz.

Dona Calu dizia sempre que as pessoas negativas, quando cometiam um assassinato e iam visitar o morto, para zombarem da família e comprovarem se o falecido estava realmente morto, era identificada sua presença pelo sangue quente que escorria do ouvido, ou boca do defunto. Essa conversa levou-me a recordar uma outra passagem do livro de Kramer e Sprenger:

Tratamos do problema do fascínio maléfico exercido pelo olhar. Passemos agora ao segundo ponto, a saber, o cadáver do assassinado sempre sangra na presença do seu assassino. Segundo o *Speculum Naturale* de Vincent de Beauvais, c. 13, a ferida no morto, é, por assim dizer influenciada pela mente do assassino: a ferida é envolta por uma certa atmosfera marcada e permeada pela sua violência e o seu ódio: estando próximo o assassino, o sangue passa a manar e a verter do cadáver. Parece ser essa atmosfera, causada pelo assassino, que penetra na ferida e faz persistir o sangramento no corpo do morto: em presença do assassino tal atmosfera se perturba e adquire movimento que se transmite ao sangue do cadáver. Para alguns a causa do fenômeno é outra: dizem que no jorro de sangue se encontra a voz do morto que, das entranhas da terra, fica a clamar contra o assassino presente – e isso por causa da maldição proferida contra o primeiro assassino, Caim. Já o pavor experimentado por uma pessoa ao passar por perto do corpo de um homem assassinado, mesmo sem ter ciência da proximidade do cadáver, é de natureza psíquica: infecta a atmosfera e transmite à mente o frêmito do medo. Todas essas explicações, cumpre ressaltar, não afetam a verdade no tocante às perversidades executadas pelas bruxas, já que são perfeitamente naturais e têm origem em causas naturais”. (p. 74)

A cura ou malefício pelo poder invisível é constante na vida das pessoas que não têm uma explicação das causas e conseqüências de uma etiologia. E mesmo quando as têm, buscam explicação além do visível.

A figura feminina sempre fez uso das explicações além mundo visível e palpável. Constatei que as colaboradoras tiveram sua participação no domínio público negada. Mesmo assim, exercem uma prática de ensinamento e de cura na formação das novas gerações, sem terem, contudo, consciência da importância do seu papel na sociedade.

É preciso resgatar essa importância, fazendo uma nova reinserção do feminino na história. As mulheres detentoras de conhecimentos curativos foram perseguidas e levadas ao âmbito privado, para que o poder centralizador das nações e do homem pudesse se instalar (Muraro, 1993). A reinserção traz o poder de uma nova aprendizagem.

2. A Mulher Diaba no Brasil Colônia

A mentalidade da existência da mulher diabólica, recorrente em toda Europa Moderna, é trazida para o Brasil pelo colonizador português que, em volta da Inquisição, não deixa de nomear mulheres que mereciam o esconjuro.

A mulher era vigiada, mesmo quando o companheiro estava ausente e sua ocupação situava-se em um papel menor e na sombra do homem, mesmo assumindo toda a responsabilidade familiar. Na tentativa de furtar-se à presença inquisitorial, a mulher estabelece laços de autoproteção.

As mulheres, desde a época colonial (Del Priore, 1993), sempre foram solidárias²⁴ entre si. Trocam seus saberes com as vizinhas, as comadres e os filhos, sendo os mesmos companheiros na divisão das tristezas e das alegrias, da solidão de uma vida penosa e dos

²⁴Del Priore (1993) *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*, faz um resgate da solidariedade feminina em meio à violência imposta pela estrutura ultramarina de colonização.

conhecimentos práticos do cotidiano. É no descansar do fardo que carregam, entre a alegria e o cansaço, que se estabelecem vínculos, solidariedade e uma rede de informações sobre a vida.

A gente ia buscar lenha pra cozinhar, longe. Lá do lado onde é o Campo do Gado, hoje; na Baixa das Canas, na fazenda de compadre Zezinho. Tinha muita candeia (*Pistocarpa rotundifolia* Bak.; foto 47). Hoje, já não tem tanta candeia como antes. É até difícil ver por aí.

A candeia (*Pistocarpa rotundifolia* Bak.; foto 47) servia pra lenha e servia pra chá. Quando os menino ficava de barriga inchada ou qualquer problema de estômago. Eu fazia um chá com três folha. Quando tirava do fogo colocava umas pedrinhas de sal e dava pra muleque ficar bom. Usava também folha de mãe preta pra mesmo negócio. A mãe preta é difícil de dar em tabuleiro. A gente encontrava mais a candeia (*Pistocarpa rotundifolia* Bak.; foto 47).

Buscar lenha era uma festa. Mulher, menino, moça, toda gente com sua trouxa na cabeça. Trazendo o que depois ia ser usado para cozinhar. Uma ajudava a outra no fardo, na trouxa. A gente parava para descansar. Menina! Tinha tanto maracujá de cobra (*Passiflora cincinnata* Mast.; foto 103), a gente pegava pra trazer, chupar e fazer suco. Não é como hoje que a gente faz suco no liquidificador. Era aquela água, açúcar e os caroços do maracujá, mexido. Olha o maracujá (tanto pode ser a *Passiflora cincinnata* Mast.; foto 103 como *Passiflora edulis* Sims.; foto 102) é bom prus nervos”. (Dona Calu, 20/03/2001)

Na narrativa da colaboradora, “buscar lenha” é para elas muito mais que um encontro funcional, quando se carrega o objeto para o cozimento dos alimentos: “um centro de encontro onde se trocam as novidades, receitas e remédios, informações de todos os tipos. Cadinhos do empirismo popular”. (Perrot, 1992: 202 - 3).

Os vínculos são estabelecidos, conservando na fala das mulheres a liberdade de expressão.

Pela sua irreverência, ironia e espontaneidade, a fala das mulheres é prenhe de subversão. Ela conserva esse no-que-me-diz-respeito,

essa distância que permite que os humildes preservem sua identidade. Resgatem sua memória. É também pelas mulheres – mulheres crepusculares – que se transmitem, muitas vezes de mãe para filha, a longa cadeia de história de família ou aldeia. (Perrot, 1992: 206 – 7).

A indagação inquisitorial se os vínculos estabelecidos por mulheres eram perigosos para a fé, coloca em evidência o medo que o homem tem das ralações que fogem ao seu controle.

3. O Aborto Não Se Ensina

Remédio pra perca de filho não se deve dizer a moça, nem a mulher que pode parir, porque com o tempo pode querer usar se fizer besteira. Filho é coisa séria, é coisa de Deus. O melhor é casar pra ter filho. Mas, é pru trabalho, você tem marido e não vai fazer besteira. Então posso falar de um. As folha de sabugueiro (*Sambucus australis* Cham. Et Schlecht.; foto 130) pisada em forma de sumo. Aquele caldo verde, bem forte, serve pra expulsar a criança. As folhas de algodão (*Gossypium barbadense* L.; foto 15), as folha de arruda macho (*Ruta graveolens* L.; fot 20) é um veneno pra quem tá prenha. Mas... chega, que essas coisas não se ensina. As moças solteira não deve saber disso. (Dona Calu, 08/03/2001)

As representações e práticas abortivas são condenadas. Percebo que há influência da Igreja e pouca oscilação sobre o valor da vida apregoado pela mesma. As mulheres em período fértil não devem saber sobre plantas abortivas, pois correm o risco de infligir as leis da procriação estabelecidas por Deus. Esse ideário representa a constituição do arquétipo do casamento por excelência, a permissão do ato sexual. Representa a imagem que vem constituída desde a Colônia, quando a Igreja valoriza “o projeto de construção de uma mulher ideal: mulher que deveria ser casada, mãe, afeita à domesticidade, à piedade religiosa, preocupada em consolidar a família” (Del Priore, 1993: 81). Esse projeto

constituiu-se em uma argamassa de valores subjetivos que são repassados de geração a geração, como o correto e exemplar para a vida da mulher.

A afirmação de Dona Calu também revela que as mulheres podem ser vítimas de si mesmas e da sociedade, que não aceita o aborto como uma prática humana adequada. Del Priore (1993, p. 82) registra que “o uso de esponjas vaginais para evitar a gravidez, sangrias no pé, bebidas abortivas, vomitórios e a introdução de agulhas e instrumentos pontudos no útero, método responsável pela redução de ‘crias’ indesejadas, mas que acabava vitimando as próprias gestantes”, e a fala de Dona Calu reafirma que a prática do aborto deve ser evitada para não pecar contra Deus e, implicitamente, não ser mal vista. É a sacralização do papel social da mãe que se constituiu no período colonial e continua a ser representativo e significativo nos dias atuais.

A “pedagogia do medo” inculcada sobre a mulher se revela na fala das colaboradoras, quando alguns tipos de remédio não devem ser ensinados à outra geração. Dizeram, em alguns momentos, “esse pecado não levo a Deus” demonstra um preceito colonial, já que as mulheres deveriam ser a mãe ideal e a procriação devia ser coisa natural.

Muitas mulher que mata a criança, ela não está com Deus. Ela está com o demônio. Porque foi Deus que deixou nós no mundo. Deus deixou o casal.

A gente mal mata a criança, a gente quando morrer tem de pagar a ele. Quem morre vai pro inferno, matar filho? Tem muitas mulher dentro do fogo do inferno se queimando, de matar o sangue dela, porque é o sangue.

Porque não tomar o remédio pra matar. Agora se for por um choque, Deus perdoa. Agora pra tomar remédio, matar por pirraça. Mata aquela criança que está nascendo?

Tem nego que matar o menino já bolindo. Será que é ordem de Deus. (Dona Lorença, 15/06/1999)

Assim, o valor de preservação da vida humana é assegurado no processo de transmissão cultural.

4. A Influência da Igreja na Inculcação de Valores

A Igreja foi responsável pela inculcação dos valores sociais normativos, na época colonial. Quem poderia ser indicado como responsável, hoje, pela inculcação de tais valores? A mídia? A escola?

E, quem não tem pleno acesso aos meios de comunicação da inteligência informacional? Quem é responsável pelas tramas atuais na propagação de valores?

Talvez a resposta a essa inquietação ainda esteja associada à base instalada pela Igreja:

A Igreja sabia que a mãe representava o elo de transmissão de normas e valores ancestrais, como também que o isolamento da faina doméstica permitia a gestação de elementos culturais peculiares. Introduzir no mais recôndito do lar, do fogo doméstico, o modelo da boa-e-santa-mãe tinha por objetivo valorizar o matrimônio (...) (Del Priore, 1993: 107)

Mas, também a transmissão de outros valores inspirados pelo Estado e pela Igreja na constituição e manutenção da ordem social, sempre regida por interesses particulares, esquece que a coesão de valores, conseguida no interior de um lar, pode soar contra a expectativa de grupos hegemônicos. Pois as nuances das relações se estabelecem contra poderes e brechas de mudanças, no próprio compor-se e recompor-se dos interditos e permitidos.

No compor e recompor de interditos e permitidos a inculcação da santa-mãezinha aparece como valor velado, na fala da colaboradora.

Já viu filho de quem não presta, prestar? Filho de semente ruim, só pode ser ruim também.

Essas mulheres que pare e deixa os filho atoa. Acha certo eles entrar no que é seu e pegar as coisas. Aqui vejo gente desse tipo, vai pegando o seu e saindo com a cara mais lavada do mundo.

Não planta um pé de mato, mas pega o seu. Dizem que serve pra remédio. Então plante ... (Dona Calu, 12/04/2001)

Essa fala de Dona Calu remete a passagem bíblica – “Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore” (Mateus, 12:33).- que anuncia a chegada do Juízo de Deus. Ela quer dizer que as mães são responsáveis pelo futuro dos filhos, que a orientação dada pelas mães é que fará a criança um futuro cidadão respeitador e respeitável na sociedade. Há uma primazia na representação do papel que é atribuído a mulher-mãe.

O filho é o que a mãe consegue conceber enquanto senso de justiça, honestidade e respeito ao outro. Os conflitos gerados nessa expectativa tencionam a mulher enquanto geradora da humanidade.

A mulher, destinada a passar uma boa educação aos filhos para demonstrar a sua própria educação, vai progressivamente se incumbindo de redimensionar os valores, e assegurando-se do conhecimento não reconhecido pelo homem e pelo conhecimento científico instituído pelo mesmo.

O conhecimento de senso comum tratado pelas mulheres faz e refaz os valores sociais, abrindo um espaço de conquista de humanização das relações de gênero e de

mátrio-poder. Esse conhecimento que tem sido desprezado é, na verdade, a afirmação da existência de quebra de elo entre homens e mulheres, que se pré-julgam e se julgam no medir das forças e não no co-existir nas tramas do conhecimento, solucionador dos problemas cotidianos.

As mulheres têm poderes de sociabilidade que diferem dos poderes dos homens, ocasionando sempre o conflito que gera a ruptura no estabelecimento dos poderes.

5. A Confiança na Fala da Comadre

Barreto (2001) em seu artigo *Doenças de mulheres na Bahia do século XIX*, abrange o período de 1832 – 1889, discute as dificuldades de atendimento médico às mulheres devido à escassez dos serviços, dos pudores da época e dos conhecimentos médicos imprecisos sobre o corpo feminino. Afirma que:

As mulheres baianas preferiam o diagnóstico e a cura das enfermidades realizadas por outras mulheres, principalmente no que diz respeito às doenças exclusivamente femininas: pólipos uterino, “fysto”, ulceração interna, doenças do útero, “excitação nervosa”, sífilis, úlcera sífilítica, blenorria, cancro uterino, febre puerperal, dentre outras. (p. 30)

Segundo Barreto (2001), com a modernização da ciência médica no final do século XIX, à luz da ciência, “todo e qualquer conhecimento pautado apenas no conhecimento empírico-sensorial foi rotulado de charlatanismo”. No entanto, as práticas médicas e das comadres se assemelhavam, ambas as modalidades de cura estavam pautadas no desconhecimento da etiologia, no emprego da farmacopéia local e das mezinhas²⁵.

²⁵ Remédios populares para curar os males que atacam o organismo.

Pode-se observar, pelo quadro da indicação etnoterapêutica das colaboradoras, que alguns doenças são mais freqüentes: reumatismo, erisipela, tosse, gripe, hemorróidas diarréia. Essas doenças têm uma ocorrência maior devido, possivelmente, a alguns fatores: climáticos, condições sócio-econômicas, as manifestações historicamente construídas.

Como manifestações historicamente construídas está o fato de registro sobre essas doenças, ao longo de um período histórico da formação cultural de cura. Para exemplificar, tem se o registro das doenças que mais acometiam as mulheres no século XIX (1845 – 1883), e as referências feitas pelas colaboradoras a essas doenças.

Dentre as principais doenças que atingiram aquelas mulheres que procuraram a Santa Casa de Misericórdia entre 1845 – 1852 estavam: a sífilis, a úlcera, a blenoréia, o cancro venéreo, a tuberculose, a febre intermitente, a varíola, a desintéria, a diarréia, a erisipela, a pneumonia, a gangrena, a hepatite, o reumatismo, as hemorróidas, a paralisia, a apoplexia e as doenças mentais.

O quadro nosológico não era muito diferente no final do século, entre os anos de 1881 – 1883, período em que foram atendidas 2.800 pessoas na Santa Casa de Misericórdia, sendo 441 crianças, 1470 homens e 889 mulheres, das quais 29 eram escravas. Persistiam as doenças já citadas acima, acrescidas de beribéri, febre pernicioso, insuficiência, úlcera sifilítica, epilepsia, tubérculos pulmonares, tétano, dentre outras. (Barreto, 2001: 29)

Nesse quadro percebe-se que a presença médica até o início do século XX, não é uma constância na vida das pessoas. O estudo de Barreto (2001) refere-se à capital baiana. Supõe-se que a vida interiorana passa por dificuldades maiores, referentes à assistência médica.

Porque na minha época não existia médico, pode anotar que não existia médico. Na minha época de infância só existia dois médicos aqui na Feira e assim mesmo bem velhos. Não tinha médico, não tinha hospital, não tinha posto. Minto, agora menti. O hospital que

tinha só tinha a Santa Casa de Misericórdia, que é onde é a escola do menor ali descendo a Matriz.

Palácio de Menor?

Sim, eu acho que é ali, onde é esse negócio. Era ali que era a Santa Casa, chamada Santa Casa de Misericórdia, só tinha ali. (Dona Calu, 26/06/1999)

A falta de assistência e os pudores fazem com que a comadre, a parteira e a entendida sejam as mais requisitadas para a cura dos males.

III - A FALA DAS COLABORADORAS

1. A Presença da Coesão e da Coerência na Fala das Colaboradoras

Na sistematização dos dados não será possível apresentar todas as narrativas das colaboradoras, mas alguns trechos aparecem aqui transcritos, como demonstração do vocabulário utilizado pelas mesmas. Alguns termos do vocabulário das colaboradoras aparecem no **glossário de termos das colaboradoras e dos cientistas** (ver anexo).

Os fatores responsáveis pela textualidade – coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade devem ser observados na análise e interpretação dos dados, pois são eles que fazem que um texto seja um texto. Eles validam ou não o discurso das colaboradoras, nos diversos contextos em que for proferido. É evidente a necessidade de esclarecer que o conhecimento de mundo das colaboradoras dá respaldo ao discurso que empreendem no contexto de convivência, pois apoiam-se na experimentação do saber local. Os enunciados que utilizam estabelecem relações de sentidos. As relações de sentido existentes no interior do texto dá-se através do

léxico. A coesão lexical é obtida por meio da reiteração, que se faz por repetição do mesmo item lexical, como se pode ver no exemplo abaixo:

A senhora usa *remédio* de médico?

Eu não. Porque sempre que vou me receitar não encontro médico

E *remédio* caseiro?

O *remédio* que eu vivo a tomar é mais o chá. É chá de **boldo** (*Plectrathus*; **foto 31**), é chá de seu bichinho, **carambola** (*Averrhoa carambola* L.; **foto 51**) É o *remédio* que eu vivo tomando. (Dona Jovem, 26/06/1999)

O termo “bichinho” aparece como explicativo para uma palavra que foi esquecida quando ia ser pronunciada. Mas, logo foi recuperada. É comum, quando a memória trai o que o sujeito pretende falar, usar de um substituto, que o interlocutor percebe como ausência da palavra, sem perder, contudo, o sentido do que vinha sendo dito como um todo. Esse tipo de recuperação busca assegurar a coesão do texto.

As colaboradoras, em momentos das narrativas, fazem recorrência de tempo verbal com função coesiva, indicando ao ouvinte que se trata de uma seqüência de comentário ou de relato:

Cajueiro branco (*Anacardium occidentale* L.; foto 41) é bom pra gripe.

Essas gripes forte. A gente pega três casquinho do ante-casco, bota no fogo pra cozinhar com cravo (*Eugenia caryophyllus* L.) e canela (*Cinnamomum zeylanicum* Nees.; foto 48) e agora bota o açúcar e deixa dar o ponto, né!

E a pessoa vai tomando, é ótimo. E pra banho também, quando as mulher tinha criança tomava banho de cajueiro (*Anacardium occidentale* L.; foto 41). Identificava o cajueiro (*Anacardium occidentale* L.; foto 41) e tomava três banhos, porque se tomar banho de mais faz mal. Só toma três banho. Do ante-casco do cajueiro branco, cozinha o ante-casco e bota o taco de cada um

dentro. Deixa esfriar, coa por causa do bagaço e depois que tá morninho a mulher senta e se banha. Lava bem os ingredientes como se diz bem a história, que não precisa passar de três. Não pode, porque senão sara demais.

Capim-santo (*Cymbopogon citratus* (D.C.) Stapf.; foto 50) é bom pra gripe, pra dor, às vezes a gente tá sentindo qualquer dor faz o cházinho de capim-santo, é bom. Toma.

Também, tem esse, também, Cordão de São Francisco (*Leonatis nepetaefolia* (L.) R. Br; foto 62) é bom pra banho, pra princípio de derrame, tomar o chá, pra pneumonia. Toma o chá da folha e pra pneumonia.

Por que, não dar aquelas bolas?

A gente pega três bolas daquelas e pisa e coa e toma, desmancha na água morna e bebe. Tanto faz tomar frio, como fervido. Pra pneumonia Cordão de São Francisco (*Leonatis nepetaefolia* (L.) R. Br; foto 62).

Tem o Cardo Santo (*Argemone mexicana* L.; foto 52) . Esse pé tá aqui. A gente tinha muito, mas ainda não nasceu.

Minhas plantas acabou tudo, minhas plantas de remédio. [devido o período de estiagem as plantas morrem]

Cardo Santo (*Argemone mexicana* L.; foto 52), pra pneumonia e inflamação, qualquer inflamação. [Sempre indicando as plantas no quintal]

Erva-doce (*Foeniculum vulgare* Miller; foto 71), pra gases no estômago. Quem tem gases [indicando a planta] é ótimo pra chá pra criança, pra adulto e tudo.

Eucalipto (*Eucalyptus tereticornis* Smith; foto 75) [não tem no quintal] pra gripe, febre, criança que tem o corpo cheio de pereba, dar uns banhos de eucalipto (*Eucalyptus tereticornis* Smith; foto 75) que sara de repente. (Dona Calu, 26/06/1999)

O termo “pra” aparece como elemento coesivo das frases. Já a expressão “Lava bem os ingredientes [grifo meu] como se diz bem a história, que não precisa passar de três.”

Ganha sentido no contexto do texto; o mesmo se refere aos órgãos genitais femininos.

A esse sentido de coesão interliga-se uma relação direta com a coerência que estabelece, no texto, o resultado de uma conexão lógica dependente de fatores socioculturais diversos, devendo ser vista não só como resultado de processos cognitivos, operantes entre os usuários, mas também de fatores interpessoais como as formas de influência do falante na situação de fala, as intenções comunicativas dos interlocutores.

As influências da fala levam ao discurso que uma comunidade tem de si mesma – etnotexto (Pelen, 2001: 71), e de suas relações com o mundo, constituído da memorização, da legitimação de manifestações de sua necessidade. Falar é construir discurso.

2. Remédio com as Plantas Mediciniais

Os remédios da farmácia tudo mais é do mato. Aqueles engarrafadas, tudo foi feito de folha de mato. (Dona Lorença, 15/06/1999)

As colaboradoras têm as plantas medicinais como remédio. O termo remédio refere-se aos meios utilizados com a finalidade de cura ou prevenção de doenças físicas ou psíquicas, míticas, místicas e ritualísticas (Di Stasi, 1996).

A facilidade com que transmitem o conhecimento que têm, para o bem de quem está aflito, é provocativo para quem lida com a ciência na visão de testagem e amostragem do resultado do teste. Por falta de escuta do senso comum, a ciência apregoa não ser possível erro laboratorial. Senso comum esse que representa a manutenção da vida.

“Se conselho fosse bom não se dava, vendia”, esse adágio popular não é válido no processo de transmissão utilizado pelas colaboradoras, pois o “conselho” complementar de cada ensinamento de uso de plantas serve como reforçador e valizador do conhecimento que está sendo ensinado. O reforço da utilidade do remédio com plantas medicinais vem

sempre acompanhado do conselho “faça” ou “não faça” isso, e logo cravejado do resultado negativo ou positivo da observância ou não observância do aconselhamento.

O aconselhamento aparece como um dos valores etnopedagógicos utilizados na transmissão do conhecimento que possuem. Assim, aconselham o uso de um remédio que experimentaram e que deu certo. Os exemplos se multiplicam nas narrativas.

3. Receitas de Lambedores

Lambedor de agrião (serve para acabar com o catarro no peito)

1 maço de agrião (*Nasturtium officinale* R. Br)

Açúcar.

Modo de preparo:

Corte o agrião (*Nasturtium officinale* R. Br) após lavar e coloque no fogo com açúcar. Tampe a panela para abafar e o ar não sair.

Quando estiver uma calda grossa, desligue o fogo. Deixe esfriar, coe e coloque no frasco com tampa. Use 3 colheres de sopa ou chá ao dia.

Outro modo de fazer é deixar o açúcar com o agrião (*Nasturtium officinale* R. Br) no sereno. Esse lambedor é mais forte. Usa do mesmo modo.

Quando a gripe for muito forte faz-se um lambedor com agrião (*Nasturtium officinale* R. Br), alecrim-do-reino (*Rosmarinus officinalis* L.), cravo (*Eugenia caryophyllus* Spreng.), eucalipto (*Eucalyptus tereticornis* Smith), fedegoso (*Senna occidentalis* (L.) Link), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.). O modo de fazer é igual ao outro lambedor. Porém, deve-se ter cuidado com a quantidade de folhas que vai utilizar. Deve-se equilibrar a dosagem das folhas para evitar amargo ou forte demais, pois ao invés de ajudar a curar pode vir a causar problemas sérios (dores na barriga, vômito, enjôo).

Todas as colaboradoras conheciam pelo menos um tipo de lambedor e sua eficácia.

4. Combinação de Plantas

Dona Maria (03/06/1999) tinha um jeito especial de combinar as plantas medicinais; para cada combinação ela atribuía um uso e um resultado de cura.

Quando a pessoa tem uma ferida, ela esquenta a casca do tomate (*Lycopersicon esculentum*; foto 136) e coloca no lugar.

Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi; foto 19) mais mal-me-quer (ASTERACEAE; foto 43), mais cajueiro (*Anacardium occidentale* L.; foto 41) (casca), serve para banhar ferida.

Canela (*Cinnamomum zeylanicum* Nees.; foto 48) mais cravo (*Eugenia caryophyllus* L.), mais cebola branca (*Allium cepa* L.) mais dente de alho (*Allium sativum* L.) mais açúcar faz lambedor que é bom pra gripe.

Não se deve misturar erva cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br., foto 70) com melissa (*Melissa officinalis* L.; foto 111) porque um corta o efeito do outro.

Chá de abacate (*Persea americana* L.) (folha) mais hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus* (Lour) Spreng; foto 86) serve para banhar a garganta.

Losna branca (*Artemisia absinthium* L.), mais alecrim (*Rosmarinus officinalis* L. foto 09), mais cebola branca (*Allium cepa* L.), mais mel de urucu faz uma garrafada para a mulher parida tomar, serve para limpar.

Candeia do mato (*Pistocarpa rotundifolia* Bak.; foto 47) faz chá com as folhas e toma quando a comida faz mal.

Hortelã miúdo (*Mentha vilosa* Huds; foto 87) mais alecrim (*Rosmarinus officinalis* L. foto 09) ou cebola branca (*Allium cepa* L.) faz xarope pra gripe.

Essas combinações garantem o efeito da indicação etnoterapêutica e a cura, consequentemente, através das mesmas.

5. Algumas Relações do Remédio Caseiro com a Medicina nas Narrativas das Colaboradoras

As colaboradoras emitiram opinião a respeito da atuação médica e, em alguns momentos, apontaram as falhas cometidas por esses profissionais. Valorizam seus conhecimentos ao criticarem os médicos e suas atuações.

Quando o menino tem imbigio grande a gente deve cortar a cabeça do quiabo (*Hibiscus esculentus* L. foto 127) e passar no imbigio. Aquela gosma que o quiabo (*Hibiscus esculentus* L. foto 127) tem é boa para diminuir o tamanho do imbigio. Depois que você passa a cabeça de quiabo (*Hibiscus esculentus* L. foto 127) jogue em cima da casa para secar. É certo que quando a cabeça vai secando, o imbigio vai diminuindo. Até ficar pequeno.

Você pode fazer esse remédio que é uma simpatia.

Tem gente que precisa fazer mais de trinta vez para ver o resultado. Outras pessoa com sete ou oito vez já está com o imbigio pequeno.

Antigamente não se operava de hérnia porque quando a mãe via que o menino ou menina era imbigudo, cuidava logo. Mas hoje deixam o imbigio crescer, encher de ar até dar o problema de hérnia que tem que operar e as vez opera e não sara. O imbigio de Neto (foi omitido o nome do neto para não causar constrangimento) operou, não foi?

Pois bem, não ficou bonito como deveria.” (Dona Calu, 20/03/2001)

Aqui aparece manifestado outro valor etnopedagógico utilizado pelas colaboradoras, que é a comparação. Uma vez experimentada uma situação, compara-se a outra buscando a que traz mais sucesso e benefício para quem a vivenciou.

6. A Eficácia do Remédio

A eficácia é outro valor etnopedagógico. Se um remédio deu resultado, ele passa a ser validado. Entra no círculo de referência para a cura daquele mal.

Tem pessoa que se enche de verruga. E é verruga para todo o lado. Então, o melhor é curar a pessoa usando a manaiva. Tanto faz usar a de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz; foto 99), com a do aipim. Sendo que a manaiva de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz; foto 99) é melhor. Porque aquele leite que é o veneno, é mais forte. Eu lembro que você quando era pequena teve nos dedos e o teu pai vinha aqui a tarde, cortava a manaiva e pingava o leite no seu dedo, bem em cima da verruga e depois colocava para secar a manaiva na sombra, na cumieira da casa de farinha. O segredo é que a manaiva não pode tomar sol. Ela deve secar por si. Quando ela vai secando a verruga vai amolecendo até que cai e a pessoa melhora.

Veja que este remédio é bom mesmo, pois o indivíduo não tem nunca mais. (Dona Calu, 20/03/2001)

“A pessoa de sangue fraco é danada para ter furunco.

É um corpo cheio de pus. A carne apodrece, fica fraca e cria aquele carnegão que é a parte mais dura do furunco.

Não há remédio melhor que a folha de pimenta (*Capsicum* sp; foto 121) com basilicão.

Mesmo procurando um médico, ele vai passar uma pomada que deve ser a base do basilicão e o melhor é que o basilicão é mais barato e não há outro que faça o feito dele.

Agora a folha de pimenta (*Capsicum* sp; foto 121) no local ajuda a amolecer e puxar o carnegão. Saindo o carnegão o furunco sara logo, logo”. (Dona Calu, 20/03/2001)

“Eu nunca fiz um exame nas partes de baixo e tive dezessete filhos entre percas e os que criei.

Agora! Por que nunca tive doença?

Porque sempre me cuidei. Eu só não, as amigas velhas daquele tempo de moça. Nós nem sabia direito essa de ir ao médico, depois não tinha. E quem é que ia mostrar suas vergonhas pra médico?

O certo é que tomava lavagem de cajueiro (*Anacardium occidentale* L.; foto 41). A casca do cajueiro (*Anacardium occidentale* L.; foto 41), tanto fazia branca como a outra. Usava também espinho cheiroso (*Zanthoxylum* Lam; foto 74), alfazema (*Vitex agnus-castri* L.; Foto 14) e mais folhas que serve para sarar.

E quando paria, a gente tomava o xarope feito com folhas do quintal (palma da rainha (HUEFS 61703), poejo (*Mentha pulegium* L.; foto 123), malva (*Malva silvestris* L.; foto 95), água da levante (*Mentha gracilis* L.; foto 08) , cebola branca (*Allium cepa* L.) usava açúcar e cachaça. O xarope servia para limpar o resto de parto. A gente tomava Água Ingleza, era um cálice antes da refeição. A limpeza estava feita e a gente sarava.

As vez a gente bebia demais e ficava na cama mesmo. O muleque que nascia chorava e a mãe em condição de dar comida. Era uma farra. Chegava as cumadre para ajudar a parida e tomar a delas também. Era uma festa de mulher.

A mulher que tinha problema é porque os marido vivia com outras na rua e não se cuidava. A ingnorância do homens as vez era tão grande que ajuda a matar a mulher de doença braba. Mas, tinha aquelas que para não perder o marido não guardava resguardo depois que paria e ela ficava aberta, fazia firida e acabava os dias de vida.

É preciso resguardo quando se pare, pois se não dá pro homem esperar a mulher ficar boa é porque ele não gosta dela. Mas é ela quem tem que gostar dela mesma.

Aprenda, nada de se chegar logo que pare. Guarde pelo menos uns quarenta e cinco dias ou uns sessenta dias, isso vai depender das suas carne.

Pra cólica é bom chá de carrapicho (*Acanthospermum hispido* DC), tem moça que sofre muito com isso” (Dona Calu, 12/04/2001).

7. A Simpatia

Menino com umbigo grande.

Para diminuir o umbigo, pega um pedaço de pano e coloca em cima do umbigo e mede, corte no tamanho, depois pega o pano e coloca no jenipapo (*Genipa americana* L.; foto 90) cortando do mesmo tamanho. Quando o jenipapo (*Genipa americana* L.; foto 90) (casca) começar a secar o umbigo também seca. (Dona Maria, 03/06/1999).

A simpatia revela manifestação da crença na palavra, no invisível e na solução mágica dos problemas cotidianos.

A *simpatia* tem seu fundamento na analogia, associação de idéias por similitude ou contágio; é, portanto, magia imitativa ou contágio. Com sua prática pretende-se favorecer ou produzir determinados resultados por meio de gestos, palavras ou atos. Uma de suas características é que seu emprego poderá ser feito por qualquer pessoa, nada se exigindo além da fé nos resultados. (Teixeira, 1975, p. 6).

Simpatia similar a de Dona Maria (03/06/1999) é citada por Krug (1938):

Para curar-se “UMBIGO ESTUFADO”, ou umbigo crescido, motivado pelo continuo choro, leva-se a criança a um genipapeiro (*Genipa americana* L.; foto 90), durante nove dias, metendo-se-lhe o umbigo num buraco aberto na árvore, especialmente para esse fim; também tira-se a medida do umbigo com um papel e mete-se este no buraco feito em pé de pinhão (Ceará). (p. 247)

8. As Crenças sobre o Uso de Algumas Plantas Medicinais

Percebe-se, através das narrativas das colaboradoras que as mesmas fazem diferença entre as crenças e o conhecimento sobre plantas medicinais. O conhecimento é respaldado na experiência, no “eu fiz e deu certo”. Enquanto as crenças não têm uma comprovação palpável, pauta-se na afirmativa **existe**.

As crenças são definidas pelas colaboradoras como acontecimentos que todos acreditam ser possível acontecer, mas nem sempre passa pela experiência (do experimento), nem sempre é verdade – “às vezes não vê, sente”; não há uma lógica explicativa, mas uma atitude do espírito que adere a um enunciado ou a um fato sem que tenha prova concreta. As crenças não são comprovadas objetivamente, porém são praticadas por proporcionarem estrutura e significado para o indivíduo, sendo coerentes com sua visão de mundo. As crenças são produções coletivas, resultantes do convívio. São as representações que os indivíduos fazem da realidade, atribuindo validade, verdade ou credibilidade. Representações essas que guiam o pensamento e o comportamento. Elas originam o conhecimento, porque as formas de escolher valores irão constituir em ato de conhecer. São conhecimentos subjetivos estáveis que incluem sentimentos acerca de um objeto, coisa ou situação, cujas bases são fundadas em considerações objetivas. As crenças existem independentes da sua validação científica.

As crenças mencionadas e registradas, foram:

1. A mulher que come pimenta (*Capsicum sp.*; foto 121) durante a gravidez o filho nascerá chorão e danado [valente, travesso].
2. A mulher grávida que come banana (*Musa paradisiaca* L.; foto 25) “filipinha” terá gêmeos.
3. Para desmamar uma criança a mãe deve passar pó de café (*Coffea arabica* L.; foto 38) ou chá de camomila (*Matricaria chamomilla*) nos peitos e dar-lhe para mamar: ela ficará com nojo e deixará a mama.

4. Se uma moça quiser casar-se com um rapaz, basta dar-lhe café (*Coffea arabica* L.; foto 38) coado em uma roupa de baixo (calcinha ou sutiã), sem que ele saiba.
5. Sonhar com laranja (*Citrus cf sinensis* Osbeck): sofrimentos próximos.
6. Chupar melancia (*Citrullus vulgaris* Schrad.; foto 109) e tomar banho dá congestão e morre.
7. Comer batata-doce (*Ipomoea batatas* Poir; foto 26) com leite morre, a pessoa fica toda roxa e morre.
8. Não misturar leite com fruta ácida: faz mal.
9. Tomar leite e comer fruta verde dá tifo.
10. Comer manga (*Mangifera indica* L.; foto 100) dá hidrofília.
11. Chupar manga (*Mangifera indica* L.; foto 100) quente morre com barriga d'água.
12. Tomar leite com fruta azeda (laranja (*Citrus cf sinensis* Osbeck), limão (*Citrus limonum* L.) da congestão e mata.
13. Se misturar leite com cachaça (bebida alcoólica resultado da fermentação da cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.; foto 45) é tomar e morrer.
14. Se comer repolho (*Brassica oleracea* L. var. *capitata* L.) quando está menstruada, aumenta o fluxo.
15. Não se pode comer pimentão (*Capsicum annuum* L.), coentro (*Coriandrum sativum* L.; foto 60), abacaxi (*Ananas comosus* (L.) Merr. var. *comosus*) e repolho (*Brassica oleracea* L. var. *capitata* L.) quando menstrua.

16. Dá problema no sangue se comer muito tomate (*Lycopersicum esculentum* Mill; foto 136).
17. Banana (*Musa paradisiaca* L.; foto 25), de manhã é ouro, de dia é prata, de noite mata.
18. Se engolir caroço de tomate (*Lycopersicum esculentum* Mill; foto 136), de quiabo (*Hibiscus esculentus* L.; foto 127) ou das frutas, nasce um pé de planta dentro da barriga.
19. Se engolir muita goiaba (*Psidium guayana* L.; fotos 81 e 82) dar enturimento [ressecamento das fezes].
20. Comer manga (*Mangifera indica* L.; foto 100) verde com sal faz mal, deixa a pessoa papuda.
21. Para que a planta cresça bonita, a muda deve ser roubada.
22. O mau-olhado é capaz de matar qualquer planta.
23. Quando uma mulher tem seu vaso de avenca (*Adiantum risophorum* L.; foto 23) muito bonita, bem verdinha, é sinal de que seu marido lhe é fiel.
24. Para que uma criança cresça rapidamente, corte um cacho de seus cabelos e enterre-o junto a bananeira (*Musa paradisiaca* L.; foto 25).
25. Quem tem cabelos lisos e os quiser cacheados, é cortá-los durante a lua-nova e jogá-los dentro de uma muda (broto) de bananeira (*Musa paradisiaca* L.; foto 25).

26. Não se pode apontar o dedo no fruto pequeno do chuchuzeiro (*Sechium edule* (Jacq.) Sw.) porque o mesmo peca (cai antes do tempo) e morre.
27. É bom manter uma comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia maculata* (Loddiges) G. Don; foto 61) sempre perto de casa para combater o mau-olhado.
28. Colocar sal grosso no coqueiro (*Coccus nucifera* L.; foto 59) para que tenha excelentes frutos.
29. A moça que conseguir descascar uma laranja (*Citrus cf sinensis* Osbeck) sem que a casca se arrebente, será uma boa dona de casa.
30. Quando uma pessoa quer saber se seu amor é correspondido, faz a seguinte prática: pega uma flor de malmequer (ASTERACEAE; foto 43) e vai despetalando, enquanto diz: “- Malmequer... bem me quer; malmequer ... bem me quer ...”-, até que seja destacada a última das pétalas o que tenha dito, então, indicará se é correspondido ou não por seu bem-amado.
31. Tirar mamão verde para cozinhar, o mamoeiro (*Carica papaya* L.; foto 96) morre.
32. Se saltar o pé de melancia (*Citrullus vulgaris* Schrad.; foto 109): ela morrerá.
33. Se passar a cabeça do quiabo (*Hibiscus esculentus* L.; foto 127) no umbigo: o umbigo mucha.
34. A pessoa de mau-olhado fica indisposta, com o corpo mole, bocejando freqüentemente com febre, abatida, dores no corpo. “É uma doença que médico nenhum dá jeito”.

35. Só quem pode curar o mau-olhado é uma rezadeira ou entendido.
36. O remédio aplicado a quem tem mau-olhado é benzer com três galinhos de arruda (*Ruta graveolens* L.; foto 20) ou de vassourinha (*Scoparia dulcis* L.; foto 140) ou de pião-roxo (*Jatropha molissima* (Pohl) Baill; foto 119). Rezando “Fulano (nome da pessoa), eu te benzo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Com dois de puseram, com três te tiro: com as três palavras santas, o poder de Deus e da Virgem Maria estais curado”. Rezar a seguir, um Pai Nosso e três Ave Maria.

As crenças relatadas acima pelas colaboradoras fazem parte de um universo subjetivo dos brasileiros; tomadas em estudo como “crendices” e “superstições” encontramos em Krug, 1938; Teixeira, 1975, relatos similares aos mencionados.

Há crenças referentes às orações que devem ser diárias, para não cair em tentação, e ajudam no uso das plantas que têm poder curativo, ademais “Deus tudo guarda e protege”.

Orações diárias e curativas, além da “Ave Maria”, são:

PAI NOSSO

Pai nosso que estais nos céus,/ santificado seja o vosso nome;/ venha a nós o vosso reino,/ seja feita a vossa vontade,/ assim na terra como no céu;/ o pão nosso de cada dia nos daí hoje;/ perdoai-nos as nossas ofensas,/ assim como nós perdoamos/ a quem nos tem ofendido/ e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

BENDITO (comunhão)

Bendito sejais, Senhor, Deus do universo/ pelo pão que recebemos da vossa bondade/ fruto da terra e do trabalho do homem/ que agora vos apresentamos/ e para nós se vai tornar pão da vida.

Bendito seja Deus para sempre!

Pelo mistério desta água e deste vinho/ possamos participar da divindade do vosso Filho/ que se dignou assumir a nossa humanidade.

Bendito sejais, Senhor, Deus do universo,/ pelo vinho que recebemos de vossa bondade/ fruto da videira e do trabalho do homem/ que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar vinho da salvação.

Bendito seja Deus para sempre!

CREDO

Creio em Deus pai todo-poderoso/ criador do céu e da terra;/ e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor;/ que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;/ nasceu da Virgem Maria;/ padeceu sob Pôncio Pilatos/ foi crucificado, morto e sepultado;/ desceu à mansão dos mortos;/ ressuscitou ao terceiro dia;/ subiu aos céus;/ está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso,/ donde há de vir a julgar os vivos e os mortos;/ creio no Espírito Santo/ na santa Igreja católica/ na comunhão dos santos/ na remissão dos pecados/ na ressurreição da carne, na vida eterna./ Amém.

GLÓRIA AO PAI

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Assim como era no princípio e agora e sempre e por todo os séculos dos séculos. Amém.

CATÁLOGO DAS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS COLABORADORAS

Tabela 03

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Abacate	<i>Persea americana</i> L. •	Folha e semente	Dor nos rins.	61750
Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L. •	Fruto e semente	Vermes (solitária), corrimento (banho com o caldo que cozinha a abóbora. Ressecamento.	61730
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L. •	Folha e fruto	Gripe.	61736
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br. •	Toda planta	Abrir o apetite. Catarro, bronquite, reumatismo, digestão, herpes, fígado, fraqueza, interrupção das regras [amenorréia], dores durante as regras [dismenorréia], ossos fracos (raquitismo), queda de cabelo, barriga inchada e anemia. Gripe, sangue [vitamina].	61829
Água da levante	<i>Mentha x piperita</i> L. var. <i>citrata</i> (Ehrh.) Bnq. •	Folha e caule	Ansiedade, coração, cicatrizante. Limpar o útero da mulher parida.	61824
Alecrim-do-reino	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. •	Flor e folha	Gases intestinais, tosse, coração, reumatismo nas juntas, feridas.	61716
Alface	<i>Lactuca sativa</i> Linné •	Folha e caule	Calmante, laxante, diurética, contra insônia, coração, reumatismo, tosse, rins, hemorróidas. Anemia, diabetes.	61762
Alfavaca miúda	<i>Ocimum americanum</i> L. •	Toda planta	Ajuda a soltar a urina quando está com ardor na hora de urinar. Dificuldade de digestão. Febre, tosse, vento, dor de garganta, aftas. Feridas.	61692
Alfavaca graúda	<i>Ocimum basilicum</i> L. •	Folha e raiz	Problemas urinários. Dificuldade de digestão. Febre, tosse, vento, dor de garganta, aftas. Feridas.	61693
Alfavaquinha de cobra	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) H.B.K. •	Folha e raiz	Reumatismo	61738

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Alfazema branca	VERBANACEAE	Toda planta	Cãibras, reumatismo, tonturas, vento, cólicas, asma.	61694
Alfazema roxa	<i>Vitex ocnus</i> L.	Toda planta	Cãibras, reumatismo, tonturas, vento, cólicas, asma.	61695
Alfazema de caboclo	ASTERACEAE	Toda planta	Estimulante e para dor de dente.	61673
Algodoeiro	<i>Gossypium barbadense</i> L. •	Folha, raiz e semente	Ausência de menstruação (infusão das sementes). Infecção na urina (chá-raiz). Feridas (sumo das folhas colocar em cima da ferida). Esquentar as dores na hora de parir (banho).	61752
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Toda planta	Qualquer problema de entupição, gripe, bronquite, tuberculose, asma, garganta inflamada, tosse, resfriado, prisão de ventre, digestão, tirar mal cheiro da boca, baixar pressão, dor de ouvido (aplica-se algodão embebido em azeite fervido com alho).	
Almeirão	<i>Hieracium comersonii</i> Monnier	Flor e folha	Tônica. Sangue. Rins. Olhos inflamados. Catarros nos pulmões.	
Alumã	<i>Vernonia bahiensis</i> Tol. •	Folha	Intestino. Fígado. Comida que faz mal. Desintéria.	61763
Anador		Folha	Dores e inflamação.	61687
Andiroba	<i>Carapa guianensis</i>	Folha e semente	Vermes, febre, problema de pele.	
Angélica	<i>Polianthes tuberosa</i> L.	Flor e raiz	Problema no estômago, bronquite, cólicas, fígado. Fazer compressas, chá com raízes de angélica e com losna serve para cãibras. Gripe. Banho (limpeza do corpo).	61682
Araçá-mirim	<i>Psidium guineense</i> Sw. •	Folha e fruto	Dor de barriga (diarréia).	61705

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi•	Entrecasco	Febre, reumatismo, tumores, diarreia, combater úlceras.	61683
Arroz	<i>Oryza sativa</i> L.	Semente	Eczema.	
Arrozinho	<i>Schwenkia sp.</i> •	Toda planta	Dor de urina.	61788
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Toda planta	Para regras suspensas. Provoca aborto. Xarope de mulher parida. Verme (mistura com azeite "galo" e toma 3 colheres de chá por dia). Sarna (passa o chá com algodão na sarna). O chá também serve para lavar feridas. Ter cuidado para não se envenenar.	61743
Artemigem ou artemijo	<i>Artemisia vulgaris</i> L.•	Flor, folha e raiz	Banhar as pernas que tiver com reumatismo. Combate as lombrigas (fazer um pó com as folhas secas e usar pitadas) ou chá. Regras atrasadas, anemia (pessoa descorada)	61764
Assa-peixe branco	<i>Vernonia sp.</i>	Raiz	Hemorroidas e problema no útero. Dor.	61674
Avenca	<i>Adiantum risophorum</i> L.•	Folha	Tirar catarro, rouquidão.	61675
Azedinha		Folha e fruto	Facilitar a digestão. Dar energia, tem vitamina (raiz).	61685
Babosa	<i>Aloe vera</i> Burm. F.	Folha	Combater a caspa e deixar o cabelo bonito. Queda de cabelo, câncer, erisipela. Dor nos olhos passar por fora. Grávida não pode usar por que causa aborto.	61751
Banana	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Bulza e fruto	Cansaço [asma], regra que vem e não quer ir embora, com princípio de hemorragia. Diarreia.	61711
Banana de São Tomé	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Bulza e fruto	Cansaço [asma], regra que vem e não quer ir embora com princípio de hemorragia.	

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Baraúna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl. •	Entrecasco	Diarréia, hemorragia. Sangue Quando sai do nariz.	61799
Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatiman</i> M.	Entrecasco	Diarréia (chá), inflamação do útero (banho), úlceras (pó).	61835
Batata de teiú		Raiz	Mordida de barbeiro, de inseto, de cobra.	
Batata inglesa	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Raiz	Queimaduras. Amolecer o pus [abscessos]. Dor de cabeça. Reumatismo e convulsões.	
Batata roxa	<i>Ipomoea pentaphylla</i>	Flor	Conjuntivite.	
Batata-de-purga	<i>Canvolvulus operaulatus</i>	Raiz	Purgante. Limpa tudo por dentro. Regras atrasadas. Hemorragia no nariz.	
Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> Poir •	Folha e raiz	Comer e fazer doce. Gargarejo de inflamações na boca e na garganta.	61691
Begonha	<i>Begonia salicifolia</i>	Raiz	Catarros.	
Beldroega ou berdoega	<i>Portulaca umbraticola</i> Kunth. •	Folha e caule	Inflamações dos olhos. Aumentar o leite. Vermes. Urinar sem problema. Cicatrizar ferida (machucar talos e folhas e aliviar dores de queimaduras). Manchas brancas na pele (ventiligo).	61740
Berinjela	<i>Solanum melongena</i> L.	Folha e fruto	Colesterol, fígado. Queimaduras. Diabetes. Artrite, reumatismo, verrugas, furúnculos.	61828
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	Raiz	Contra a anemia.	61827
Boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> G. Don	Folha	Reumatismo.	61728
Boldo	<i>Plectranthus</i>	Folha	Problema do intestino e ansiedade	61715
Bredo	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Folha e raiz	Inchaços, urina com mau cheiro, fraqueza em geral, problema de estômago, inflamações na pele.	61720

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Brilhantina de parede	<i>Sedum rodiola</i> L.	Folha	Quentura, caroço que aparece no corpo.	61678
Brilhantina fêmea	<i>Sedum rodiola</i> L.	Folha	Quentura, inflamação	61680
Brilhantina	<i>Sedum rodiola</i> L.	Folha	Quentura, caroço que aparece no corpo.	61679
Bunina Branca ou bonina branca	<i>Mirabilis jalapa</i> L.♦	Raiz	Corrimento.	61797
Bucha	<i>Luffa cylindrica</i> (L.) Roem♦	Toda planta	Esfregar o corpo. Quando a regra vem pouca ou falta, fazer banho com folha e caule. Problema de fígado. Verme (semente em infusão, tomar 3 xícaras por dia).	61681
Buchinha paulista ou buchinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogh.♦	Fruto	Inchação. Regras atrasadas. Febres. Dor de cabeça [Sinusite]. Prisão de ventre, purgante (chá) tomar pouco. Dor de cabeça (vapor).	61834
Cabaça-de-cuia	<i>Curcubita lagenaria</i> L.	Semente	Inflamação nos rins.	
Cabeça-de-frade	<i>Melocactus salvadorensis</i> Werdermann♦	Toda planta	Espantar mau-olhado e os olhos grosso.	61803
Cabelo-de-negro	<i>Erythroxylum campestre</i>	Entrecasco	Purgante.	
Café	<i>Coffea arabica</i> L.♦	Folha	Derrame.	61791
Caiçara	<i>Solanum erianthum</i> D. Don.	Galhos	Combater percevejos, piolhos, pulgas. Amadurecer bananas.	61757
Cajá-umbu	<i>Spondia</i> sp.♦	Toda planta	Vitiligo (comer folhas novas). Palpitação do coração. Erisipela (banho da casca). Inflamação da garganta (flores) e olhos.	61712
Cajueiro branco	<i>Anacardium occidentale</i> L.♦	Fruto, pedúnculo e entrecasco	Inflamação uterinas, diabetes, feridas, diarreia, desintéria.	61689

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Calêndula ou malmequer da lagoa	<i>Wedellia paludosa</i> Jacq.	Toda planta	Inflamação. Pancadas em geral.	61792
Calêndula ou malmequer do mato	VERBANACEAE	Flor e folha	Cicatrizar feridas e úlceras. Pancadas em geral.	61793
Calmante	<i>Alpinia speciosa</i> Schum. •	Folha	Calmante, combater ansiedade, pressão, tosse.	61765
Camomila-da-alemanha	<i>Matricaria chamomilla</i>	Flor	Calmante (pros nervos). Inflamações respiratórias e dos olhos. Problemas de estômago.	
Cana-brava	<i>Anthoxanthium gigans</i>	Semente	Ajuda a urinar.	
Cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Folha e colmo	Soltar a urina, pressão alta.	61773
Cana-de-macaco	<i>Costus discolor</i> Rosc.	Toda planta	Problemas nos rins, bexiga e coração. Doença da rua (doença venérea). Diabetes.	61713
Candeia-do-mato	<i>Piptocarpa rotundifolia</i> (Less.) Baacker	Folha e entrecasco	Barriga inchada. Problema de estômago.	61836
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Nees •	Entrecasco	Doce ficar gostoso, calmante.	61749
Cansanção	<i>Cnidioscolus urens</i> (L.) Arthur •	Raiz	Febre, soltar a urina.	61784
Capim-açú	<i>Andropogon leucostachyus</i> Kunth •	Raiz	Tosse e tirar catarro do peito.	61819
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf. •	Folha	Gripe, calmante, pressão alta, febre, inflamação, dor no estômago, dor de barriga, dor nos rins, dor no fígado.	61805
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L. •	Fruto	Febre. Pressão alta.	61747

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Carqueja	<i>Borreria capitata</i> (Ruiz et Pav.) D.C. •	Folha	Gripe, tosse, diabetes, reumatismo, inflamação na garganta, soltar a urina	61758
Carrapicho de agulha	<i>Bidens subalternus</i> DC.	Raiz	Coceira, corrimento. Doença venérea.	
Carrapicho	<i>Cencharus echinatus</i> L.	Raiz	Cólica (menstrual)	
Cardo-santo	<i>Argemone mexicana</i> L. •	Folha	Pneumonia. Qualquer inflamação.	61708
Catinga de crioulo	<i>Ocimum</i>	Toda planta	Gripe, resfriado, cólicas menstruais,	61772
Catinga de porco	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tull. •	Folha e entrecasco	Erisipela, Quando a comida faz mal (má digestão), intestino, contra a carne de porco, epilepsia, dor de barriga.	61808
Catuaba	<i>Erythroxylum catuaba</i> , <i>Juniperus brasiliensis</i>	Entrecasco	Problema dos nervos e pra quando a pessoa tá fraca na cama [afrodisíaco].	
Cebola	<i>Allium cepa</i> L.	Bulbo	Purificar o sangue. Sezões (febres intermitentes). Prisão de ventre. Apetite. Diabetes. Bronquites, tosse, hemorragias nasais. Crescimento do cabelo. Sono ser tranqüilo. Limpar as vistas [olhos].	
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Folha	Purificar o sangue. Aumentar o apetite.	61781
Cecé	<i>Cleome microcarpa</i> Ule •	Folha	Sarampo e dente recolhido. Inflamação	61755
Cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	Raiz	Melhorar as vistas. Anemia. Prisão de ventre. Reumatismo. Inflamação. Ajudar o aumento do leite da mulher.	61820

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Chapéu-de-couro	<i>Zinnia</i> spp.	Folha	Catarros, fígado, reumatismo e sífilis. Limpar a pele.	61688
Chuchu	<i>Sechium edule</i> SW	Fruto	Pressão alta.	
Cibalena		Folha	Dores	
Cipó-de-cobra	<i>Cissampelos glaberrima</i>	Raiz	Asma, picada de cobra.	
Coco	<i>Coccus nucifera</i> L.	Fruto	Diurético, criança mole (recém-nascida) não ficar doente, asma, coceira, hemorróidas, hepatite.	61786
Coco-de-dendê	<i>Elaeis guineensis</i>	Fruto	Cólicas, perna inchada.	
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia maculata</i> (Loddiges) G. Don•	Toda planta	Combater a inveja, olho grosso.	61725
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.•	Folha	Cozinhar, aborto.	61760
Cominho	<i>Cominum cyminum</i> L.	Semente	Evitar má digestão.	
Cordão-de-São-Francisco	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br•	Folha e caule	Asma, reumatismo, dificuldade de urinar. Derrame. Pneumonia.	61671
Costela-de-adão	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Scholt.	Folha	Erisipela. Reumatismo.	61676
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>acephala</i> DC.•	Folha	Evitar fraqueza. Criança quando está crescendo. Acabar com os vermes. Solitárias.	61767
Cravina	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Flor	Gripe.	61802
Cravo-da-índia	<i>Eugenia caryophyllus</i> Spreng.	Flor	Doces. Dor de dente.	
Cravo-de-defunto	<i>Tagetes patula</i> L.•	Flor e raiz	Reumatismo, tosse, bronquite, resfriado, laxante (raiz).	61801

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Crista de galo	<i>Heliotropium indicum</i> L. •	Folha	Desaparecer caroços do corpo.	61697
Dandá	<i>Cyperus rotundus</i> L.	Toda planta	Sarampo recolhido.	61759
Desenflamadeira		Folha e flor	Inflamação.	61815
Endro	<i>Anethum graveolens</i> , <i>Pastinaca anethum</i>	Semente	Gases, cólicas, arrotos, acidez no estômago, insônia, furúnculos (fervido com azeite de galo amolece e passa a dor). Inflamação dos olhos (compressas).	
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Br.	Folha	Calmante, constipação.	61699
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Miller •	Semente	Gases do estômago, azia. Cólicas de recém-nascido, diarreia de crianças.	61761
Erva-de-Santa-Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Asma. Combater percevejos e pulgas.	
Espada de Ogum	<i>Sansevieria zeylanicum</i> Willd.	Toda planta	Combater a inveja, manter a tranquilidade no ambiente.	61830
Espada de Oxossi	<i>Sansevieria sp.</i>	Toda planta	Combater a inveja, proteger o dono da casa que a tem plantada.	61831
Espinafre	<i>Tetragonia expansa</i> Murray	Folha e caule	Anemia, regenerar o intestino, catarro no intestino, coração, inflamação urinária.	61778
Espinho cheiroso	<i>Zanthoxylum</i> Lam.	Folha	Estômago, fígado, asma, inflamação de ovário, úlcera, dor nas costas.	61698
Eucalipto	<i>Eucalyptus tereticornis</i> Smith •	Folha	Tirar catarro do peito. Sinusite, gripe, baixar pressão, calmante, febre, dor de cabeça, baixar colesterol, dor de barriga, tosse, asma.	61826
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L) Link •	Folha e raiz	Febre [antifebril] e sangue fraco (anti-sifilítica). Combater impigens, inflamações (folhas).	61768

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Folha-da-costa	<i>Kalanchoë brasiliensis</i> Camb. •	Folha	Inflamação das partes baixas (vagina), íngua.	61729
Folha-santa	<i>Cordia verbenacea</i> DC	Folha	Gripe. Inflamação.	
Fruta-pão	<i>Artocarpus communis</i> Forst.	Fruto	Evitar fraqueza [desnutrição].	
Fumo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Folha	Contra o veneno de cobra, furúnculo. Matar parasita de plantas.	
Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe •	Raiz	Fazer comida (caruru, vatapá). Problema do estômago, rouquidão, catarro no peito, bronquite, asma, reumatismo.	61813
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	Flor, folha, fruto (semente)	Comida que faz mal. Derrame/Ar do vento [acidente vascular cerebral]. Coração, baixar pressão. Dor de barriga, verme, fortificante.	61825
Goiaba-branca	<i>Psidium guayana</i> var. <i>pyrifera</i>	Folha e fruto	Diarréia.	61690
Goiaba-vermelha	<i>Psidium guayava</i> var. <i>pomifera</i>	Folha e fruto	Diarréia.	61718
Graviola	<i>Anona muricata</i> L. •	Folha e fruto	Reumatismo (banhar com as folhas), câncer.	61723
Guaraná	<i>Paullinia cupana</i> L. v. sorbilis	Semente	Calmanete do coração. Pra melhorar na cama (é o que dizem).	
Guiné	<i>Petiveria alliaceae</i> Linné •	Toda planta	Reumatismo, vermes, aliviar a dor local, aborto, inveja, mal-olhado, limpeza do corpo.	61777
Hortelã caboclo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr. •	Folha	Limpar o corpo.	61707

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Hortelã miúdo	<i>Mentha villosa</i> Huds. •	Folha	Gripe. Gases. Catarro, pressão alta, tosse, diarreia, cólica, bronquite, dor de barriga, menstruação atrasada, dor no estômago, problemas no intestino, dor de cabeça, asma, vermes.	61780
Hortelã graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. •	Folha	Gripe. Garganta inflamada. Catarro no peito. Tosse. Pressão alta. Inflamação. Dor de barriga. Bronquite. Quando a comida faz mal.	61735
Jabuticabeira	<i>Myrciaria jacoticaba</i> Berg.	Entrecasco	Asma. Conter sangue que sai da boca.	61811
Jaca de pobre	<i>Annona sp.</i>	Folha	Reumatismo, tensão.	61800
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Raiz e caroço	Asma, tosse, problema no intestino	61806
Jamelão	<i>Sysigium cumini</i> (L.) Skeels •	Fruto	Sei que serve pra remédio, mas esqueci agora. Mas, anote.	61776
Jarrinha	<i>Aristolochia appendiculata</i> Vell. •	Folha e raiz	Ansiedade, reumatismo, febre, problema de estômago, aborto.	61787
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L. •	Folha e fruto	Asma. Anemia. Redução do umbigo. Controlar diabetes. Baixar o colesterol..	61742
Jerico		Folha	Gripe.	
Jiló	<i>Solanum gilo</i> Raddi	Fruto	Acabar com as espinhas [acne]. Regular o organismo.	
Juá	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart. •	Folha	Escovar os dentes.	61790
Juiz de paz	<i>Xanthum spinosum</i> L.	Folha	Combater feridas, diabetes, inflamação na garganta.	61766
Jurema	<i>Mimosa hostilis</i> Mart.	Entrecasco	Combater úlceras, cancos, erisipelas.	61785

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L. •	Fruto e raiz	Tosse convulsa. Tônico, purgante e para soltar a urina (diurética).	61714
Laranja	<i>Citrus cf sinesis</i> Osbeck •	Flor, folha e fruto	Chegar sono. Comida que faz mal. Pressão alta. Gripe, calmante, tosse, prisão de ventre. Gases. Fortificante.	61744
Licuri	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc. •	Semente	O suco do coco verde, espremido, é bom para inflamação dos olhos [oftalmia].	61726
Lima	<i>Citrus lineata</i> Risso .	Fruto	Hepatite. Infecção intestinal. Febre, pressão alta, queimadura [infecção urinária]. Diarréia, dor no estômago, gases. Chegar ao sono.	61745
Limão	<i>Citrus limonum</i> Risso	Fruto	Tudo, gripe, febre, inflamação, tosse, resfriado, vitamina.	61746
Língua-de-vaca	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd. •	Folha e caule	Aliviar dor de cabeça e facilitar o sono (colocar folhas frescas aquecidas sobre as têmporas). Problema de pele, tosse e catarro.	61741
Losna branca	<i>Parthenium hysterophorum</i> L.	Flor e folha	Tísica (tuberculose), cólicas, catarro, diarréia, gripe, falta de apetite, regras atrasadas (compressas com chá quente), verme [vermífugo].	
Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	Folha	Cozinhar comida, evitar fazer mal na barriga. Urina Quando tá pouca [anúria]. Regras pouca ou não vem [amenorréia].	
Mãe boa	<i>Vitis sulcicaulis</i> <i>Vitis nili cissus alata</i>	Toda planta	Inflamação. Reumatismo.	
Malva	<i>Malva silvestris</i> L.	Flor e folha	Inflamação de ouvido ou garganta, tosse, acalmar os nervos. Xarope de parida.	
Malva-branca	<i>Waltheria americana</i> Linn.	Folha	Picada de vespa.	61775

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L. •	Flor, fruto, folha, semente	Dor de barriga. Comida que faz mal. Dor no estômago. Prisão de ventre. Pressão alta. Quando o mamão faz mal. Tirar manchas do corpo. Verme (caseira). Gripe.	61795
Mamona	<i>Ricinus communis</i> Vell. •	Folha e semente	Óleo de rícino é laxante ou purgante, hemorróidas.	61796
Mandacaru de 3 Quinas	<i>Cereus cf peruvianus</i> Mill. •	Folha	Rins.	61719
Mandacaru que enrama	<i>Cereus cf peruvianus</i> Mill	Folha	Rins.	
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz •	Folha e caule	Tomar banho na hora de parir. Verruga.	61804
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L. •	Folha e fruto	Tosse, catarro (fruta), inflamação das gengivas (chá das folhas).	61721
Manjeriçõ	<i>Ocimum basilicum</i> L. "forma <i>purpurascens</i> " •	Folha	Gripe. Inflamação.	61696
Manjerona	<i>Origanum majorana</i> , <i>Majorana hortensis</i>	Folha	Debilidade dos músculos e dos nervos, estimular o apetite, ajudar a digestão, combate cólicas.	
Maracujá de cobra	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast. •	Folha e fruto	Calmante. Para chegar o sono. Aliviar o cansaço.	61807
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims. •	Folha e fruto	Calmante. Para chegar o sono. Pressão alta. Gripe.	61737
Maria cadeira	<i>Mimosa humilis</i> L.	Folha e raiz	Combater problema de fígado, reumatismo nas juntas, curar tumor, inflamação na boca. Fazer purgante com a raiz.	61810
Maria preta	<i>Cordia verbenacea</i> DC. •	Folha	Vento. Barriga inchada. Problema no estômago.	61672

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Maravilha	<i>Caesalpinia pulcherrima</i> Swartz•	Flor e folha	Perder filho [abortar]. Aumentar a contração na hora de parir. Qualquer dor. Pressão alta. Inflamação uterina. Dor de cabeça.	61753
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.•	Folha	Vermes, tuberculose, gripe, tosse. Cicatrização de feridas, reumatismo. Pancada. Abortar.	61704
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Fruto	Verme.	61832
Melancia	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Fruto e caule	Urinar melhor. Catarros. Reumatismo. Esquentar dores na hora de parir.	61782
Melancia da praia	<i>Solanum agrarium</i> Sendt.•	Toda planta	Ferida.	61809
Melão-de-são-caetano	<i>Momordica charantia</i> L.•	Folha e fruto	Alvejar as roupas e tirar nódias (manchas deixadas por frutas), verme [vermífugo]. Curar o gogo de galinha. Hemorróidas.	61731
Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	Folha	Calmante. Coração e pressão.	61700
Menstrato	<i>Ageratum conizoydes</i> L.	Flor e folha	Tosse, catarro, gripe, febre, cólicas menstruais, reumatismo.	61816
Menta ou vick	<i>Mentha arvensis</i> L. <i>forma piperascens</i> Holmes•	Folha	Gripe, resfriado, tosse, entupimento.	61779
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Semente	Sarampo. Dor nos rins. Laxante.	61734
Muçambé	<i>Cleome spinosa</i> Jacq. <i>var. pungens</i> Willd.•	Folha	Reumatismo e paralisia.	61814
Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Semente e caule	Nervoso. Quando a pessoa está sem sono (insônia). Derrame.	
Novalgina	<i>Pffaphia glomerata</i> Spr.•	Folha	Dores em geral. Inflamação.	61684
Noz moscada	<i>Myristica fragans</i> Houtt	Semente	Derrame. Vento.	

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Palma da rainha		Folha	Contra inflamação e para cicatrizar feridas.	61703
Pata de vaca	<i>Bauhinia forficata</i>	Entrecasco	Diabetes.	
Patchuli (macassã)	<i>Aleolanthus suaveolens</i> Mart.	Folha	Perfumar as roupas. Entupimento. Espantar insetos.	61823
Pega-pinto	<i>Boerhavia coccinea</i> Willd.	Raiz	Inflamação dos rins e em geral.	61817
Penicilina		Folha	Inflamação.	
Pepino	<i>Cucumis sativus</i> L.	Fruto	Limpar a pele.	61783
Pião-roxo	<i>Jatropha molissima</i> (Pohl) Baill•	Folha	Tirar o mal olhado. Resolver as inflamações. O vento mal. Dor no corpo.	61732
Picão-de-nego	<i>Bidens pilosa</i> L.•	Folha	Combater feridas, diabetes, inflamação da garganta. Regras.	61727
Pimenta	<i>Capsicum sp</i> •	Folha	Puxar carnegão.	61748
Pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	Folha	Dor de barriga (diarréia). Gases.	61724
Pitanga	<i>Eugenia inflora</i> L.•	Folha e fruto	Gripe, tosse, resfriado, bronquite.	61686
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.•	Toda planta	Problemas respiratórios, enjôo, tosse e sarar o útero depois de parir.	61822
Purga de batata	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urban•	Raiz	Pneumonia, pereba e febre.	61833
Purga do campo	<i>Hybanthus ipecacuanha</i>	Folha	Inchação. Água na barriga. Gripe. Desintéria.	
Quarana	<i>Cestrum laevigatum</i> Schlecht.•	Folha	Tirar o mal. Alvejar roupa. Hemorróidas.	61710
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.•	Folha e raiz	Inflamação. Dor nos rins, Infecção urinária. Problemas no fígado. Corrimento vaginal. Problemas gerais nos rins.	61733
Quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Fruto	Diminuir o umbigo.	61756

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Quioiô	<i>Ocimum gratissimum</i> L.•	Folha	Afta, vento, verme, schistosoma. Dor de barriga.	61702
Quitoco	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera•	Folha e caule	Bronquite. Insônia, reumatismo, má digestão, eliminar gases com fedor, ansiedade.	61770
Romã	<i>Punica granatum</i> Linn•	Fruto e entrecasco	Inflamação na garganta, combater a solitária.	61754
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. Et Schlecht.•	Flor e semente	Resfriado, diarreia.	61769
Salsa	<i>Proteselium sativum</i> Hoffm.	Folha	Gases [carminativa], facilitar a urina, regras se regularizar, nariz parar de sangrar (bolinha dentro). Dor de dente. Limpar o corpo.	61821
Samambaia	<i>Tillandsia usneoides</i> L.	Folha	Reumatismo.	
Sapoti	<i>Achras sapota</i> L.•	Fruto e entrecasco	Corrimento, diarreia, hemorróidas [adstringentes], febre.	61812
Serigüela	<i>Spondias purpurea</i> L.•	Fruto	Urina melhorar.	61722
Suspiro de rama	<i>Alternanthera</i> Forssk.	Flor	Insônia.	61709
Suspiro roxo	<i>Centratherum punctatum</i> Cass.	Flor	Câncer de próstata e inflamação respiratória.	61818
Taioba	<i>Arum esculentum</i> L.	Folha e raiz	Inflamação e aliviar dores [emoliente], cicatrizar feridas [úlceras].	61677
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.•	Folha, fruto entrecasco	Curar hemorragia. Dor de dente. Garganta inflamada. Calmante. Anemia.	61774
Terramicina		Folha	Puxamento. Dor de barriga (diarreia), cólicas, gripe, desinteria.	61798
Tomate grande	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill•	Fruto	Combater feridas. Eliminar calos e verrugas. Inflamação na garganta.	61717

Nome Popular	Nome Científico*	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	HUEFS
Trançagem	<i>Plantago major</i> L. •	Folha	Papeira, inflamação na boca e garganta, gengivas sangrentas, feridas (emplastro com folhas frescas machucadas), cólicas.	61739
Umbaúba	<i>Cecropia palmata</i> Loefgr.	Folha, raiz	Doença venérea, bronquite, asma, tosse.	61794
Umburana de cheiro	<i>Amburana cearensis</i> (Allemao) AC Smith	Entrecasco	Inflamação em geral.	
Urtiga	<i>Tragia friesii</i> Pax e Hoffm.	Caule	Catarata.	61789
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L. •	Folha e semente	Corante (pó), Catarros. Coração. Cansaço [asma]	61706
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L. •	Toda planta	Quentura [infecção urinária]. Banhar olho doente. Dor de ouvido. Dores no corpo. Dor nos rins. Dor de barriga. Tirar olho grosso.	61701
Velame amarelo	<i>Croton moritibensis</i> Baill. •	Folha e semente	Doenças venéreas, catarro, da bexiga, impigens, epilepsia, erisipela, reumatismo.	61771

* Determinada por comparação e/ou por especialistas (•)

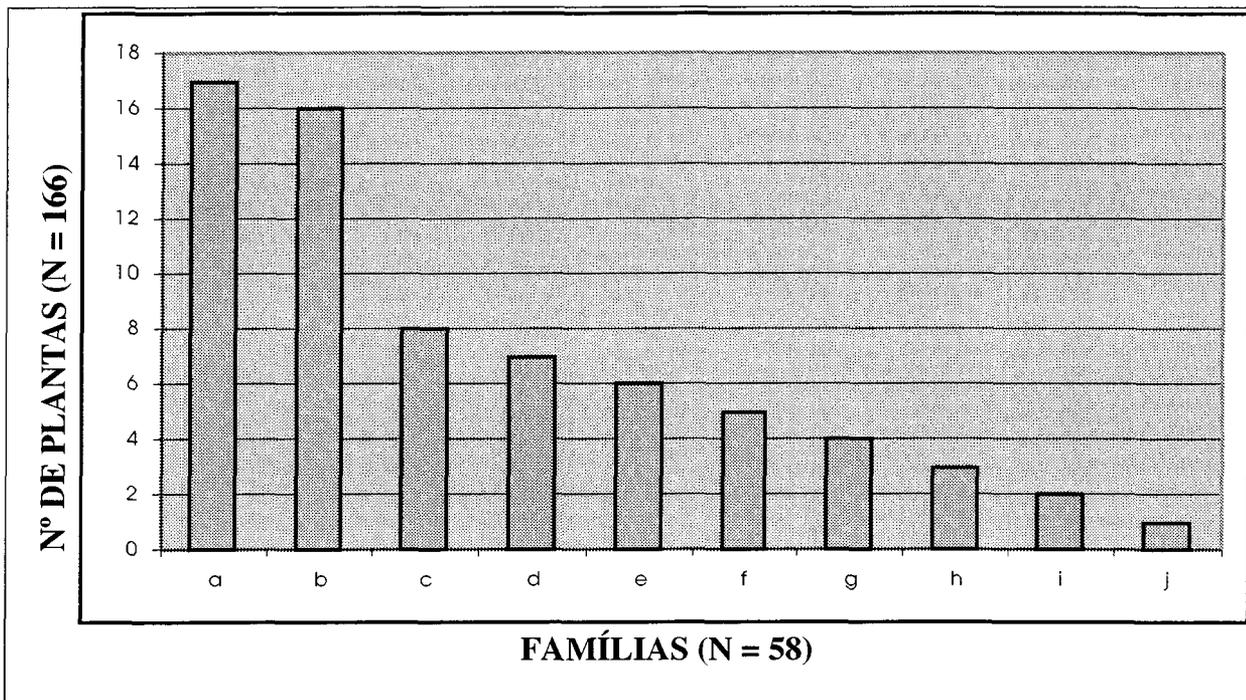
O “senso comum esclarecido” e a “ciência prudente” se respeitam mutuamente quando confrontam seus conhecimentos, estabelecendo uma nova aprendizagem. Nessa perspectiva os dados coletados junto às colaboradoras foram comparados o que diz a ciência sobre os mesmos.

Para evitar as confusões decorrentes da imprecisão dos nomes populares das duzentos e onze plantas citadas pelas colaboradoras, cento e sessenta e seis foram coletadas, descritas e depositadas no Herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS), visando a identificação das mesmas (exemplo, ver na tabela 05). Das cento e sessenta e seis depositadas, noventa e oito foram determinadas por comparação e ou por especialistas²⁶. As famílias e respectivos gêneros das espécies estão na tabela 06. As famílias científicas mais utilizadas são: Lamiaceae, Asteraceae, Solanaceae, Cucurbitaceae e Myrtaceae (ver gráfico 04).

A maioria das plantas medicinais citadas pelas colaboradoras encontram-se no livro *A flora nacional na medicina doméstica* de Balbach (s.d.), variando em alguns casos os valores terapêuticos atribuídos e em outros coincidindo. Balbach (s.d.) traz além do valor terapêutico da planta, informações sobre a família, a espécie, a sinonímia, as características botânicas e, em algumas, parte usada e dose.

²⁶ Agradeço aos especialistas pela determinação das plantas (ANACARDIACEAE – Det. C. Correia 9/2002; CONVULVACEAE – Det. M. E. R. Junqueira 9/2002; EUPHORBIACEAE – Det. D. S. Carneiro–Torres 7/2002; PASSIFLORACEAE – Det. T. S. Nunes 8/2002)

Gráfico 04 – Demonstração das Famílias Científicas



A	I	CYPERACEAE
LAMIACEAE	AGAVACEAE	CECROPIACEAE
B	ARECACEAE	FABACEAE
ASTERACEAE	BORAGINACEAE	MALPIGHIACEAE
C	BRASSICACEAE	MORACEAE
SOLANACEAE	CACTACEAE	MUSACEAE
D	CAPPARACEAE	OXALIDACEAE
CUCURBITACEAE	CHENOPODIACEAE	PAPAVERACEAE
EUPHORBIACEAE	CONVOLVULACEAE	PHYTOLACCACEAE
MYRTACEAE	LAURACEAE	PIPERACEAE
E	MALVACEAE	PLANTAGINACEAE
ANACARDIACEAE	MIMOSACEAE	POLYPODIACEAE
F	NYCTAGINACEAE	RHAMNACEAE
AMARANTHACEAE	PASSIFLORACEAE	SAPOTACEAE
RUTACEAE	PORTULACACEAE	PUNICACEAE
G	SEM FAMÍLIA	SCROPHULARIACEAE
APIACEAE	VERBANACEAE	STERCULIACEAE
CAESALPINIACEAE	J	
CRASSULACEAE	ACANTHACEAE	
POACEAE	AIZOACEAE	
H	APOCYNACEAE	
ANNONACEAE	ARISTOLOCHACEAE	
ARACEAE	BIXACEAE	
LILIACEAE	CAPRIFOLIACEAE	
RUBIACEAE	CARICACEAE	
ZINGIBERACEAE	CARYOPHYLLACEAE	

Das duzentas e onze espécies utilizadas pelas colaboradoras, oitenta e nove estão no “*Formulário Therapeutico das plantas medicinais cearenses nativas e cultivadas*”,²⁷ do professor Francisco Dias da Rocha (1869 – 1960), que é a principal e mais completa obra de etnofarmacologia das plantas do Ceará, onde estão listadas 429 (quatrocentos e vinte e nove) espécies em ocorrência no Nordeste, entre nativas e cultivadas, usadas popularmente ou receitas por fitoterapeutas locais.

Baseada na literatura consultada (Corrêa, 1998; Matos, 1999), das duzentas e onze plantas do catálogo das colaboradoras, cinquenta e cinco plantas têm comprovação científica do seu valor terapêutico (ver tabela 04). Conclui-se que a ciência vem fazendo um percurso de estudo baseado nas informações da população que tem uma tradição de uso com as plantas medicinais.

As atividades comprovadas cientificamente não estão distantes das informações prestadas pelas colaboradoras. Há casos em que se deve observar o uso de algumas plantas, pois está comprovada a sua toxicidade, a exemplo: abacate (*Persea americana* L.); artimijo (*Artemisia vulgaris* L.; foto 21); arruda (*Ruta graveolens* L.; foto 20); Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia maculata* (Loddiges) G. Don; foto 61); poejo (*Mentha pulegium* L.; foto 123) – em dose alta.

As plantas que são sinonímias: erva-de-santa-maria ou mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.; foto 107); carrapicho agulha (*Bidens subalternus* DC) e picão-de-nego (*Bidens pilosa* L.; foto 120).

²⁷ Esse livro foi publicado no início do século XX. Teve sua edição comemorativa do cinquentenário da 1ª edição, organizada por Matos, 1997.

No item **como usa a planta** ficou constatado que as colaboradoras utilizam a maioria das plantas como chá ou banho. As plantas que são usadas apenas como chás são: alfavaquinha de cobra (*Peperomia pellucida* (L.) H.B.K.; foto 10), andiroba (*Carapa guianensis*), araçá-mirim (*Psidium guineense* Sw.; foto 18), azedinha, cabaça-de-cuia (*Curcubita lagenaria* L.; foto 36), café (*Coffea arabica* L.; foto 38), calmante (*Alpinia speciosa* Schum.; foto 44), cana-brava (*Anthoxanthium gigans*), candeia do mato (*Piptocarpa rotundifolia* (Less) Baacker; foto 47), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Nees; foto 48), cansanção (*Cnidioscolus urens* (L.) Arthur; foto 49), carqueja (*Borreria capitata* (Ruiz et Pav.) D.C.); foto 53), carrapicho (*Cenchrus echinatus* L.), cardo-santo (*Argemone mexicana* L.; foto 52), cecé (*Cleome microcarpa* Ule; foto 56), cibalena, cipó-de-cobra (*Cissampelos glaberrima*), cravina (*Dianthus caryophyllus* L.; foto 65), dandá (*Cyperus rotundus* L.; foto 68), desemflamadeira (HUEFS – 61815; foto 69), erva cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br.; foto 70), erva doce (*Foeniculum vulgare* Miller; foto 71), goiaba branca (*Psidium guayana* var. *pyrifera*; foto 81), goiaba vermelha (*Psidium guayana* var. *pomifera*; foto 82), jabuticabeira (*Myrciaria jacoticaba* Berg.), jericó, juiz de paz (*Xanthum spinosum* L.), mandacaru que enrama (*Cereus cf peruvianus* Mill), maria preta (*Cordia verbenacea* DC; foto 106), melissa (*melissa officinalis* L.; foto 111), muçambé (*Cleome spinosa* Jacq. var. *pugens* Willd.; foto 115), novalgina (*Pffaphia glomerata* Spr.; foto 116), pata de vaca (*Bauhinia forficata*), pinha (*Annona squamosa* L.; foto 122), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.; foto 126), quitoco (*Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera), suspiro de rama (*Alternanthera* Forssk.; foto 131) , terramicina, velame amarelo (*Croton moritibensis* Baill).

As recomendações gerais para a preparação e uso dos chás: a) usar folhas novas, sem manchas; b) usar uma porção de folhas ou 4 a 5 folhas para cada xícara de chá; c) cascas e raízes devem ser bem lavadas e bem fervidas; d) não tomar chá dormido (do dia anterior); e) tomar, de cada vez, apenas uma xícara de chá, usar três vezes ao dia, em intervalo (manhã, meio-dia e noite); f) as crianças devem tomar meia xícara de chá em cada intervalo; g) os homens devem evitar tomar chás, principalmente os chás calmantes. “Os chás baixa a potência sexual masculina”- afirmativa de uma das colaboradoras; h) as mulheres grávidas devem evitar tomar chás fortes, principalmente de folhas amargas, elas podem provocar o aborto.

As plantas usadas para banho são: alfazema branca (VERBANACEAE; foto 12), alfazema roxa (*Vitex agnus-castris* L.; foto 14), aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi; foto 19), assa-peixe branco (*Vernonia sp.*; foto 22), batata-roxa (*Ipomoea pentaphylla*), boa noite (*Catharanthus roseus* G. Don; foto 30), brilhantina de parede (*Sedum rodiola* L.; foto 34), brilhantina fêmea (*Sedum rodiola* L.), brilhantina (*Sedum rodiola* L.; foto 33), calêndula do mato (ASTERACEAE, foto 43), costela-de-adão (*Plilodendron bipinnatifidum* Scholt.; foto 63), hortelã caboclo (*Plectranthus barbatus* Andr.; foto 85), jurema (*Mimosa hostilis* Mart.), maravilha (*Caesalpinia pulcherrima* Swartz; foto 104), mulungu (*Erythrina velutina* Willd.).

As recomendações para o banho variam de acordo com o objetivo da utilização. O constante nas observações é que não se deve tomar vento após o mesmo. O banho geralmente é o de assento por vinte minutos.

As lavagens são banhos que nem sempre o usuário necessita sentar na bacia. As plantas utilizadas são: carrapicho agulha (*Bidens subalternus* DC), melancia da praia (*Solanum agrarium* Sendt.).

As infusões com alfazema de caboclo (ASTERACEAE; foto 13), calêndula da lagoa (*Wedellia paludosa* Jacq.; foto 42). Começar o uso após três dias de infusão.

Plantas que devem ser comidas durante a refeição: bredo (*Amaranthus viridis* L.; foto 32), língua de vaca (*Talinum triangulare* (Jacq.) Willd.; foto 94), maxixe (*Cucumis anguria* L.; foto 108).

Os sucos: carambola (*Averrhoa carambola* L.; foto 51), licuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.; foto 93) (uso externo), maracujá (*Passiflora edulis* Sims.; foto 102 e *Passiflora cincinnata* Mast.; foto 103), seriguela (*Spondias purpurea* L.).

As demais plantas medicinais aparecem com mais de uma indicação conforme **tabela 03.1** (abaixo).

Nome Popular	Como Usa
Abacate	O caroço rala e bota no vinho branco para ir tomando. O chá usa as folhas.
Abóbora	Banho, pó, come.
Acerola	chá, lambedor.
Agrião	Salada crua. Lambedor ou sumo. Muito catarro 3 colheres por dia do sumo. Xarope - 1 colher de sopa 3 vezes ao dia. Suco, em fricções diárias no couro cabeludo. Chá. Suco de agrião fervido com leite para tirar catarros. Contra-indicado para mulher grávida porque se comer muito pode matar a criança (aborto).
Água da	Chá. Xarope de parida.

levante	
Alecrim-do-reino	Chá, sumo das folhas nas feridas. Bocejo, banho.
Alface	Chá, salada. Suco é bom para os nervos. Talos machucados em 1 litro de água. Tomar 1 xícara ao deitar-se.
Alfavaca miúda	Chá, gargarejo. Amassar as folhas e colocar nas feridas. Xarope com as raízes para combater tuberculose.
Alfavaca graúda	Chá, gargarejo. Amassar as folhas e colocar nas feridas. Xarope com as raízes para combater tuberculose.
Algodoeiro	Infusão, chá, sumo, banho.
Alho	Engole um dente inteiro com leite para verme. Infusão.
Almeirão	Salada. Chá [decocto frio das flores para lavar os olhos].
Alumã	Chá. Três folhas de alumã., três de pinha. Um bagaço e coco (daquele coquinho branco).
Anador	Banho, gargarejo.
Angélica	lambedor, banho, chá e compressas.
Arroz	cozido e amassado.
Arrozinho	Banho ou chá.
Arruda	Chá, banhar os pés. Xarope de parida. Infusão.
Artemigem ou artemijo	Banho, pó, chá.
Avenca	Infusão. Tomar 6 colheres de sopa por dia após as refeições.
Babosa	Passar a baba.
Banana	Come, lambedor. Compressa com a seiva.
Banana de São Tomé	Pega a bulza e tira o coraçãozinho branco, coloca no sereno com açúcar. No dia seguinte coa e toma a calda. Banho ou lavagem.
Baraúna	Chá, banho.
Barbatimão	Banho, pó, chá
Batata de teiú	Chá. Come.
Batata inglesa	Cataplasma. Rodelas cruas na cabeça. Banho de folhas e flores para reumatismo e convulsões.
Batata-doce	Cozida, banho.
Begonha	Pega a batata, arranca e come ou pisa e faz o xarope.
Beldroega ou berdoega	Suco, salada e ensopados.
Berinjela	Cozida. Cataplasma (folhas). Esfrega as folhas.

Beterraba	Cozida. Salada crua. Suco.
Bunina Branca ou bonina branca	Preparada com meio litro de vinho, goma de batata, goma de bunina, cebola branca. Tomar todos os dias pela manhã aos poucos.
Bucha	Banho, infusão.
Buchinha paulista ou buchinha	Xarope. Inalação. Chá [usa-se xícaras pequenas porque dose elevada pode provocar hemorragias]. Chá, fumaça.
Cabeça-de-frade	Em cima ou na frente da casa.
Cabelo-de-negro	Raspa a casca e faz infusão.
Caiçara	Espalhando os galos dentro de casa. Carboreto para amadurecer bananas.
Cajá	Chá, suco, banho, gargarejo, lavagem.
Cajueiro branco	Suco, banho, lavagem.
Camomila-da-alemanha	Chá, lavagem.
Cana-de-açúcar	Chá, garapa.
Cana-de-macaco	Chá, banho.
Capim-açu	Chá ou lambedor.
Capim santo	Chá, suco com limão.
Catinga de crioulo	Chá, banho e inalação.
Catinga de porco	Chá, raspa o entrecasco e coloca em um pote virgem e enche de água. Bebe a água (epilepsia).
Cebola	Tempero, crua ou cozida (o suco mistura com mel para curar a tosse). Chá com limão. Coloca sob o nariz a cebola crua para cortar a hemorragia. Suco aplica ao couro cabeludo. Inalação (cebola + camomila + 1 colher de chá de sal em 1 litro de água).
Cebolinha	Tempero, crua ou cozida.
Cenoura	Cozida. Suco com hortelã miúdo.
Chapéu-de-couro	Chá e no lambedor junto com outras plantas.
Chuchu	Chá da casca, salada, cozido.

Coco	Bebida, chá. Mistura o coco com enxofre e passa no corpo.
Coco-de-dendê	Rala e come.
Comigo-ninguém-pode	Ter a planta em casa.
Coentro	Tempero. O sumo é abortivo.
Cominho	No tempero.
Cordão-de-São-Francisco	Banho, chá da folha para pneumonia. Três bolas pisadas coloca na água morna, coa e bebe. Tanto faz tomar frio como fervido.
Couve	Salada crua ou cozida. Suco.
Cravo-da-índia	Chá, bochecho.
Cravo-de-defunto	Infusão das flores. Chá da raiz.
Crista de galo	Banho junto com calêndula e brilhantina.
Endro	Chá, compressas.
Erva-de-Santa-Maria	Banho associado a alecrim miúdo do tabuleiro. Usa três folhas. Passar os galhos com as folhas em locais que tenha percevejos e pulgas.
Espada de Ogum	Dentro de casa ou plantada no terreiro.
Espada de Oxossi	Dentro de casa ou plantada no terreiro.
Espinafre	Salada.
Espinho cheiroso	Banho, chá.
Eucalipto	Inalação. Banho. Xarope.
Fedegoso	Chá (decocto), cataplasmas.
Folha da costa	Banho. Aquece a folha e coloca em cima da íngua.
Folha santa	Chá. Banho.
Fruta-pão	Come no café da manhã ou da noite.
Fumo	Mastiga e coloca em cima da picada. Mistura com alho e cinza sobre furúnculo.
Gengibre	Tempero, chá, mastigação, banho em locais doloridos.
Girassol	Chá, pó, alimentação.
Graviola	Chupar, banho, suco.
Guaraná	1 colherinha em pó no suco ou na água três vezes por dia.
Guiné	Cataplasma, banho.

Hortelã miúdo	Chá, suco com cenoura.
Hortelã graúdo	Chá. Tempero.
Jaca de pobre	Chá, lavagem.
Jaca	Chá e come o caroço cozido.
Jamelão	Chupa.
Jarrinha	Chá. Banho.
Jenipapo	Suco. Chá.
Jiló	Na comida.
Juá	Passar as folhas nos dentes.
Jurubeba	Xarope – corta o fruto coloca no sereno com açúcar. No dia seguinte toma o caldo.
Laranja	Chá. Suco. Chupa.
Lima	Suco, chá.
Limão	Limonada, chá.
Losna branca	Chá, compressas.
Louro	Tempero, chá.
Mãe boa	Chá. Banhos.
Malva	Alvejar a roupa no quarador (lugar onde deixa a roupa exposta ao sol enquanto está sendo lavada), gargarejo ou inalação.
Malva-branca	Mastigadas.
Mamoeiro	Come. Chá. Xarope. Pó.
Mamona	Óleo.
Mandacaru de 3 Quinas	Bota dentro da água e corta. Bebe. Chá.
Mandioca	Banho. Corte a manaiva e pinga o leite em cima da verruga e coloca para secar em cima da casa.
Mangueira	Chá. Chupa.
Manjerição	Tempero, banho, chá, xarope.
Manjerona	Banho quente, tempero.
Maracujá de cobra	Chá e suco.
Maria cadeira	Chá. Banho.
Mastruz	Sumo. Batido com leite. Sumo com sal amarrado no pano no local machucado.

Melancia	Chupar, doce, suco. Banho da rama.
Melão-de-são-caetano	No Quarador e passando no lugar das nódias. Banho. Infusão.
Menstrato	Chá. Cataplasma.
Menta ou vick	Inalação, chá.
Milho	Chá. Passando no corpo. Comendo.
Noz moscada	Coloca para cozinhar com catinga de porco. Toma.
Palma da rainha	Xarope de mulher parida.
Patchuli	Passa as folhas na roupa quando está enxagüando. Inalação. Espalhar na casa.
Pega-pinto	Chá. Raspa a casca preta da raiz (joga fora) e a outra que aparece, pisa, cozinha e toma.
Penicilina	Cataplasma.
Pepino	Rodelas no rosto.
Piã-oxo	Banho. Reza. Pega o piã-oxo, a guaraná. A rezadeira sacode o galho na pessoa e tira o mal, o vento mal.
Picão-de-nego	Suco. Chá.
Pimenta	Esquenta a folha e coloca no lugar atingido.
Pitanga	Chá ou suco.
Poejo	Lambedor, xarope de parida.
Purga de batata	Pisa com a purga do campo. Assa, coloca mel e põe para beber.
Purga do campo	Faz o chá e aplica a lavagem. Xarope.
Quarana	Reza. Limpar roupa. Banho.
Quiabo	Passa a cabeça do quiabo no umbigo e coloca para secar.
Quioiô	Chá, banho.
Romã	Gargarejo com casca da fruta, chupar a fruta.
Salsa	Cataplasma. Banho. Tempero, chá, machucada.
Samambaia	Lavagem no lugar dolorido.
Sapotí	Come a fruta, banho com a casca.
Suspiro roxo	Infusão das flores, um punhado para 1 l de água; 3 xícaras de chá por dia.
Taioba	Cozido. Chá [decoção], a raiz ralada colocar na ferida.
Tamarindo	Suco. Gargarejo. Banhar o local.

Tomate grande	Cataplasma (rodela) 1 vez por dia em cima do calo ou verruga. Sumo do tomate verde para gargarejo.
Trançagem	Gargarejo, emplastro, chá.
Umbaúba	Bebe a água que tem dentro dela. Lavagem.
Umburana de cheiro	Banho, chá.
Urtiga	Leite pinga nos olhos.
Urucum	No tempero para corar a comida. Infusão. Chá.
Vassourinha	Banho local. Banho. Chá. Reza.

As plantas: abóbora (*Cucurbita pepo* L.; foto 06), banana (*Musa paradisiaca* L.; foto 25), cajueiro (*Anacardium occidentale* L.; foto 41), capim santo (*Cymbopogon citratus* (D.C.) Stapf.; foto 50), erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N. E. Br.; foto 70), erva-doce (*Foeniculum vulgare* Miller; foto 71), eucalipto (*Eucalyptus tereticornis* Smith; foto 75), girassol (*Helianthus annuus* L.; foto 80), goiaba (*Psidium guajava* L.; fotos 81 e 82), hortelã graúdo (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.; foto 86), hortelã miúdo (*Mentha villosa* Huds; foto 87), jenipapo (*Genipa americana* L.; foto 90), laranja (*Citrus cf sinensis* Osbeck), lima (*Citrus lineata* Risso), mamoeiro (*Carica papaya* L.; foto 96), mangueira (*Mangifera indica* L.; foto 100), maracujá (*Passiflora edulis* Sims.; foto 102 e *Passiflora cincinnata* Mart; foto 103), maravilha (*Caesalpinia pulcherrima* Swartz; foto), mastruço (*Chenopodium ambrosioides* L.; foto 107), milho (*Zea mays* L.; foto 114), quebra-pedra (*Phyllanthus niruri* L.; foto 126), tamarindo (*tamarindus indica* L.; foto 134), vassourinha (*Scoparia dulcis* L.; foto 140) foram publicadas no trabalho de Santos (b), *Plantas medicinais e a orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma*

contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença e retomadas aqui devido ao valor atribuído as mesmas pelas colaboradoras, dadas as suas eficácias terapêuticas.

O objetivo de descrever o conhecimento das idosas está cumprido. No próximo capítulo será apresentado o resultado dessa descrição a partir da identificação e análise dos valores utilizados pelas colaboradoras que possibilitam a discussão da etnopedagogia. Ao refazer o trajeto da memória do conhecimento sobre plantas medicinais, através de estudo histórico de textos e das narrativas das colaboradoras, alguns valores etnopedagógicos foram se descortinando. O descortinar-se desses valores leva-me a vê-los como possibilidades de uso na escola, com a interpretação que temos hoje à luz do pensamento de Freire e Freinet. O testemunho das colaboradoras assegura a transição da memória à história, o que possibilita a inserção de alguns valores na memória coletiva sobrepondo-se à memória individual.

Ao descrever o conhecimento sobre plantas medicinais percebi que havia uma mediação entre a memória e história: a mediação, entre gerações sucessivas, em favor da coexistência de diversas gerações numa mesma fatia do presente. As narrativas das colaboradoras que têm tataranetos e refazem seu percurso com o aprendizado de infância com os avós, um período de mais ou menos cento cinquenta anos encontra-se assim coberto por intersecções de memória. Uma memória relacionada a vários acontecimentos e vários modos de busca de soluções dos problemas existenciais.

A cada vez, portanto, a experiência do presente retroage sobre a história. Essas retroações e os valores etnopedagógicos, ocasionando a singularidade de cada cultura, de cada época, de cada modo de se relacionar com a solução dos problemas cotidianos e com

os próprios valores, pondo em evidência suas inter-relações. Não se trata de restituir um valor, mas sim de compreendê-lo como é manifestado em dado momento histórico. O significado atribuído a um valor está relacionado a um tempo e um espaço.

Como professar valores estáveis quando toda e qualquer enunciação é relativa à época à qual ela pertence?

Não é a relativização imposta aos valores etnopedagógicos que por ventura definirá sua apreciação, mas talvez, a subjetividade implícita que tem cada valor. Reinterpretar o que permanece como verdadeiro na idéia de irrevogável de cada valor é o que refaz sua permanente atualidade.

Os valores etnopedagógicos se modificam em função das experiências históricas consecutivas que os sujeitos experienciam. Os valores etnopedagógicos não são imutáveis e muito menos concebidos igualmente por todos. Eles se modificam constantemente dada as relações humanas estabelecidas, possibilitando diversas interpretações. Com essa visão, eles serão analisados nas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

I - A ETNOPEDAGOGIA

Retomando as afirmações do Capítulo III sobre a etnopedagogia, coloco sob reflexão a importância de Freire e Freinet na Pedagogia ancorada na perspectiva teórico-metodológica da Antropologia. O ‘etno’ passa a ser a marca do esforço pedagógico de educar uma sociedade por não legitimar uma só cultura e um só padrão cultural, mas diversas manifestações de conhecimento em uma sociedade.

O questionamento seria: qual o legado deixado por Freire e Freinet que ajuda na reflexão etnopedagógica?

A concepção de educação (partindo da perspectiva dos dominados) de Freire e Freinet se assemelham. Ambas dão a palavra ao povo, para falar de sua vida, como passo fundamental para o desenvolvimento da autonomia e o engajamento na transformação do mundo. A “expressão livre” foi a grande descoberta de Freinet para dar a palavra à criança. Já Freire preocupado com a educação dos adultos insistia em dizer que a palavra é transformar o mundo pois, ao dizer a própria palavra as pessoas começam a construir conscientemente seus próprios caminhos. Essa construção parte de problemas locais e, detendo-se em esclarecer conceitos e palavras, de maneira a fazer emergir uma tomada de consciência dos problemas busca a superação tanto o individualismo quanto o localismo.

Tanto Freire, quanto Freinet defendem o diálogo e a cooperação entre sujeitos na busca de problematizar, compreender e transformar a realidade. Eles buscam respeitar e valorizar a cultura do aluno. Têm a pedagogia como prática libertadora.

Com base na concepção de educação que dá a palavra ao povo, pode repercutir numa etnopedagogia entendida como o conjunto dos estudos na interface pedagógica/antropológica. Essa interface vai além de uma simples relação entre as duas ciências. Ela compreende a complexidade que está implícita nas inter-relações entre educação e sistemas culturais. Do ponto de vista epistemológico, isso é de suma importância, pois começa a configurar-se uma resposta concreta à crise do paradigma cartesiano de disciplinas gerando disciplinas.

A etnopedagogia é um (entre)cruzamento de saberes que reúne pessoas diferentes, com graus variados de competências, conhecimentos e habilidades específicas, em situações de mútua aprendizagem. Ela constitui o processo de construção e organização da reflexão coletiva sobre as determinações naturais e histórico-sociais, procura respeitar os referenciais do “outro”. A etnopedagogia impõe a presença de uma equipe interdisciplinar em constante interação. A frequência dessa presença é tanto maior quanto mais se manifesta a alteridade. Essa disciplina serve para mediar o respeito entre as diferentes culturas, como disciplina dedicada à compreensão e respeito mútuo entre os povos, entre a escola e o aluno, além de utilizar a contribuição de várias disciplinas para explicar o objeto pesquisado – educação e sistemas culturais.

As relações humanas estão baseadas nas relações de poder. Relações essas em que um grupo se sobrepõe a outro. Na discussão da etnopedagogia o oprimido supera sua

identificação com opressor – “os oprimidos hospedam o opressor em si”- (Freire, 2002 I: 32) e avança para a universalização do saber, respeitando as diferenças e vivenciando uma participação igualitária de todas as culturas do reclame social. A dificuldade de compreensão de como se dará tal demanda é decorrente da nossa formação que aceita a opressão com normalidade e, conseqüentemente a valorização do conhecimento de um determinado setor. Mas, o senso comum esclarecido vai além da identificação com seu opressor – conhecimento científico cartesiano.

A idéia de Freire (2002 I), o “homem *libertando-se*”, é um aspecto crucial para o reconhecimento da etnopedagogia, porque traz o caráter novo para as vinculações pedagógicas, transformando as relações educativas em sentido de horizontalidade, destituindo dessa forma a verticalidade que ocorre nas relações educacionais.

A etnopedagogia é a devolução da palavra ao povo, como tanto apregoava Freire (2001, 2002). O sentido da pedagogia freireana é profundamente contra-hegemônico e, a partir daí, essencialmente político (Romão, 2002; Souza, 2002, Streck, 2002). O que Freire propõe no seu trabalho é a transformação paradigmática para a construção do conhecimento e sua universalização a partir de uma concepção de educação partindo da perspectiva dos dominados. Concepção de educação, na qual os princípios, compromissos e estratégias implicam, no limite, uma visão de mundo a partir da perspectiva do oprimido. É um trabalho *com* o povo, libertando-o (Romão, 2002).

A libertação do homem se dá através do diálogo e, implica que os sujeitos saem ao encontro uns dos outros para intercambiar bens, significados, afetos e compromissos.

Educador e educando (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento.

Ao alcançarem, na reflexão e na ação em comum, este saber da realidade, se descobrem como seus refazedores permanentes. (Freire, 2002 l: 56).

O que se pretende com a etnopedagogia é acabar, de uma vez por todas, a concepção de “educação bancária” – “o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que se julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.” (p. 58) - Quer se mostrar com a etnopedagogia que todos têm um saber e produzem conhecimento, que pode ser relativizado e que depende da visão de mundo de quem o possui e do uso que é feito desse saber. A educação e o conhecimento são processos de busca, de confronto e de redefinição do outro e do eu onde é expressa a subjetividade.

A proposta etnopedagógica considera a cultura local, tomando-a como ponto de partida para a inserção do sujeito no universo escolar. Essa consideração não deve ser vista aleatoriamente no âmbito educativo, mas como norteadora para abrigar o que há de comum no conhecimento de um país. É a idéia da construção de referenciais comuns ao processo educativo em todas as regiões do país.

Criando condições para que os sujeitos tenham acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários à integração social, a escola possibilitará a discussão da cultura oriunda de cada sujeito que faz parte do seu contexto. O conhecimento aprendido gera maior integração e inserção no mundo; a

prática escolar, comprometida com a interdependência etnoconhecimentos-escola-sociedade, situará melhor os sujeitos participantes da sociedade, nas relações sociais de mercado de trabalho e de relacionamento humano.

Os sistemas educativos formais, cuja tendência tem sido a de privilegiar o acesso a um tipo de conhecimento, em detrimento de outras formas de conhecer, devem conceber a educação de forma mais ampla, seja ao procederem a reformas educativas, ou ao elaborarem propostas curriculares.

A sociedade brasileira demanda uma educação de qualidade, que garanta os conhecimentos essenciais de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade no meio social em que vivem e em que esperam ver atendidas suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas. Então, é preciso romper com práticas inflexíveis, que utilizam os mesmos recursos independentemente dos sujeitos da aprendizagem. A dúvida entre o desejo da mudança e a certeza da prática pedagógica, desenvolvida a anos, geram o conflito dos profissionais de educação que procuraram romper a inflexibilidade de sua atuação. As tentativas frustradas de contextualizar os alunos levam esses profissionais à descrença de transformar por dentro a escola. Sem radicalizar, mas sem alçar vôos para a liberdade, os profissionais de educação sofrem a doença afetiva de incapacidade crônica - não conseguem ver seus sonhos realizados, sentido norteador para discussão da diminuição da exclusão social.

Uma nova atuação em educação precisa considerar aspectos sociais, políticos, culturais e psicológicos. Só considerando os distintos aspectos em um todo integrado através da etnopedagogia é que o processo de escolarização formal pode passar de fato a

colaborar para a atuação autônoma dos sujeitos, na construção de uma sociedade democrática.

É preciso redefinir um novo paradigma para a escola. Deve ser evitada a abordagem simplista de considerar a educação escolar o fator preponderante para as transformações sociais, mesmo reconhecendo-se sua importância na construção da democracia.

A escola precisa lançar mão do acolhimento dos sujeitos, reconhecendo a diversidade cultural e a diferenciação na demanda. Pois a visão única de padrão cultural faz com que muitos sujeitos evadam-se da escola.

A escola deve considerar a questão cultural na sua proposta de sociedade para ser pertinente ao estudo de Freire, que tem como preocupação central “a educação, inclusive a escolar, como um problema cultural, como atividade cultural e um instrumento para o desenvolvimento da cultura, capaz de contribuir para a democratização fundamental da sociedade, da própria cultura e para o enriquecimento cultural de seus diferentes sujeitos, especialmente dos sujeitos populares” (Souza, 2002: 29).

Pertinente, ainda, é considerar o estudo de Freinet, pois o mesmo

Preconiza uma escola onde a criança do povo possa se adaptar, sem divisões de classe social, que engendram a alienação e provocam bloqueios; uma escola inserida na vida da comunidade e na sua cultura; uma escola comprometida com a vida íntima da criança e, ao mesmo tempo, com o coletivo social; uma escola que permita à criança materializar na livre expressão os seus achados, oferecendo o máximo de abertura, não somente para o universo fechado da cultura acadêmica, mas para todas as riquezas do mundo. (Elias, 2002: 91)

Fundamentar a etnopedagogia é ter como pontos básicos o relativismo das culturas, a leitura do território, o imaginário e a dimensão histórica.

II - OS VALORES ETNOPEDAGÓGICOS

Os valores etopedagógicos relacionam-se com a memória identificada da cultura de um grupo. Numa visão antropológica, as invariantes de base presentes nos valores seriam: todo ser humano tem direito à fala; quem ama cuida; todo ser humano torna-se humano pela relação estabelecida com o semelhante; a sobrevivência da espécie depende de todos; o trabalho é resultante da cultura.

1. O Diálogo

A co-laboração é um fator que fortalece os laços de aprendizagens que se dá através do diálogo, onde cada pessoa expõe suas necessidades e experiência. Aprende e ensina simultaneamente.

A co-laboração, como característica da ação dialógica, que não pode dar-se a não ser entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto, de responsabilidade, somente pode realizar-se na comunicação. (Freire, 2002: 166).

A dialogicidade estabelecida nas relações das colaboradoras da pesquisa com as suas gerações e com companheiras de labuta é a prática popular não organizada da Teoria da Ação Dialógica proposta por Freire (2002), em que a comunicação acontece horizontalmente, sem o papel do opressor, mas de liderança que reestrutura os valores culturais que vivenciam. Freinet (1996) propôs processo de comunicação, similar, para integração do conhecimento, através do diálogo e da comparação da atividade entre os colegas de estudo.

Os diálogos que as colaboradoras estabelecem não têm a preocupação com a transformação social. São diálogos preocupados com o viver social. O ir além dessa situação requer o perceber-se sujeito histórico e para isso há necessidade de reconhecerem-se como oprimidas nas relações históricas. Isso se dará quando o diálogo for estabelecido entre a ciência e o senso comum e entre culturas e, dentro de uma mesma cultura, entre seus diferentes traços culturais.

Assim, aprender com o diálogo das colaboradoras e situá-lo no contexto escolar é estabelecer uma nova relação educacional formal. A situação escolar dialógica será “uma situação de comunicação em que diversas concepções do mundo se entrecruzam, se mesclam com o único objetivo de tornar crítico o objeto de conhecimento, de torná-lo legível, de radicalizar democraticamente o mundo” (Russo, 2002: 120)

2. O Amor

O amor é um dos valores etnopedagógicos utilizados pelas colaboradoras para ensinar às novas gerações os seus conhecimentos. É o “querer bem” que motiva a aprendizagem e o ensino, na fala das colaboradoras, todo o ato da relação entre familiares e amigos, mesmo quando termina por prejudicar o outro, é feito sempre com as “melhores das intenções”, pois a mãe sempre quer o melhor para os filhos. Aqui está presente a idéia da “santa-mãezinha” apregoada pela Igreja, referido anteriormente.

Ensinar com amor é colocá-lo bem na vida. A transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais, por exemplo, acontece por querer que o outro “não sofra”, “aprenda a

viver melhor” e a “cuidar dos seus”. É a prerrogativa amorosa presente no ato de aquisição do conhecimento.

As outras formas de ensinar que estão institucionalizadas, a exemplo da escola, não deveriam esquecer e se opor à opção amorosa nas relações educacionais. Os educadores de todas as partes deveriam iluminar sua prática com o sonho de um futuro novo, em que as pessoas aprendessem, através de novas relações sociais, as lições da justiça e da solidariedade.

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com desejos, com medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (Freire, 1993 e: 10).

Freinet, também, propõe a edificação de uma escola prazerosa, onde a criança queira estar, permanecer, onde o coração, a afetividade e as emoções predominem, onde haja alegria e prazer para descobrir e aprender (Elias, 2002: 13). Para Freinet a afetividade é o elo de ligação entre as pessoas e o objeto de conhecimento.

Assim, instalar uma relação amorosa nas relações educativas é avançar no processo de humanização e de agregação.

3. A Sociabilidade

O ser humano, por natureza, é um ser gregário; por isso é comum uma vizinha ajudar a outra em seus problemas do cotidiano. Não há indiferença aos problemas dos vizinhos mesmo quando não têm um vínculo de proximidade.

A sociabilidade e a necessidade de ajudar nos momentos difíceis da vida estabelece os laços do grupo cultural e o processo de transmissão de conhecimento. Ela é reconhecimento das identidades culturais. A sociabilidade historicamente é a vontade associativa com dados quantitativos e comparativos, com suas mudanças no tempo e no espaço.

A sociabilidade implica, também, na idéia de solidariedade que é assumir uma atitude radical, junto a quem se solidarizou com a produção do conhecimento dos oprimidos e “*com eles lutar para a transformação da realidade objetiva que faz se este “ser para o outro”*”. (Freire, 2002 I: 36)

Freinet (1996) na sua prática pedagógica explora a espontaneidade da criança, que se socializa no contato com a comunidade. No seu planejamento, busca a gênese da expressão criadora, fundamento da verdadeira experiência psicológica da criança.

Assim, a Pedagogia Freinet pode ser vista como uma prática coletiva, uma vez que tem por objetivo maior desenvolvimento da compreensão crítica da realidade e a ação participativa na transformação, segundo as necessidades de todos. Portanto, o sujeito da ação coletiva e da educação não é o indivíduo mas o conjunto de pessoas que participam do processo. (Elias, 2002: 42)

4. O Conhecimento de Mundo

O conhecimento de mundo ganha conotação de valor etnopedagógico quando as colaboradoras, narrando seus relatos, apoiadas pelo resplendor do vivenciado, influenciavam na formação das gerações mais jovens. As narradoras exigiam dos ouvintes atenção, confabulação e colocavam em jogo não só sua perícia verbal, mas também a conjunção de seu rosto, suas mãos, seu corpo inteiro, para significar, também, por meio deles; pretendiam entreter, ensinar ou talvez até, seduzir.

As narrativas das colaboradoras estavam no centro da cultura das crianças, ensinavam e aprendiam simultaneamente. Graças ao que escutam ou contam, as crianças, muito antes de ir à escola, entram em posse de dados etnográficos, do sentido ocasional e do ritual, dos níveis de linguagem e tomam consciência dos registros lingüísticos, das mitologias e do poder do conhecimento no contexto cultural de suas famílias e de seus iguais. Através das histórias, aprendem o que é importante no plano do sentido comum e dos sistemas de valores. Cada relato cria um mundo novo.

Os questionamentos levantados pelas crianças estabelecem formas de interação cognitiva. Estas dependem muito das respostas dadas por pessoas mais velhas para alimentar o caudal subjetivo, referência da comunidade. Por isso torna-se importante considerar os relatos que os alunos fazem dentro da escola, pois os mesmos evidenciam o modo de vida e de cultura que inspira as intervenções na vida social. A opção da escuta da fala do aluno diversificará o pensar pedagógico, abrindo a possibilidade da escola tornar-se popular.

[...] É indispensável, porém, que a escola, virando popular, reconheça e prestigie o saber de classe, de “experiência feito”, com que a criança chega a ela. É preciso que a escola respeite e acate certos métodos populares de saber coisas, quase sempre ou sempre fora dos padrões científicos, mas que levam ao mesmo resultado. É preciso que a escola, na medida mesma em que vá ficando mais competente, se vá tornando mais humilde. O conhecimento que se produz social e historicamente, tem historicidade. Não há conhecimento novo que, produzido, se “apresente” isento de vir a ser superado. (Freire, 2001 a: 45)

Democratizando mais seus critérios de avaliação do saber, a escola deveria preocupar-se com preencher certas lacunas de experiência das crianças, ajudando-a a superar obstáculos em seu processo de conhecer [...] (p.22)

A escola, reconhecendo o conhecimento de mundo do aluno, estará oxigenizando o conhecimento produzido no seu interior.

5. A Cooperação

A cooperação é outro fenômeno gregário do ser humano: uma ação em comum para atingir determinado fim. É a manifestação da necessidade de convivência com seus semelhantes. Com a cooperação, as fronteiras sociais e físicas são capazes de retroceder, fazendo com que as pessoas se ajudem. A cooperação deve ser um recurso buscado no cotidiano das pessoas e não só em momentos de calamidade. Com a cooperação, o ser humano será capaz de modificar o quadro de violência humana presente no dia-a-dia, em diversas formas.

Todos os grupos humanos dispõem, sempre, de um conteúdo comum de idéias e de valores universalmente aceitos e, freqüentemente, postos a serviço da humanidade. É

inegável que, se a escola trabalhar mais com o ideário da cooperação, as desigualdades sociais, políticas e econômicas ganharão nova roupagem pra menos.

A competição desenfreada entre os seres humanos tem levado ao processo de auto destruição. Assim, utilizar um valor presente na vida das colaboradoras dentro da escola é resignificar e fortalecer laços de amizade incidindo na diminuição de violência. Torna-se presente, então, a compreensão, o respeito pela pessoa humana e a justiça social, o grande anseio da humanidade para, num movimento constante de dar e receber, modificar as relações atuais de exploração do homem pelo homem.

6. O Aconselhamento

É uma orientação destinada a permitir a superação de uma situação complexa que gera perplexidade interior. Dar ‘bons conselhos’ é uma qualidade inapreciável, que supõe uma longa experiência no assunto em que está se aconselhando. As colaboradoras são boas conselheiras, por serem consideradas pessoas íntegras, confiáveis e com longa experiência de vida. O conselho “faça” ou “não faça”, não é uma simples expressão, mas a crença de que com a fala baseada em situações similar o solicitante reflita e encontre a melhor saída para seus problemas. A veracidade imposta pela voz da experiência cala as dúvidas.

A escola deve mirar-se no aconselhamento que cala a voz do aluno no ato de reflexão sobre a vida e na opção de escolha sobre o fato. A escola não deve mais calar a voz do aluno pelo o emudecimento do não ter o que dizer diante das situações-problema que a vida o inflige.

7. A Eficácia

A intencionalidade da ação, com o propósito de modificação da vida de alguém, é um valor etnopedagógico que orienta a vida do sujeito, pois o resultado esperado se manifesta, deixando-o satisfeito, ou não, ciente, porém, de porque tal manifestação tornou-se presente.

A escola deve trabalhar visando eficácia nas suas ações, porque o meio social cobra de cada sujeito ações que determinam não só sua vida, como de outros seres vivos (humanos ou não).

8. A Troca de Experiência ou Trabalho

As colaboradoras têm como auxiliar, na transmissão dos seus conhecimentos, o trabalho. Trabalhando solidariamente, as várias gerações aprendem simultaneamente os valores culturais do seu grupo.

O trabalho incita ao conhecimento. É uma proposta de Freinet, presente na análise que Elias (2002) faz:

O trabalho, por envolver integralmente o ser, dá abertura para a realização psicológica. Por isso, o trabalho pedagógico deve ser dinâmico, partir do conhecimento que a criança já domina, respeitar o seu ritmo, para que ela atinja a plena realização do seu potencial. Freinet aponta que, nas gerações que o precederam, não havia alterações profundas e radicais do meio: a criança morava na mesma casa, comia o mesmo tipo de alimento que havia alimentado – com sucesso – gerações anteriores e usava as mesmas ferramentas, nos mesmos campos, para fazer nascer os mesmos grãos e colher os mesmos frutos. Era uma técnica de vida quase perfeita, através da qual a criança herdava naturalmente os conhecimentos, as reflexões e o bom senso das gerações que caminhavam bem próximo dela. [...]. (p. 39)

O trabalho é um meio que o homem tem de prover a sua subsistência, por isso a escola deve preparar o sujeito para assumir dignamente a condição de trabalhador (quer seja patrão, ou empregado). O exemplo das colaboradoras pode servir na iniciação do aprendizado sobre o que somos e o que queremos ser.

III - O QUE SE ESPERA DE UM NOVO PROJETO PEDAGÓGICO

Entendo que devemos rumar no caminho da tolerância e do diálogo nos meios educativos. Esse pensamento sedimenta-se nas preocupações de autores como Freire (2002)²⁸, Freinet (1996) e Santos (1986) que, vivendo as marcas do seu tempo, apresentam saída para o relacionamento educativo. Eles colocam o conhecimento como prática social que deve dar sentido à vida. Sentido à vida que tenha uma subjetividade com lógicas emancipatórias, concebendo e desejando alternativas sociais, buscando transformar as relações de poder em “relações de autoridade compartilhada”.

Assim, utilizando a terceira metáfora de Santos (1999 j) o *Sul*, pode-se correlacionar o desejo de ver superada a opressão, discutida pelos autores acima mencionados, com uma subjetividade que signifique o desejo e a capacidade de exercer a solidariedade. E elaborar um projeto educativo conflitual e emancipatório que, segundo Santos (1996 l) tem por objetivo principal “recuperar a capacidade de espanto e de indignação, e orientá-la para a formação de subjetividades inconformistas e rebeldes”. Para tanto “tem de ser, por um lado,

²⁸ Paiva (2000) em seu trabalho busca contribuir para a compreensão da formulação pedagógica de Freire como produto de um período da vida intelectual brasileira capaz de gerar exatamente aquele tipo de idéias pedagógicas, como parte da sua lógica. Restringe à tentativa de compreensão das raízes do discurso pedagógico de Freire até 1965, por acreditar que a elucidação pode contribuir para o significado da pedagogia no contexto político da época e avaliar o seu possível papel na conjuntura atual.

um projeto de memória e de denúncia e, por outro, um projeto de comunicação e cumplicidade”. Sendo que esse projeto educativo será presidido por três conflitos epistemológicos: entre a aplicação técnica e a aplicação edificante da ciência, entre conhecimento-como-regulação e conhecimento-como-emancipação; entre imperialismo cultural e multiculturalismo.

Nessa perspectiva, a pedagogia deve incorporar não um discurso, mas uma prática ‘etno’ de potencialidades bioantropológicas do conhecimento, aberta às diversas formas de conhecer, manifestadas nas várias culturas, evitando o etnocentrismo, a sacralização e os paradigmas inquestionáveis. A abertura para um novo conhecer é um redimensionar cultural, em que a realidade esteja presente nas ações educativas.

A prática educativa que valoriza os aspectos culturais pode apresentar-se como capaz de refletir sobre a alteridade sociocultural, figurando a diversidade, a riqueza e a heterogeneidade da experiência humana, no tempo e no espaço. Essa prática educativa é marginal aos olhos da academia e das políticas públicas, quando deveria ser o cerne das reflexões da sociedade que tem uma diversidade sociocultural.

O projeto pedagógico de uma escola deve, desde a educação infantil, enraizar hábitos de tolerância diante do diferente ou divergente, assim como o aprendizado da cooperação e da subordinação do interesse pessoal ou de grupo ao interesse geral, ao *bem comum*. Mediante o respeito a esses princípios e a partir de uma pequena pauta do que deve ser evitada pela escola, a primeira referência para a escola pública, seria o quanto essa escola está democratizada, entendida aqui como a universalização do acesso e da permanência à instituição escolar.

Uma vez convicta de que o caminho da democratização do ensino pretende ser irreversível, é indispensável que se reflita por quais outras práticas essa educação deve realizar-se, na medida em que o expediente de deixar de fora da escola seus alunos potenciais é o primeiro obstáculo a ser evitado em termos de escolarização formal.

BIBLIOGRAFIA

- ABRIC, J. 2000. A abordagem estrutural das representações sociais In: MOREIRA, A. S. P. & D. C. OLIVEIRA (orgs). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 2 ed. revista. AB Ed., p. 27 – 38.
- ALVES, T. J. N. et al. 2000. Levantamento do conhecimento de plantas medicinais pela população de Cupissura, município de Caaporã – PB. In: Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, 16., 2000, Recife. *Livro de resumos...* Recife: UFPE, p. 106.
- ANADON, M. & P. B. MACHADO. 2001. *Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais*. Salvador: Editora da UNEB, 87 p.
- ANDRÉ, M. E. D. A. 2000. *Etnografia da prática escolar*. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 128 p.
- ARENDT, H. 1995. *A condição humana*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- ARROYO, M. G. 1999. A experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F. B. *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: Cortez, p. 131 – 164.
- ARRUDA, M. L. M. 1995. Plantas medicinais: a construção do saber popular. In: *Revista de educação pública*. Cuiabá: Ed. da UFMT, v. 4, n. 5, jan./jun. p. 125 – 133.
- ATLAN, H. 1992. *Entre o cristal e a fumaça: ensaio sobre a organização do ser vivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BACHELARD, G. 1985. A epistemologia não-cartesiana. In: *O novo espírito científico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 120 – 151.
- BACHELARD, G. 1998. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 202 p.
- BALBACH, A. s.d. *A flora nacional na medicina doméstica I: conhecimentos gerais de saúde*. 1ª parte. Itaquaquecetuba, SP: Edições “A Edificação do Lar”, 396 p. v. I

- BALBACH, A. s.d. *A flora nacional na medicina doméstica II: plantas medicinais*. 12 ed. Itaquaquecetuba, SP: Edições “A Edificação do Lar”, p. 405 – 915. v. II
- BALBACH, A. s.d. *As frutas na medicina doméstica*. 21 ed. Itaquaquecetuba, SP: Edições “A Edificação do Lar”, 375 p.
- BALBACH, A. s.d. *As hortaliças na medicina doméstica*. 26 ed. Itaquaquecetuba, SP: Edições “A Edificação do Lar”, 406 p.
- BARRETO, A. G. S. S., C. OLIVEIRA & L. C. L. LIMA. 2002. Plantas medicinais utilizadas pela população da comunidade do Riacho do mel, Alagoinhas – Bahia - Brasil. In: *Encontro de Biologia da UEFS: Homo Sapiens: Ciência e Consciência*, 4., 2002, Feira de Santana - BA. *Resumos expandidos (suplemento)*... Feira de Santana: UEFS, p. 3 - 4
- BARRETO, M. R. N. 2001. Doenças de mulheres na Bahia do século XIX. In: SARDENBERG, C. M. B., I. M. VANIN & L. M. B. ARAS (orgs.). *Fazendo gênero na historiografia baiana*. Salvador: NEIM/UFBA, p. 27 – 34.
- BARROS, C. 1992. Reino das plantas. In: *Os seres vivos: origem da vida, programa de saúde, ecologia*. 40 ed.. São Paulo: Ática, p. 117 – 147.
- BEAUVOIR, S. 1949. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BEBHABIB, S. & D. CORNELL (orgs.) (1997). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- BERGSON, H. 1990. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 204 p.
- BERNARDI, B. 1978. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Lisboa: Edições 70., 450 p.
- BIAZZI, E. M. S. 1994. *Vida natural: água, ar, sol, repouso, alegria*. 16 ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, p. 145 – 150.
- BOSI, E. 1999. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 484 p.
- BOURDIEU, P. & J. C. PASSERON. 1982. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 15 – 72.

- BRAGA, J. 2000. *Oritamejé: o antropólogo na encruzilhada*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 225 p.
- BRANDÃO, C. R. 1985. *O que é educação*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 116 p.
- BRANDÃO, Zaia (org.). 1997. *A crise dos paradigmas e a educação*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 104 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. 1998. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro de quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 174 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. 1998. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro de quarto ciclos do ensino fundamental: História*. Brasília: MEC/SEF, 108 p.
- BRUNO, I. & N. NALDI. 2001. *O milagre das plantas*. 2 ed. São Paulo: Ed. Atheneu, 366 p.
- CAMARGO, M. T. L. A. 1998. *Plantas medicinais e rituais afro-brasileiros II: estudo etnofarmacobotânico*. São Paulo: Ícone, 232 p.
- CAMARGO, M. 2002. *As melodias das plantas medicinais*. São Paulo: Novo Trio Catanduva, 1 CD-ROM.
- CAMBI, F. 1999. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP, 701 p.
- CAMPOS, M. D'O. 2002. Etnociência ou Etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: *Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste (1.:2001: Rio Claro, SP) – Métodos de coleta de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais*, Rio Claro, SP: 29/11 a 01/12/2001/ editores: Maria Christina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva. – Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq, p. 47 – 92.
- CAMPOS, M. C. S. S. 1992. História oral e história de vida: temas e abordagens. In: *Cadernos de História e Saúde*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171 – 173.
- CARVALHO, J. S. 1998. Apontamentos para uma crítica das repercussões da obra de Paulo Freire. In: *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 23 – 33.

- CASCUDO, L. C. 1966. *Voz de nessus: inicial de um dicionário brasileiro de superstições*. João Pessoa, PB: Imprensa Universitária da Paraíba, 108 p.
- CASTELLS, M. 1999. (entrevista concedida). Programa Roda Viva. TV Cultura.
- CASTORIADIS, C. 1995. *A instituição imaginária da sociedade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 139 – 418.
- CENTRO de Estatística e Informações - CEI (BA). 1994. Informações básicas dos municípios baianos: Região do Paraguaçu, p. 234 – 258.
- CERTEAU, M. 1995. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 235 p.
- CHAUI, M. 1997. A memória. In: *Convite à filosofia*. 9 ed. São Paulo: Ática, p. 125 a 130.
- CHRÉTIEN, C. 1994. *A ciência em ação: mitos e limites*. Campinas, SP: Papirus, 268 p.
- COLL, C. & C. BASIL. 1996. A construção de um modelo prescritivo da instrução: a teoria da aprendizagem cumulativa. In: COLL, C., J. PALACIOS & A. MARCHESI (orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 45 a 56. v. 2.
- CONSERVA, H. & J. G. GAMA. 2001. *Paraíso com nome de Feira*. Feira de Santana: JMA, 40 p.
- CORRÊA, A. D., R. SIQUEIRA-BATISTA & L. E. M. QUINTAS. 1998. *Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica*. Petrópolis: Vozes, 246 p.
- CORRÊA, M. P. 1926 – 1978. *Diccionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 6 v. ilustr.
- COSTA-NETO, E. M. et al. 1999. The use of medicinal plant resources in Retirolândia, state of Bahia, Brazil (O uso de recursos de plantas medicinais em Retirolândia, Estado da Bahia, Brasil). In: *Actual Biol.* 21 (71): 97 – 109.
- COULON, A. 1995 a. *Etnometodologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 134 p.
- COULON, A. 1995 b. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 205 p.
- CRUZ, A. C., M. L. L. R. PEROTA & M. T. R. MENDES. 2000. *Elaboração de Referências (NBR 6023/2000)*. Rio de Janeiro: Interciência: Niterói: Intertexto, 71 p.

- CURTY, M. G. & A. C. CRUZ. 2000. *Apresentação de trabalhos científicos: guia para alunos de cursos de especialização*. Maringá: Dental Press, 83 p.
- D'AMBROSIO, U. 1998. *Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer*. 4 ed. São Paulo: Ática, 88 p.
- DEBRET, G. G. 1999. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 266 p.
- DEL PRIORE, M. 1993. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 358 p.
- DELUMEAU, J. 1989. A cultura dirigente e o medo (segunda parte). In: *O medo no Ocidente: 1300 – 1800 uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 205 - 419.
- DEMO, P. 1997. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 125 p.
- DI STASI, L. C. (org.). 1996. *Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 230 p.
- DINIZ, I. S. 1991. *Memória de um raizeiro*. Petrópolis, RJ: Vozes/Nova, 42 p.
- DINIZ, M. F. F. M. et al. 1997. *Memento fitoterápico: as plantas como alternativa terapêutica: conhecimentos populares e científicos*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 205 p.
- DOISE, W. et al. 2001. O discreto charme das atitudes (discussão de Colin Fraser) In: MOREIRA, A. S. P. *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Ed. Universitária, p. 49 – 53.
- DURAND, G. 1997. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 551 p.
- ELIAS, M. C. 2002. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 108 p.
- EVSENCK, M. W. & M. T. KEANE. 1994. Memória: estruturas e processos. In: *Psicologia cognitiva: um manual introdutório*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 118 a 154.

- FACHIN, O. 1993. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Atlas, 153 p.
- FELIPPE, G. 1998. *O saber do sabor: as plantas nossas de cada dia*. Lisboa: Edições Salamandra/São Paulo: Capacitas Internacional, 195 p.
- FERREIRA, A. B. H. s.d.. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Nova Fronteira.
- FERREIRA, M. M. (org.). 1994. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 157 p.
- FONSECA, M. D. 2000. *Farmácia verde*. Salvador, BA: EBDA, 45 p.
- FOUCAULT, M. 1985. *História da Sexualidade, 3: o cuidado de si*. 5ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 246 p.
- FRANÇA, F., E. MELO & C. C. SANTOS. 1997. Flora de *inselbergs* da região de Milagres, Bahia, Brasil: I. Caracterização da vegetação e lista de espécies de dois *inselbergs*. In: *Sitientibus: Revista da Universidade de Feira de Santana*, UEFS, Feira de Santana, n. 17, p. 163 – 184, jul./dez.
- FREINET, C. 1996. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 133 p.
- FREIRE, P. 2001 a. *A educação na cidade*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 144 p.
- FREIRE, P. 1980 b. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3 ed. São Paulo: Moraes, 102 p.
- FREIRE, P. 1986 c. *Educação e mudança*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 79 p.
- FREIRE, P. 1992 d. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 224 p.
- FREIRE, P. 1993 e. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Ed. Olho d' Água, 127 p.
- FREIRE, P. 1997 f. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 165 p.
- FREIRE, P. 2000 g. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 3 reimpressão. São Paulo: Editora UNESP, 134 p.

- FREIRE, P. 2001 h. *Educação como prática da liberdade*. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 158 p.
- FREIRE, P. 2001 i. *Extensão ou comunicação*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 93 p.
- FREIRE, P. 2002 j. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 245 p.
- FREIRE, P. 2002 l. *Pedagogia do oprimido*. 33 ed. São Paulo: Paz e Terra, 184 p.
- FREUD, S. 1977. Carta 70 – Memórias antigas de Freud na sua auto-análise. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 353.
- FREUD, S. 1972. O material dos sonhos. A memória nos sonhos. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 11 - 22.
- FREUD, S. 1977. Memória e juízo. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 436 – 439.
- FREUD, S. 1997. Carta 52 – Estratificação dos traços da memória. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 317 – 324.
- FREUD, S. 1997. Carta 66 – A defesa contra as memórias. In: *Edições standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 348.
- FRIGOTTO, G. 1996. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez.
- GADAMER, H. 1999. Os traços fundamentais de uma teoria da experiência hermenêutica. In: *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 400 – 429.
- GADOTTI, M. 2001. *Paulo Freire: uma bibliografia*. 3ª reimpressão. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 765 p.
- GHIRALDELLI Jr., P. 1996. *O que é pedagogia*. 3 ed. rev. e atual. São Paulo: Brasiliense, 71 p.

- GINZBURG, C. 1999. Feitiçaria e piedade popular: notas sobre um processo modenense de 1519. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, p. 15 a 39.
- GINZBURG, C. 1999. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 3ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, p. 143 a 179.
- GOHN, M. G. 1999. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez.
- GONÇALVES, D. 1998. Hermenêutica popular do adoecer: uma abordagem multirreferencial. In: BARBOSA, J. G. (org.) *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: EdUFSCar, p. 89 a 126.
- GUATTARI, F. & S. ROLNIK. 1999. Subjetividade e História. In: *Micropolítica: cartografias do desejo*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, p. 25 a 126.
- GUTIÉRREZ, F. & C. P. ROJAS. 1999. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 128 p.
- HARRITS, K. F. & D. SHARNBERG. 2000. Encontro com o contador de histórias: um processo de aprendizado mútuo. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, v. 3, n. 3, jun. 2000. p. 25 –34.
- HELMAN, C. G. 1994. *Cultura, saúde e doença*. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 333 p.
- HESSEN, J. 1987. *Teoria do conhecimento*. 8 ed. Arménio Amado: Ed. Coimbra. 206 p.
- JANOTI, M. L. M. 1992/93. História oral: uma utopia? In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25 – 6, p. 7 – 16, set./ago.
- KRAMER, H. & J. SPRENGER. 1991. *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos,. 528 p.
- KRUG, E. 1938. Curiosidades da superstição brasileira: molestias, remedios, curas, etc. In: *Revista Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Editora Instituto Histórico Geográfico São Paulo, v. 35, p. 223 – 256, dez.

- LE GOFF, J. 1996. Memória. In: *História e memória*. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 423 a 483.
- LEFEBVRE, H. 1983. *Lógica Formal e Lógica Dialética*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LEME, M. A. V. S. 1999. O impacto da teoria das Representações Sociais. In: SPINK, Mary Jane (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectivas da psicologia social*. 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense.
- LIBÂNEO, J. C. 1991. Prática educativa, pedagogia e didática. In: *Didática*. São Paulo: Cortez, p. 15 a 31.
- LUCKESI, C. C. et al. 2000. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 11 ed. São Paulo: Cortez, p. 47 – 59.
- MACEDO, R. S. 2000 a. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 297 p.
- MACEDO, R. S. 2000 b. *Crysalis: o currículo como trajetória, itinerário, itinerância e errância*. (texto apresentado na 23ª ANPED), outubro, 18 p.
- MACHADO, A. 1991. Áreas relacionadas com a memória. In: *Neuroanatomia funcional*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Atheneu Ed., p. 223.
- MALUF, M. 1995. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 305 p.
- MARQUES, J. G. W. 2001. *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. 2 ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 258 p.
- MARQUES, J. G. W. 2002. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: *Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste (1.:2001: Rio Claro, SP) – Métodos de coleta de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais*, Rio Claro, SP: 29/11 a 01/12/2001/ editores: Maria Christina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva. – Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq, p. 31 – 45.

- MATOS, F. J. A. 1997. *O formulário fitoterápico do professor Dias da Rocha: informações sobre o emprego na medicina caseira, de plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. 2 ed. Fortaleza, CE: EUFC, 260 p.
- MATOS, F. J. A. 1999. *Plantas da medicina popular do Nordeste: propriedades atribuídas e confirmadas*. Fortaleza: EUFC, 80 p.
- MATURANA, H. & F. VARELA. 1995. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas, SP: Editorial Psy II, 281 p.
- MEIHY, J. C. S. B. 2000. *Manual de História Oral*. 3 ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 111 p.
- MICHELET, J. 1992.. *A feiticeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 276 p.
- MING, L. C. 1996. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p. 69 a 86.
- MIRANDA, J. L. C. 2000. *Artigo científico: estrutura e redação*. Niterói: Intertexto, 43 p.
- MOREIRA, A. F. B. 1999. *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: São Paulo, 183 p.
- MORIN, E. 1979. A cultura. In: *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 167 - 175.
- MORIN, E. 1999 a. *Ciência com consciência*. Ed. Revista e modificada pelo autor. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 350 p.
- MORIN, E. 1999. (entrevista concedida). Programa Roda Viva. TV Cultura.
- MORIN, E. 2001 a. *O método 4 – as idéias: habitat, vida, costumes, organização*. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 320 p.
- MORIN, E. 2001 b. *Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar*. Edgar Morin; participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 73 p.
- MORIN, E. 1999 b. *O método 3 – o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 288 p.

- MURARO, R. M. 1991. Breve introdução histórica. In: KRAMER, H. & SPRENGER, J. *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 5 a 17.
- MURARO, R. M. 1993. *A mulher no terceiro milênio*. 3 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 205 p.
- NASCIMENTO, M. A. A. 1998. As práticas populares de cura do Povoado de Matinha dos Pretos – BA: eliminar, reduzir, ou convalidar? In: *Sitientibus: Revista da Universidade de Feira de Santana*, UEFS, Feira de Santana, n. 19, p. 101 – 134, jul./dez.
- NECHIO, M. et al. 2000. A fitoterapia na atenção primária a saúde – Projeto: Assistência Farmacêutica a Creche – Escola do Aprisco (AFCEA). In: *Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil*, 16. 2000, Recife. *Livro de resumos...* Recife: UFPE, p. 104.
- NÓBREGA, S. M. 2001. Sobre a teoria das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Ed. Universitária, p. 55 – 87.
- NOT, L. 1993. *Ensinando a aprender: elementos de psicodidática geral*. São Paulo: Summus, 61 p.
- NOVAES, M. H. 1997. *Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias*. 2 ed. Paulo de Frontini, RJ: NAU, 168 p.
- NYE, A. 1995. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos.
- OLIVEIRA, E. R. 1984. *O que é medicina popular*. São Paulo: Brasiliense, 92 p.
- OLIVEIRA, M. V. M. 2002. *O cravo bem temperado: usos, história e estórias das ervas aromáticas e outros condimentos*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 174 p.
- ORDAZ, O. & J. VALA. 2000. Objetivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita. In: MOREIRA, A. S. P. & D. C. OLIVEIRA (orgs). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 2 ed. revista. AB Ed., p. 87 – 114.
- PAIVA, V. 2000. *Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista*. 2 ed. São Paulo: Graal, 239 p.

- PANIZZA, S. 1997. *Plantas que curam: cheiro de mato*. 15 ed. São Paulo: IBRASA, 279 p.
- PASSOS, E. S. 1996. *De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras*. Salvador: EDUFBA/EGBA, 209 p.
- PELEN, J. 2001. Memória da literatura oral a dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. In: *Projeto História*, São Paulo, (22), jun. p. 47 – 77.
- PELTO, P. J. 1984. Revelações fundamentais da pesquisa antropológica. In: *Iniciação ao estudo da antropologia*. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 84 – 100.
- PENIN, S. 1995. *Cotidiano e Escola: a obra em construção*. 2 ed, São Paulo: Cortez.
- PEREIRA, L. M. L. 1997. Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial. In: *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, v. 6, n. 3 set./dez., p. 109 – 127.
- PEREIRA, L. M. L. 2000. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, v. 3, n. 3, jun., p. 117 – 27.
- PERROT, M. 1989. Práticas da memória feminista. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 9. n. 18, ago./set.
- PERROT, M. 1992. As mulheres, o poder, a história. In: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 167 a 231.
- PORTELLI, A. 1996. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59 – 72.
- PORTELLI, A. 1997. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*, São Paulo, (14), fev., p. 25 – 39.
- POSEY, D. A. 1997. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). *Suma etnológica brasileira*. v.1 - Etnobiologia. 3 ed. Belém: Ed.UFPA, p. 1-15.
- QUER, P. F. 1985. *Diccionario de Botánica*. 9 reimpressão. Barcelona: Editorial Labor, 1244 p.
- RÊGO, T. J. A. 1995. *Fitogeografia das plantas medicinais no Maranhão*. 2 ed. São Luís: EDUFMA, 133 p.

- REVISTA ERVAS E PLANTAS QUE CURAM*. s.d. São Paulo: Ed. Escala, ano 1. n. 2. 98 p.
- REVISTA SAÚDE! É VITAL*, especial. 2000. São Paulo: Ed. Abril, n. 12- Plantas Medicinais, maio.
- REYZÁBAL, M. V. 1999. *A comunicação oral e sua didática*. Bauru, SP: EDUSC, 355 p.
- RÖD, W. 1984. Lógica formal e lógica dialética. In: *Filosofia dialética moderna*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, p. 281 – 286.
- RÖD, W. 1984. Os fundamentos da dialética hegeliana. In: *Filosofia dialética moderna*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, p. 119 – 207.
- ROJAS, J. E. A. O indizível e o dizível na história oral. Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade(NEPI): *Seminário sobre metodologias Qualitativas de Pesquisa*.
- ROMÃO, J. E. 2002. *Pedagogia dialógica*. São Paulo: Cortez, 150 p.
- ROUANET, S. P. 1990. Do trauma a atrofia da experiência. In: *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 44 a 84.
- ROUQUETTE, M. 2000. Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. In: MOREIRA, A. S. P. & D. C. OLIVEIRA (orgs). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 2 ed. revista. AB Ed., p. 39 – 46.
- ROUQUETTE, M. 2001. Introdução ao estudo do conhecimento social. In: MOREIRA, A. S. P. *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Ed. Universitária, p. 31 – 48.
- RUSSO, H. A., M. SGRÓ & A. DÍAZ. 2002. Aprender a dizer a palavra: do outro da razão à razão dos outros. Contribuições da ação educacional dialógica para a razão comunicacional. In: STRECK, D. R. (org.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 113 – 121.
- SANTOS, B. S. 1989 i. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Graal, 176 p.
- SANTOS, B. S. 1996 l. Para uma pedagogia do conflito. In: SILVA, Eron da. *Novos mapas culturais: novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Ed. Sulina.
- SANTOS, B. S. 1999 j. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 348 p.

SANTOS, B. S. 2000 k. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência – Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 415 p. v. 1.

SANTOS, D. L. 2001 n. *Rezadeiras, benzedeiras e curandeiros: uma história das práticas culturais/medicinais/religiosas populares na Terra do Santo Antônio – Recôncavo Sul - Bahia*. 2001. 92 f. Monografia (Especialização) - Universidade Estadual de Santa Cruz, 2001.

SANTOS, J. L. 1994 h. *O que é cultura*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 89 p.

SANTOS, M. 2000 m. *Por uma globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 174 p.

SANTOS, S. 2001 b. Memória: onde está minha vida. In: *Encontro Regional Sudeste de História Oral: Dimensões da História Oral*, 4., 2001, Rio de Janeiro. *Resumos...*Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, p. 50.

SANTOS, S. 2002 a. Venda de garrafadas nas feiras livres de Feira de Santana – BA: a presença do simbólico no uso de plantas medicinais. In: *Simpósio de Plantas Medicinais da Bahia*, 3., 2002, Feira de Santana - BA. *Livro de programas e resumos...* Feira de Santana: UEFS, p. 46.

SANTOS, V. & S. SANTOS. 1998 g. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doença/cultura. *Seminário do Núcleo de Investigação de Prática de Ensino da Universidade do Estado da Bahia*, 1., 1998, Alagoinhas. *Resumos...* Alagoinhas: UNEB.

SANTOS, V., S. SANTOS & L. D. SANTOS. 1999 c Plantas medicinais e a orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença. In: *Encontro Nacional de História Oral*, 5., 1999, Belo Horizonte. *Resumos...*Belo Horizonte:FAFICH/UFMG, p. 49.

SANTOS, V., S. SANTOS & L. D. SANTOS. 1999 d. Plantas medicinais e a orientação etnoterapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-

- aprendizagem/cultura/doença. In: *Jornada Paulista de Plantas Mediciniais*, 4., 1999, Ribeirão Preto. *Painel...*Ribeirão Preto: UNAERP, 8.11.
- SANTOS, V., S. SANTOS & L. D. SANTOS. 1999 e. Conhecimento etnobiológico das plantas medicinais na escola: uma relação no processo ensino-aprendizagem/doenças/cultura. In: *Congresso Nacional de Botânica*, 50., 1999, Blumenau. *Resumos...*Blumenau: SBB, p. 285 – 286.
- SANTOS, V., S. SANTOS & L. D. SANTOS. 1999 f. *Plantas medicinais e a orientação etno terapêutica de indivíduos da terceira idade: uma contribuição na relação ensino-aprendizagem/cultura/doença*. Feira de Santana. Out. 19p. (mimeografado)
- SAVOIE-ZAJC, L. & T. KARSENTI. 2000. *Introducion à la recherche* Québec: Education Editores du CRP.
- SCHÜLZE, C. M. N. 2000. Representações sociais da natureza e do meio ambiente. In: *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis; EDUFSC. Edição Especial Temática. p. 67 – 81.
- SEMINÁRIO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA DO SUDESTE* (1.:2001: Rio Claro, SP) (2002) – Métodos de coleta de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: *Anais*, Rio Claro, SP: 29/11 a 01/12/2001/ editores: Maria Christina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva. – Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq, 204 p.
- SERRES, M. 1999. (entrevista concedida). Programa Roda Viva. TV Cultura.
- SICUTERI, R. 1990. *Lilith: a lua negra*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 211 p.
- SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DA BAHIA*, 3., 2002, Feira de Santana - BA. *Livro de programas e resumos...* Feira de Santana: UEFS, 90 p.
- SIMPÓSIO DE PLANTAS MEDICINAIS DO BRASIL*, 16., 2000, Recife. *Livro de resumos...* Recife: UFPE, 307 p.
- SOUZA, J. F. 2002. *Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural*. São Paulo: Cortez, 222 p.

- SOUZA, L. M. 2000. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 396 p.
- SOUZA, N. B. A. P. 1990. “Saúde e saber popular: um estudo de caso dos raizeiros e mangaieiros”. *Doutores populares na cidade de Natal*. 1990. 420 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- SPETHMANN, C. N. s.d. *Medicina alternativa de A a Z*. Uberlândia, MG: Edições Natureza.
- STRECK, D. R. (org.). 2002. *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 152 p.
- SZASZ, T. S. 1976. A inquisição e a psiquiatria institucional (parte I). In: *A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de saúde mental*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 31 a 166.
- TEIXEIRA, F. 1975. *Crendices e superstições*. Vitória, ES: Fundação Cultural do Espírito Santo, 123 p.
- THOMPSON, E. P. 1981. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar.
- THOMPSON, E. P. 1987. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- THOMPSON, Paul (1992). *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 385 p.
- THOMSON. A. 2001. “Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral”; PORTELLI, Alessandro. “Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI”; LEYDESDORFF, Selma. “Desafios do transculturalismo”,. In: FERREIRA, M. M. et al. (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p. 47 – 81.
- VATTIMO, G. 1989. *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70, 87 p.
- VELLO, V. *Etnopedagogia*. [on-line]. Available from World Wide Web: < URL: <http://sites.uol.com.br/vello.htm>>

- VIANA, G. S. B., F. J. A. MATOS., M. A. M. B., BANDEIRA & RAO, V. S. N. 1995. *Aroeira-do-sertão (Myracrodruon urundeuva Fr. All.): estudo botânico, farmacognóstico, químico e farmacológico*. 2 ed. ver. amp. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 164 p.
- VIERTLER, R. B. 1988 b. *Ecologia cultural: uma antropologia da mudança*. São Paulo: Ática, 61 p.
- VIERTLER, R. B. 2002 a. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: *Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste (1.:2001: Rio Claro, SP) – Métodos de coleta de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: Anais, Rio Claro, SP: 29/11 a 01/12/2001/ editores: Maria Christina de Mello Amorozo, Lin Chau Ming, Sandra Maria Pereira da Silva. – Rio Claro: Coordenadoria de Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – UNESP/CNPq, p. 11 – 29.*
- VIGOTSKI, L. S. 1998. O domínio sobre a memória e o pensamento. In *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 51 a 68.
- WAGNER, W. 2000. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P. & D. C. OLIVEIRA (orgs). *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. 2 ed. revista. AB Ed., p. 3 – 26.
- WEIL, R. 2001. *As ervas que curam: um reencontro com a farmacologia natural*. 10 ed. São Paulo: Gaia, 132 p.
- WERNECK, H. J. 1992. “*Se você finge que ensina, eu fingo que aprendo*”. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 87 p.
- WILLIS, J. C. 1985. *A dictionary of the flowering plants e ferns*. Student edition. 8 ed. Revised by H. K. Airy Shaw. Cambridge: University Press Cambridge.
- ZABALA, A. 1998. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 224 p.

ANEXO 01 - GLOSSÁRIO DOS TERMOS MÉDICOS DAS COLABORADORAS E DOS CIENTISTAS

Abortar. Expulsar prematuramente do útero o produto da concepção – embrião ou feto invariável ou não
Abscesso. É todo ajuntamento de pus, que se forma graças às infecções por germes formadores de pus, como os estafilococos, estreptococos, gonococos, etc., que segregam venenos destruidores das células do corpo.
Adormecimento. Insensibilidade parcial ou total em qualquer parte do corpo, sobretudo nas extremidades.
Adstringente. Diz-se de, ou medicamento ou substância que produz constrição.
Aftas. Afecção que aparece especialmente na mucosa da boca e que se caracteriza pela produção de vesículas temporárias, seguidas de ulceração superficiais.
Alergia. Hipersensibilidade natural a determinadas substâncias, como, por exemplo, peixe, mariscos, camarão, carne, ovos, poeira, etc.
Amenorréia. É a supressão do fluxo menstrual em mulheres que já atingiram a puberdade mas ainda não alcançaram a menopausa. Pode ser provocada por gravidez ou outras causas.
Anemia. É um estado mórbido assinalado por acentuada diminuição do número de glóbulos sanguíneos vermelhos e da taxa de hemoglobina.
Angústia. Ansiedade com opressão.
Antianêmico. Diz-se de, ou substância que combate a anemia.
Antiescorbútico. Diz-se de, ou aquilo que combate o escorbuto.
Antiespasmódico. Que, ou substância que evita ou alivia os espasmos.
Anti-helmíntico. Que afugenta ou destrói os vermes. Vermífugo.
Antiinflamatório. Diz-se de, ou substância aplicável contra inflamação.
Antimicrobiano. Diz-se de, ou agente que extermina as bactérias ou micróbios; antimicrobico.
Anti-séptico. Relativo `anti-sepsia. Diz-se de substância capaz de impedir, pela inativação ou destruição dos micróbios, a proliferação deles; desinfetante.
Anúria. É a diminuição ou supressão da secreção urinária.
Arroto. Erupção ruidosa de gases do estômago pela boca.
Artrite. É uma inflamação das articulações (do joelho, tornozelo, cotovelo, punho, dedos, coluna vertebral), que pode ocorrer sob diferentes formas e provir de uma variedade de causas. Pode ser aguda ou crônica. Inflamação dos tecidos de uma articulação.

Asma. É uma enfermidade que se manifesta por crise agudas, mais ou menos longas e repetidas, de intensa dispnéia. Chama-se também bronquite asmática ou asma brônquica, que se distingue da asma cardíaca.
Azia. É uma sensação de queimadura no estômago.
Blenorragia. Doença venérea, altamente contagiosa, também denominada esquentamento, gonorréia ou blenoréia, a qual consiste na inflamação das membranas mucosas, especialmente da uretra e da vagina.
Bronquite. É uma inflamação aguda ou crônica da membrana mucosa que forra os brônquios.
Cãibras. Contrações musculares espasmódicas, enérgicas, dolorosas, involuntárias, de curta duração, que atacam mais freqüentemente os membros (geralmente na barriga da perna), mas que também podem ocorrer em certos órgãos internos. Às vezes as cãibras sobrevêm como cansaço do músculo, outras vezes é sintoma de alguma doença.
Calafrio. Tremor de frio intenso, em que há contração da pele e das fibras superficiais dos músculos, e que ocorre nas fases de invasão de algumas moléstias.
Calmantes. Todas as plantas que acalmam ou suprimem a irritabilidade nervosa, as dores, a tosse, etc.
Caspa. É uma infecção inflamatória do couro cabeludo, que afeta as glândulas sebáceas. Chama-se também seborréia ou pitiríase do couro cabeludo. Pode ser gordurosa ou seca.
Cataplasma. Massa de medicamentosa que se aplica sobre a pele diretamente ou entre dois panos.
Catarro. Excesso de secreção de uma mucosa, devido a um processo inflamatório.
Colesterol. Tipo de lipídio (gordura) constituinte do sangue que, em algumas pessoas, pode se depositar na parede das artérias (vasos sanguíneos) produzindo a aterosclerose.
Cólica. Tipo de dor abdominal, espasmódica, característica das contrações involuntárias das vísceras ocas (exemplo: intestino, ureter, etc.).
Comichão. Sensação da pele que obriga a coçar; prurido.
Congestão. Afluxo anormal do sangue aos vasos de um órgão.
Constipação. Prisão de ventre. Estado mórbido produzido de ordinário por um resfriamento; defluxo, resfriado.
Coqueluche. É uma doença infecciosa aguda, peculiar à infância. O mesmo que tosse convulsa, tosse-comprida e tosse-de-guariba.
Corrimentos. Secreção patológica que se escoia de um órgão.
Convulsões. Alteração caracterizada por contração súbita e involuntária dos músculos voluntários (esqueléticos).
Debilidade geral. Ou enfraquecimento, não é em si, uma doença; é antes, expressão

sintomática de alguma doença ou de algum abuso.
Diabetes. É uma moléstia da nutrição, ou seja, um distúrbio do metabolismo dos açúcares.
Diarréia. É a evacuação freqüente, líquida ou pastosa.
Disenteria. É uma diarréia cujas dejeções contêm sangue, pus e catarro.
Dismenorréia. É o corrimento difícil e doloroso da menstruação.
Diurético. Que aumenta ou facilita a secreção da urina.
Dormência. Insensibilidade parcial ou total em qualquer parte do corpo, sobretudo nas extremidades.
Eczema. É uma dermatose inflamatória, não contagiosa, com formação de vesículas, exsudatos, crostas.
Edema. É a inchação provocada pelo acúmulo patológico de líquido proveniente do sangue, em qualquer tecido ou órgão.
Epilepsia. É uma doença nervosa, com manifestações ocasionais, súbitas e rápidas, entre as quais se destacam convulsões e distúrbios de consciência.
Erisipela. 1. é uma doença infecciosa de caráter violento, com tendência à recidiva. Conhecida popularmente como mal-do-monte, mal-da-praia, maldita e esipra. 2. Dermatose aguda causada por bactérias do gênero Streptococcus ou Staphylococcus, caracterizada por febre, edema e eritema das partes afetadas.
Espinhas. Certas borbulhas da pele, principalmente às do rosto.
Estimulantes. Plantas que têm a propriedade de aumentar momentaneamente a energia das funções vitais, e sob cuja influência o pulso se torna mais rápido e mais forte, a respiração acelera, o calor do corpo aumenta, as forças musculares adquirem maior energia, o aparelho genital, as secreções urinárias e cutâneas, todo o organismo, enfim, é reabilitado para continuar no desempenho das suas funções.
Febre. Estado mórbido caracterizado pela aceleração do pulso, aumento do calor do corpo, mal estar geral e perturbação de diversas funções.
Feridas. Corte na pele, solução de continuidade aparente em uma estrutura do corpo.
Frieira. É uma espécie de dermite (inflamação da pele).
Furúnculos. Lesão inflamatória dura, que ocupa pele e tecido subcutâneo, e em cujo centro ocorre necrose.
Gripe. É uma doença infecciosa, cujo agente causador é um vírus. Ataca separada ou conjuntamente os aparelhos respiratório e digestivo e o sistema nervoso.
Hemorragia. É o derramamento de sangue para fora dos vasos que o devem conter.
Hemorróidas. São dilatação varicosas das veias do reto.
Hepatite. Inflamação do fígado – é uma doença que se está tornando cada vez mais

freqüente.
Hérnia. É um tumor formado pela saída de uma víscera através de uma cavidade natural ou acidental.
Herpes. Doença causada por vírus do grupo herpesvírus, caracterizada pela formação de vesículas nas regiões oral ou genital e precedida de manifestações álgicas.
Hipoglicemiante. Substância capaz de diminuir os níveis de glicose no sangue, com aplicação no tratamento do diabetes <i>mellitus</i> .
Impigem. É uma dermatose contagiosa.
Inchação ou inchaço. Edema, inflamação.
Inflamação. É o conjunto das reações locais dos tecidos destinadas a contrabalançar os efeitos de um agente nocivo, microbiano ou não.
Íngua. Ingurgitamento do gânglio linfático.
Ingurgitamento. Inflação de um tecido por derramamento sangüíneo; o mesmo que enfartamento ou infarto.
Insônia. É a dificuldade ou impossibilidade de conciliar o sono.
Laxantes. Ver purgantes.
Nefrite. É inflamação aguda ou crônica dos rins.
Oftalmia. Inflamação dos olhos.
Olheiras. Manchas lívidas na pele que circunda os olhos.
Otalgia. Dor de ouvido.
Papeira. Ver parotidite.
Paralisia. Diminuição ou cessação dos movimentos dos músculos da vida de relação ou da vida vegetativa.
Pneumonia. É uma moléstia infecciosa, que afeta a totalidade de um globo pulmonar ou, pelo menos, a maior parte dele.
Pressão alta. Ver hipertensão arterial.
Prisão de ventre. É uma moléstia do intestino, caracterizada pela dificuldade de evacuar.
Purgantes ou purgativos. Os purgantes propriamente ditos constituem um meio termo entre os laxantes (que são purgantes ligeiros) e os drásticos (que são purgantes enérgicos). De modo geral deve entender-se que qualquer planta purgativa pode exercer uma dessas três funções, conforme se já menor ou maior a dose empregada.
Regras. Menstruação.
Resfriado. O resfriado comum, que não pode ser confundido com a gripe, é uma inflamação da mucosa nasal, acompanhada de perturbação geral do organismo.

Reumatismo. É nome impreciso que serve para designar várias afecções que se fazem acompanhar de inflamações dolorosas que afetam os músculos ou as articulações.
Sapinhos. Manchas brancas ou amareladas existentes na mucosa bucal e produzidas por um cogumelo, freqüentes nos estados de acidose, mormente nas crianças.
Sarampo. Doença infecciosa aguda, caracterizada por conjuntivite, coriza, febre, tosse, rouquidão e um exantema que começa pela testa e ao redor dos lábios, invade, em seguida, o resto do corpo, e cujas as manchas são separadas por intervalos de pele sã.
Sarna. É doença cutânea, contagiosa.
Sífilis. Doença sexualmente transmissível causada pela bactéria <i>Treponema pallidum</i> , caracterizada por amplo espectro de manifestações clínicas, desde pequena lesão ulcerada na região genital (cancro duro) até graves alterações neurológicas e cardiovasculares (sífilis terciária).
Sinusite. Inflamação dos seios paranasais.
Solitária. A solitária, também chamada tênia, é um helminto intestinal que chega a alcançar muitos metros de comprimentos.
Tinha. É uma micose do couro cabeludo, na qual o parasito atinge o pêlo na sua raiz e invade o folículo, assim como a epiderme da superfície.
Tísica. Ver tuberculose.
Tosse. É o sintoma de alguma afecção das vias respiratórias.
Tuberculose. É uma doença que ataca mais especialmente os pulmões (tuberculose pulmonar), mas que também pode instalar-se no intestino (tuberculose mesentérica) e nas articulações (tumor branco), coxalgia, mal de Pott). A tuberculose pulmonar, ou simplesmente tuberculose, é ainda conhecida por tísica pulmonar, ou apenas tísica, e pelas denominações populares – delicada, doença do peito, doença-ruim, fininha, magra, magrinha, moléstia-magra, mal-de-secar, mal-dos-peitos, queixa do peito, seca.
Tumor. É qualquer aumento de volume desenvolvido em uma parte qualquer do corpo, e cuja massa é formada pela multiplicação das células do tecido onde se localiza, sem a estrutura dos processos inflamatórios ou parasitários conhecidos, e que se divide em benigno e maligno.

Fonte:

BALBACH, A. s.d. *A flora nacional na medicina doméstica I: conhecimentos gerais de saúde*. 1ª parte. Itaquaquecetuba, SP: Edições “A Edificação do Lar”. 396 p. v. I

CORRÊA, A. D., R. SIQUEIRA-BATISTA & L. E. M. QUINTAS. 1998. *Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica*. Petrópolis: Vozes, p. 207 – 208.

FERREIRA, A. B. H. s.d. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1838 p.

ANEXO 02 - GLOSSÁRIO BOTÂNICO

Adaxial (cs). [De <i>ad-</i> + <i>axial.</i>] Adj. Bot. Diz-se das escamas superiores seminíferas. [cf. abaxial.]
Ápice. [Do lat. <i>ápice</i>] Porção Terminal de folha, raiz, etc.
Aquênio. Bot. Tipo de fruto minuto, seco, indeiscente, provido de uma só semente, a qual se acha inteiramente livre no interior do pericarpo fino, e que é característico da família das compostas (dália, margarida, etc.), embora apareça irregularmente em muitas outras. [Os “carocinhos” do morango e do figo são aquênios.]
Basilar. Que nasce ou está situado na base.
Brácteas. Folhas modificadas que protegem uma inflorescência.
Cacho. Inflorescência em que as flores se inserem em um eixo comum.
Caulé [Do gr. <i>Kaulós</i> , pelo lat. <i>caule</i>] S. m. Bot. Parte aérea, provida de apêndices verdes, ou filhas, do eixo das plantas superiores, ligada à parte subterrânea, ou raiz, pelo coleto.
Cordiformes. Em forma de coração.
Costado. [De <i>costa</i> + <i>-ado.</i>] Morfol. Veg. Provido de costa: <i>cápsula costada</i> .
Crenados. Adj. Que tem crena. (Recorte ou subdivisão na folha).
Diclino. [De <i>di</i> - + <i>-clino.</i>] Adj. Bot. Unissexual: <i>flor diclina</i> .
Drupa. Fruto carnoso provido de um núcleo muito duro, como o pêssego e a manga. A drupa pode ser muito pequena, como o que a constitui o verdadeiro fruto do figo.
Elíptica. Pontos de um plano cujas distâncias a dois pontos fixos desse plano têm soma constante.
Endocarpo. [De <i>end (o)-</i> + <i>carpo</i>] S. m. Morfol. Veg. Camada interna do pericarpo dos frutos, que pode ser ou muito fina, ou grossa e pétrea, como nas drupas. [Var.: <i>endocápio</i>]
Espádice. Tipo de inflorescência, mais comum nas aráceas, formado por uma espiga de flores unissexuais e eixo carnoso e envolvida por uma bráctea ampla, não raro colorido.
Espata. [Do gr. <i>Spáthe</i> , pelo lat. <i>spatha</i>] S.f. Morfol. Veg. Bráctea ampla que envolve as espigas de muitas plantas, como as aráceas e palmeiras.
Estames. Morfol. Veg. Órgão masculino da flor, formado pelo filete que sustenta a antera, na qual, por sua vez, se formam os grãos de pólen. [Dim. Irreg.: estamínulo.] Estame anatero. Morfol. Veg. Estame reduzido ao filete. Estame antepétalo. Morfol. Veg – Estame localizado em frente às pétalas. [Opõe-se alternipétalo.] Estame ante-sépalo. Morfol. Veg. Estame localizado em frente às sépalas; estame opositissépalo. Morfol. Veg. Estamo ante-sépalo.
Estipe. [Do lat. <i>stipes.</i>] S. m. Morfol. Veg. 1. Caulé das palmeiras e fetos arborescentes, que é indiviso e termina por uma coroa de folhas: estípite. 2. Haste que sustenta certos futos, como os legumes das leguminosas e o píleo dos fungos agaricales.
Fistuloso. [Do lat. <i>fistulosu.</i>] Morfol. Veg. Provido de cavidade central alongada: caule fistuloso.
Folha (ô). [Do lat. <i>Folia.</i>] S. f. Veg. Órgão laminar e verde das plantas floríferas ou fanerógamas, que constituiu a estrutura assimiladora por excelência, e que consta de uma lâmina verde, o limbo de uma haste ou pecíolo e, por vezes, de uma parte basal alargada, a bainha.
Folha alterna. Morfol. Veg. Folha que se insere solitariamente nos nós caulinares.

Folha áspera. Morfol. Veg. Folha escabra.
Folha elíptica. Morfol. Veg. Folha oblonga cujo ápice e base são igualmente arredondada, sendo o comprimento uma a duas vezes maior que a largura; folha oval.
Folha escabra. Morfol. Veg. Folha áspera ao tato, com pêlos curtos e rígidos.
Folha linear. Morfol. Veg. Folha lanceolada, muito estreita, com bordos paralelos.
Folha lobada. Morfol. Veg. Folha cujo limbo é subdivido até a metade da distância entre a margem e nervura central. Cada recorte é lobo.
Folha oval. Morfol. Veg. Folha elíptica.
Folha peciolada. Morfol. Veg. Folha composta de limbo e pecíolo, sem bainha.
Folha penada. Morfol. Veg. Folha composta cujos folíolos se inserem ao longo do pecíolo comum, e que recorda uma pena de galinha.
Folha penatífida. Morfol. Veg. A que tem o limbo fendido e os segmentos dispostos lado a lado.
Folíolo. [De <i>foli</i> - + - <i>olo</i>] S.m. Morfol Veg. Cada uma das partes em que se subdivide uma folha composta. [Os folíolos são articulados com o pecíolo e se destacam de maneira íntegra.].
Fruto deiscente. Morfol. Veg. Fruto que, alcançada a maturidade, se abre, deixando escapar as sementes.
Glabro, bra. [Do lat. <i>glaber, pelado, sem pelo</i>]. adj. Desprovido absolutamente de pelo ou <i>vello</i> .
Herbáceo, a. [Do lat. <i>herbaceus</i>] Adj. Que tem aspecto de erva, e principalmente que não está lignificado: planta herbácea, por oposição a planta lenhosa.
Herbário. [Do latim <i>herbarium</i>]. Conjunto de plantas destinadas ao estudo e ao ensino de Botânica. O comum, se trata de plantas dessecadas e, devidas condições para que conservem da melhor maneira a forma e a posição de seus órgãos como em estado vivo.
Lanceoladas. Em forma de lança.
Latescente. Lactescente – que produz látex.
Lignifica. Lenhifica, consistência de madeira.
Limbo. [Do lat. <i>limbu, 'orla'</i> .] Morfol. Veg. Porção laminar, ampliada, dos órgãos foliáceos, como a própria folha, as pétalas, sépalas, etc.
Lobado. [De <i>lobo</i> + <i>-ado</i> .] Adj. Dividido em lobos ou lóbulos; lobulado, lobular: <i>folíolo lobado</i> .
Monóica. [De <i>mon (D)</i> - + - <i>óico</i> .] Adj. Bot. Que apresenta monécia: árvore monóica.
Monécia. [De <i>mon (D)</i> - + - <i>écia</i> .] S. f. Bot. Ocorrência de flores femininas e masculinas no mesmo indivíduo, sendo, pois, as flores unissexuais, embora as plantas sejam andróginas, como o milho.
Muricado. [Do lat. <i>muricatu</i>] Adj. Coberto de pequenas pontas rígidas: <i>fruto muricado</i> .
Oblonga. Folha mais longa do que larga.
Oleaginoso. [Do lat. <i>oleagina, 'oliveira'</i> + - <i>oso</i> .] Adj. Que contém óleo, ou é de natureza do óleo; oleagíneo: fruto oleaginoso; planta oleaginosa.
Palminervado. [De <i>palmi</i> - + <i>nervado</i>]. Adj. Morfol. Veg. Em que, com a nervura principal, partem do pecíolo outras nervuras divergentes como os dedos.
Panicula. [Do lat. <i>panicula</i> .] S.f. Morfol Veg. Tipo de inflorescência que é um cacho composto, no qual os ramos vão decrescendo da base para o ápice, razão por que assume

forma aproximadamente piramidal.
Peciolado. Adj. Que tem pecíolo; peciolar.
Pecíolo. [Do lat. <i>petiolu</i> , 'pezinho'.] S. m. Morfol. Veg. Haste que sustenta o limbo da folha e a une à bainha ou diretamente ao ramo; pé [Dim. Irreg.: peciólulo.]
Pilosa. Que tem pêlo; peludo; 2. Morfol. Veg. Pilífero (1): folha pilosa.
Polistêmone. [De <i>poli</i> - + - <i>stemone</i> .] Adj. 2 g Morfol. Veg. Que tem estames em número superior ao dobro de pétalas.
Prostrado. Morfol. Veg. Situado sobre o solo: ramo <i>prostrado</i> .
Ritidoma. [Do gr. <i>Rhytidoma</i> , 'rugosidade'.] S. m. Anat. Veg. Conjunto de tecidos situados para fora do felógeno ativo. Compreende o felema e os tecidos por ele isolados; inclui; comumente, porções de tecidos cortical ou liberiano; constitui a casca externa, morta das árvores; e pode-se esfoliar, deixando lisa a superfície do tronco, ou permanecer sob a forma de espessa camada fibrosa ou suberosa.
Séssil. (Do lat. <i>sessile</i> .) adj. 2 g. 1. Que não tem suporte. 2. Biol. Diz-se do órgão fixado diretamente a parte principal de um ser vivo. 3. Morfol. Veg. Diretamente inserido, sem pedículo ou haste de sustentação; <i>folha séssil</i> ; <i>flor séssil</i> .
Subarbustivo. [De <i>subarbusto</i> + <i>ivo</i> .] Adj. 1. Bot. Diz-se do tronco cujos ramos secam anualmente; subarbústeo. 2. Morfol. Veg. Relativo a, ou próprio de subarbusto; sufruticoso: porte <i>subarbustivo</i> .
Subarbusto. [De <i>sub-</i> + <i>arbusto</i> .] S. m. Morfol. Veg. Planta baixa, cuja parte aérea é anual, embora lignificada, e cuja parte subterrânea, em geral mais possante, é perene, e refaz a aérea na época favorável ao crescimento. É característica da vegetação campestre, submetida anualmente a uma estação seca.
Tetrâmera. Dividido em quatro partes.
Tricoca. [De <i>tricoco</i>] S. f. Morfol. Veg. Fruto composto de três cocos independentes, embora unidos.

Fonte:

CORRÊA, A. D., R. SIQUEIRA-BATISTA & L. E. M. QUINTAS. 1998. *Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica*. Petrópolis: Vozes, p. 207 – 208.

FERREIRA, A. B. H. s.d. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1838. p.

QUER, P. F. 1985. *Diccionario de Botánica*. 9 reimpressão. Barcelona: Editorial Labor, 1244 p.

ANEXO 03 - ÍNDICE DE CONDIÇÕES CLÍNICAS E PLANTAS MEDICINAIS

Aborto. Agrião, Arruda, Coentro, Guiné, Hortelã caboclo, Mastruz, Maravilha
Abrir o apetite. Agrião, Cebola, Losna branca, Manjerona
Acalmar os nervos. Malva.
Acidez no estômago. Endro
Afrodisíaco. Catuaba, Guaraná
Afta. Alfavaca graúda, Alfavaca miúda, Quioiô
Água na barriga. Purga do campo
Aliviar o cansaço. , Maracujá
Alvejas roupa. Melão de São Caetano, Quarana
Amolecer pus (abscesso). Batata inglesa.
Anemia. Agrião, Alface, Artemigem, Beterraba, Cenoura, Espinafre, Jenipapo, Tamarindo
Ansiedade. Água da levante, Calmante, Quitoco
Arrotos. Endro
Artrite. Berinjela
Asma. Alfazema branca, Alfazema roxa, Angélica, Banana, Banana de São Tomé, Cipó-de-cobra, Coco, Cordão-de-São-Francisco, Erva de Santa Maria, Espinho cheiroso, Eucalipto, Gengibre, Hortelã graúdo, Hortelã miúdo, Jabuticabeira, Jaca, Jenipapo, Umbaúba
Aumentar o leite. Beldroega, Cenoura
Ausência de menstruação. Algodoeiro, Artemigem, Batata-de-purga, Bucha, Losna branca, Buchinha paulista, Salsa.
Azia. Erva doce
Baixar a pressão. Alho, Eucalipto, Girassol
Banho na hora de parir. Mandioca
Banho. Angélica
Barriga inchada. Agrião, Candeia do mato, Hortelã graúdo, Maria preta
Bexiga. Cana-de-macaco
Bronquite. Agrião, Alho, Angélica, Cebola, Cravo de defunto, Gengibre, Hortelã graúdo, Hortelã miúdo, Quitoco, Pitanga, Umbaúba
Cãibras. Alfazema branca, Alfazema roxa, Angélica.
Calmante. Alface, Calmante, Camomila da Alemanha, Capim santo, Canela, Erva-cidreira, Eucalipto, Laranja, Maracujá de cobra, Maracujá, Melissa, Tamarindo
Calos. Alho, Tomate grande
Câncer de próstata. Suspiro roxo
Câncer. Babosa, Graviola
Cancros. Jurema
Carnegão. Pimenta
Caroço que aparece no corpo. Brilhantina, Brilhantina de parede, Brilhantina fêmea, Crista de galo, Calêndula do mato
Caspa. Babosa

Catarata. Urtiga
Catarrro na bexiga. Velame amarelo
Catarrro no intestino. Espinafre
Catarrro. Agrião, Almeirão, Avenca, Begonha, Capim-açu, Chapéu de couro, Eucalipto, Gengibre, Hortelã graúdo, Hortelã miúdo, Língua de vaca, Losna branca, Mangueira, Melancia, Menstrato
Cicatrizante. Água da levante, Arruda, Mastruz, Palma da rainha (xarope da mulher parida)
Coceira. Carrapinho agulha, Coco
Colesterol. Berinjela, Eucalipto, Jenipapo
Cólica (menstrual). Carrapicho de chifrinho, Catinga de crioulo, menstrato
Cólicas. Alfazema branca, Alfazema roxa, Angélica, Coco-de-dendê, Endro, Erva doce, Hortelã miúdo, Losna branca, Mangerona, Terramicina, Trançagem.
Combater percevejos e pulgas. Caiçara, Erva de Santa Maria, Fumo, Patchuli
Combater úlceras. Aroeira, Barbatimão, Calêndula, Espinho cheiroso, Jurema, Taioba
Comida que faz mal. Alumã, Girassol, Hortelã graúdo, Laranja, Mamoeiro
Comida. Gengibre, Louro
Conjuntivite. Batata roxa
Constipação. Erva-cidreira
Convulsões. Batata inglesa
Coração. Água da levante, Alecrim-do-reino, Alface, Cana-de-macaco, Espinafre, Girassol, Guaraná, Melissa
Corrimento. Abóbora, Bunina branca, Carrapicho agulha, Quebra-pedra, Sapoti
Crescimento do cabelo. Cebola
Criança quando está crescendo. Couve
Debilidade dos músculos. Manjerona
Defumador. Alecrim-do-reino
Dente recolhido. Cecé
Derrame/Ar do vento [acidente vascular cerebral]. Café, Cordão de São Francisco, Girassol, Mulungu, Noz moscada
Desinteria. Alumã, Buchinha paulista, Cajueiro branco, Purga do campo, Terramicina
Diabetes. Alface, Beringela, Cajueiro branco, Cana-de-macaco, Carqueja, Cebola, Jenipapo, Juiz de paz, Pata de vaca, Picão-de-nego
Diarréia. Araça-mirim, Aroeira, Baraúna, Barbatimão, Cajueiro branco, Erva doce, Goiaba branca, Goiaba vermelha, Hortelã miúdo, Lima, Losna branca, Pinha, Sabugueiro, Sapoti, Terramicina
Digestão. Agrião, Alfavaca graúda, Alfavaca miúda, Azedinha, Catinga de porco, Cominho, Quitoco, Mangerona
Diminuir o umbigo. Jenipapo, Quiabo
Diurética. Alface, Coco, Melancia
Doenças venérea. Cana-de-macaco, Carrapicho agulha, Umbaúba, Velame amarelo
Dor de barriga. Capim santo, Catinga de porco, Eucalipto, Girassol, Hortelã miúdo, Mamoeiro, Quioiô, Terramicina, Vassourinha

Dor de cabeça. Batata inglesa, Buchinha paulista, Café, Cravina, Eucalipto, Hortelã miúdo, Língua de vaca, Maravilha
Dor de dente. Alfazema de caboclo, Alfazema roxa, Cravo-da-índia, Salsa, Tamarindo
Dor/inflamação de garganta. Alfavaca graúda, Alfavaca miúda, Alho, Batata-doce, Cajá, Carqueja, Hortelã graúdo, Juiz de paz, Malva, Picão-de-nego, Romã, Tamarindo, Tomate, Trançagem.
Dor de ouvido. Alho, Hortelã graúdo, Malva, Vassourinha
Dor durante as regras [dismenorréia]. Agrião
Dor nas costas. Espinho cheiroso
Dor no corpo. Pião-roxo, Vassourinha
Dor no estômago. Capim santo, Hortelã miúdo, Mamoeiro
Dor nos rins. Abacate, Alface, Almeirão, Cabaça de cuia, Cana de macaco, Capim santo, Mandacaru de três quinas, Mandacaru que enrama, Milho, Pega-pinto, Quebra-pedra, Vassourinha
Dores. Anador, Assa-peixe branco, Guiné, Maravilha, Novalgina, Taioba
Eczema. Arroz
Enjôo. Poejo
Entupição. Alho, Catinga de crioulo, Menta, Patchuli
Epilepsia. Catinga de porco, Velame amarelo
Erisipela. Babosa, Cajá, Catinga de porco, Costela de Adão, Jurema, Velame amarelo
Escovar dentes. Juá
Esfregar o corpo. Bucha
Espantar mau-olhado e os olhos grossos. Cabeça-de-frade, Quarana, Pião roxo, Espada de Ogum, Espada de Oxossi
Esquentar as dores na hora de parir. Algodoeiro, Maravilha, Melancia
Estimulante. Alfazema de caboclo.
Estômago. Bredo, Espinho cheiroso, Gengibre, Lima
Facilitar a urina. Salsa
Febre. Alfavaca miúda, Andiroba, Aroeira, Buchinha paulista, Capim santo, Cansanção, Carambola, Eucalipto, Fedegoso, Lima, Limão, Purga de batata, Sapoti.
Feridas. Alecrim-do reino, Alfavaca graúda, Alfavaca miúda, Algodoeiro, Arruda, Beldroega, Cajueiro branco, Calêndula, Juiz de paz, Melancia da praia, Menstrato, Picão de nego, Juiz de paz, Taioba, Tomate grande, Trançagem
Fígado. Agrião, Alumã, Angélica, Berinjela, Bucha, Capim santo, Chapéu de couro, Couve, Espinho cheiroso, Maria cadeira, Quebra-pedra
Fortificante. Girassol, Laranja
Fraqueza. Agrião, Bredo, Couve
Furúnculos. Berinjela, Endro, Fumo
Gases em recém-nascidos. Poejo
Gases intestinais. Alecrim-do-reino, Alumã, Endro
Gases no estômago. Erva doce
Gases. Catinga de crioulo, Hortelã miúdo, Laranja, Lima, Pinha, Quitoco, Salsa
Gengivas sangrando. Trançagem

Gogo de galinha. Melão de São Caetano
Gripe. Acerola, Agrião, Alho, Angélica, Capim santo, Carqueja, Catinga de crioulo, Cravo-da-índia, Eucalipto, Folha Santa, Hortelã graúdo, Hortelã miúdo, Jericó, Laranja, Limão, Losna branca, Mangericão, Maracujá, Mastruz, Menstrato, Menta, Pitanga, Purga do campo, Terramicina
Hemorragia dentária. Tamarindo
Hemorragia. Banana, Baraúna
Hemorróidas. Alface, Assa-peixe branco, Coco, Quarana, Mamoeiro, Melão de São Caetano, Sapoti
Hepatite. Coco, Lima
Herpes. Agrião
Impigem. Alho, Fedegoso, Velame amarelo
Inchaço. Bredo, Buchinha paulista, Purga do campo
Infecção intestinal. Lima
Infecção na urina. Algodoeiro, Arrozinho, Cana-brava, Cordão-de-São-Francisco, Quebra-pedra, Vassourinha
Inflamação das gengivas. Mangueira
Inflamação de ovário. Cajueiro branco, Espinho cheiroso
Inflamação na boca. Maria cadeira, Trançagem
Inflamação na pele. Bredo
Inflamação na vagina. Folha da costa, Maravilha
Inflamação respiratória. Camomila da Alemanha, Poejo, Suspiro roxo
Inflamação urinária. Espinafre
Inflamação. Alfazema roxa, Anador, Brilhantina fêmea, Calêndula ou malmequer da lagoa, Capim santo, Cardo santo, Cecé, Cenoura, Desemflamadeira, Fedegoso, Folha santa, Limão, Mãe boa, Manjericão, Novalgina, Palma da rainha, Pega-pinto, Penicilina, Pião roxo, Quebra-pedra, Taioba, Umburana de cheiro
Íngua. Folha da costa
Insônia. Alface, Catinga de crioulo, Endro, Laranja, Lima, Língua de vaca, Mulungu, Quitoco, Suspiro de rama
Interrupção das regras [amenorréia]. Agrião, Arruda, Louro
Intestino. Catinga de porco, Espinafre
Inveja. Espada de Ogum, Espada de Oxóssi, Guiné
Laxante. Alface, Cravo-de-defunto, Mamoeiro, Milho
Limpa tudo por dentro. Batata-de-purga, Purga de batata
Limpar a pele. Chapéu de couro, Jiló, Pepino
Limpar as vistas. Cebola, Cenoura
Limpar o corpo. Guiné, Salsa, Hortelã caboclo
Lombrigas. Artimigem
Mal na barriga. Louro
Manchas na pele. Alho, Andiroba, Mamoeiro
Mordida de barbeiro, de cobra, de inseto. Batata de teiú, Cipó de cobra, Fumo
Olhos inflamados. Almeirão, Babosa, Beldroega, Cajá, Camomila da Alemanha, Endro,

Licuri, Vassourinha
Ossos fracos [raquitismo]. Agrião
Palpitação do coração. Cajá
Pancada em geral. Calêndula ou malmequer da lagoa
Papeira. Trançagem
Parálisia. Muçambé
Parasitas em plantas. Fumo
Pereba. Purga de batata
Perna inchada. Coco de dendê
Picada de vespa. Malva branca
Pneumonia. Cardo santo, Cordão de São Francisco, Purga de batata
Pressão alta. Capim santo, Cana de açúcar, Carambola, Chuchu, Hortelã miúdo, Mamoeiro, Laranja, Lima, Maracujá, Maravilha
Pressão. Calmante, Eucalipto, Melissa
Prisão de ventre. Alho, Buchinha paulista, Cebola, Cenoura, Laranja
Problema de estômago. Angélica, Camomila da Alemanha, Candeia do mato, Maria preta
Problema de pele. Língua de vaca
Problema dos nervos. Catuaba, Manjerona, Mulungu
Problema urinário. Alfavaca graúda, Quebra-pedra
Problemas intestinais. Hortelã miúdo, Jaca
Provoca suor. Cravina
Purgante. Batata-de-purga, Buchinha paulista, Cabelo de nego, Jurubeba, Mamoeiro, Maria cadeira
Puxamento. Terramicina
Queda de cabelo. Agrião, Babosa
Queimaduras. Batata inglesa, Beldroega, Berinjela
Quentura. Brilhantina, Brilhantina de parede, Brilhantina fêmea, Lima, Mandacaru de três quinás
Ressecamento. Abóbora
Regra atrasada. Hortelã miúdo
Regra que vem pouca. Bucha
Regras que vem e não quer ir embora. Banana, Banana de São Tomé
Regras. Picão-de-nego
Resfriado. Alho, Catinga de crioulo, Cravo-de-defunto, Limão, Menta, Pitanga, Sabugueiro
Reumatismo. Agrião, Alecrim-do-reino, Alfavaquinha de cobra, Alfazema branca, Alfazema roxa, Aroeira, Artemigem, Batata inglesa, Berinjela, Boa noite, Carqueja, Cenoura, Chapéu de couro, Cordão de São Francisco, Costela de Adão, Cravo de defunto, Gengibre, Graviola, Guiné, Jaca de pobre, Mãe boa, Maria cadeira, Mastruz, Melancia, Menstrato, Muçambé, Quitoco, Samambaia, Velame amarelo
Rouquidão. Avenca, Gengibre
Sangue quando sai da boca. Jabuticabeira
Sangue quando sai do nariz. Baraúna, Batata de purga, Cebola, Salsa
Sangue. Agrião, Almeirão, Cebola, Fedegoso

Sarampo. Cecé, Dandá, Milho
Sarna. Alho, Arruda
Schistosoma. Quioiô
Sezões. Cebola
Sífilis. Chapéu de couro
Solitárias. Abóbora, Couve, Romã
Soltar a urina Quando está com ardor na hora de urinar. Alfavaca miúda
Soltar urina. Cana de açúcar, Cansanção, Carqueja, Jurubeba, Melancia
Sono tranqüilo. Cebola, Maracujá
Sinusite. Eucalipto
Tensão. Jaca de pobre
Tirar mal cheiro da boca. Alho
Tônico. Almeirão, Jurubeba
Tontura. Alfazema branca, Alfazema, cravina
Tosse convulsa. Jurubeba
Tosse. Alecrim-do-reino, Alface, Alfavaca graúda, Alfavaca miúda, Alho, Calmante, Capim-açu, Carqueja, Cebola, Cravo de defunto, Eucalipto, Hortelã miúdo, Jaca, Limão, Língua de vaca, Malva, Mangueira, Mastruz, Menstrato, Menta, Pitanga, Poejo, Umbaúba
Tranqüilidade no ambiente. Espada de Ogum
Tuberculose. Alho, Losna branca, Mastruz
Tumor. Aroeira, Maria cadeira
Urina pouca (anúria). Louro
Urinar sem problema. Beldroega, Serigüela
Útero. Assa-peixe branco, Barbatimão, Poejo
Ventiligo. Beldroega, Cajá
Vento. Alfavaca graúda, Alfavaca miúda, Alfazema branca, Maria preta, Maria Santa, Noz moscada, Quioiô
Vermes. Abóbora, Alho, Andiroba, Arruda, beldroega, Bucha, Couve, Girassol, Guiné, Hortelã miúdo, Mamoeiro, Losna branca, Mamoeiro, Mastruz, Melão de São Caetano, Quioiô
Verrugas. Alho, Beringela, Mandioca, Tomate grande
Vitamina. Azedinha, Limão

Fonte: Narrativas das Colaboradoras.

Tabela 04

ANEXO 04 – COMPARAÇÃO ETNOTERAPÊUTICA COM ATIVIDADE COMPROVADA EM ESTUDOS CIENTÍFICOS

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	Atividade Comprovada	HUEFS
Abacate	<i>Persea americana</i> L.	Folha e semente	Dor nos rins.	Irritante da bexiga*	61750
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Folha e fruto	Gripe.	Antiescorbútica, antiradical-livre*	61736
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Toda planta	Abriir o apetite. Catarro, bronquite, reumatismo, digestão, herpes, fígado, fraqueza, interrupção das regras [amenorréia], dores durante as regras [dismenorréia], ossos fracos (raquitismo), queda de cabelo, barriga inchada e anemia. gripe, sangue [vitamina]. O agrião pode causar aborto ter cuidado se tiver grávida. É melhor não comer	Antianêmica (Fe)*	61829
Alecrim-do-reino	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Flor e folha	Gases intestinais, tosse, coração, reumatismo nas juntas, feridas.	Carminativo, anti-hemorroidal*	61716
Algodoeiro	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Folha, raiz e semente	Ausência de menstruação (infusão das sementes). Infecção na urina (chá-raiz). Feridas (sumo das folhas colocar em cima da ferida). Esquentar as dores na hora de parir (banho).	Antifertilizante masculino*	61752
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Toda planta	Qualquer problema de entupição, gripe, bronquite, tuberculose, asma, garganta inflamada, tosse, resfriados, prisão de ventre, digestão, tirar mal cheiro da boca, baixar pressão, dor de ouvido (aplica-se algodão embebido em azeite fervido com alho). Externamente usa o alho contra calos, verrugas, sarna, impigem, tinha, manchas da pele, etc.	Anti-PAF, antimicrobiano*	
Aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Entrecasco	Febre, reumatismo, tumores, diarreia, combater úlceras.	Antiinflamatório e cicatrizante local*	61683

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	Atividade Comprovada	HUEFS
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Toda planta	Para regras suspensas. Provoca aborto. Xarope de mulher parida. Verme (mistura com azeite "galo" e toma 3 colheres de chá por dia). Sarna (passa o chá com algodão na sarna). O chá também serve para lavar feridas. Ter cuidado para não se envenenar. A arruda pode ser macho ou fêmea. A arruda fêmea é que é boa para o xarope porque ajuda a curar o útero da mulher parida e serve pra regras voltar.	Parasiticida externo, tóxico*	61743
Artemigem ou artemijo	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Flor, folha e raiz	Banhar as pernas que tiver com reumatismo. Combate as lombrigas (fazer um pó com as folhas secas e usar pitadas) ou chá. Regras atrasadas, anemia (pessoa descorada)	Tóxica, abortiva*	61764
Babosa	<i>Aloe vera</i> Burm. F.	Folha	Combater a caspa e deixar o cabelo bonito. Queda de cabelo, câncer, erisipelas. Dor nos olhos passar por fora. Grávida não pode usar por que causa aborto.	Laxante, cicatrizante e antimicrobiano local*	61751
Batata-de-purga	<i>Canvolvulus operaulatus</i>	Raiz	Purgante. Limpa tudo por dentro. Regras atrasadas. Hemorragia no nariz.	Laxante*	
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	Raiz	Contra a anemia.	Alimentícia*	61827
Cajueiro branco	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Fruto, pedúnculo e entrecasco	Inflamação uterinas, diabetes, feridas, diarreia, desintéria.	Adstringente, hipoglicemiante*	61689
Calmante	<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Folha	Calmante, combater ansiedade, pressão, tosse.	Sedativo, hipotensora*	61765
Camomila-da-alemanha	<i>Matricaria chamomilla</i>	Flor	Calmante (pros nervos). Inflamações respiratórias e dos olhos. Problemas de estômago.	Antiinflamatório, antiespasmódico, analgésico, anti-séptico, anti-helmintico (nas parasitoses intestinais) e cicatrizante.**	
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Nees	Entrecasco	Doce ficar gostoso, calmante.	Aromatizante de alimentos*	61749

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	Atividade Comprovada	HUEFS
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf.	Folha	Gripe, calmante, pressão alta, febre, inflamação, dor no estômago, dor de barriga, dor nos rins, dor no fígado.	Sedativo, analgésico, espasmolítico*	61805
Cebola	<i>Allium cepa</i> L.	Bulbo	Purificar o sangue. Seções (febres intermitentes). Prisão de ventre. Apetite. Diabetes. Bronquites, tosse, hemorragias nasais. Crescimento do cabelo. Sono ser tranqüilo. Limpar as vistas [olhos].	Antiviral, anti-PAF*	
Cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	Raiz	Melhorar as vistas. Anemia. Prisão de ventre. Reumatismo. Inflamação. Ajudar o aumento do leite da mulher.	Beta-caroteno*	61820
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia maculata</i> (Loddiges) G. Don	Toda planta	Combater a inveja, olho grosso.	Tóxica, alergizante*	61725
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Folha	Cozinhar, aborto	Aromatizante, carminativo*	61760
Cravo-da-índia	<i>Eugenia caryophyllus</i> Spreng.	Flor	Doces. Dor de dente.	Anti-séptico local, aromatizante, analgésico local*	
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill) N. E. Br.	Folha	Calmante, constipação.	Sedativo.*	61699
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Miller	Semente	Gases do estômago, azia. Cólicas de recém-nascido, diarreia de crianças.	Carminativo, espasmolítica, galactógeno*	61761
Eucalipto	<i>Eucalyptus tereticornis</i> Smith	Folha	Tirar catarro do peito. Sinusite, gripe, baixar pressão, calmante, febre, dor de cabeça, baixar colesterol, dor de barriga, tosse, asma.	Balsâmico, expectorante*	61826
Fumo	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Folha	Contra o veneno de cobra, furúnculo. Matar parasita de plantas.	Inseticida*	
Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Raiz	Fazer comida (caruru, vatapá). Problema do estômago, rouquidão, catarro no peito, bronquite, asma, reumatismo.	Digestivo, antimicrobiano*	61813
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	Flor, folha, fruto (semente)	Comida que faz mal. Derrame/Ar do vento [acidente vascular cerebral]. Coração, baixar pressão. Dor de barriga, verme, fortificante.	Alimento energético*	61825
Goiaba-branca	<i>Psidium guayana</i> var. <i>pyrifera</i>	Folha e fruto	Diarreia.	Antiinfecioso intestinal*	61690

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	Atividade Comprovada	HUEFS
Goiaba-vermelha	<i>Psidium guayava</i> var. <i>pomifera</i>	Folha e fruto	Diarréia.	Antiinfeccioso intestinal*	61718
Hortelã miúdo	<i>Mentha villosa</i> Huds.	Folha	Gripe. Gases. Catarro, pressão alta, tosse, diarréia, cólica, bronquite, dor de barriga, menstruação atrasada, dor no estômago, problemas no intestino, dor de cabeça, asma, vermes.	Amebicida, giardícida, trichomonocida*	61780
Hortelã graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Folha	Gripe. Garganta inflamada. Catarro no peito. Tosse. Pressão alta. Inflamação. Dor de barriga. Bronquite. Quando a comida faz mal.	Demulcente, antimicrobiano*	61735
Juá	<i>Zizyphus joazeiro</i> Mart.	Folha	Escovar os dentes.	Detergente natural, anticárie*	61790
Jurema	<i>Mimosa hostilis</i> Mart.	Entrecasco	Combater úlceras, cancros, erisipelas.	Adstringente*	61785
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	Flor, fruto, folha, semente	Dor de barriga. Comida que faz mal. Dor no estômago. Prisão de ventre. Pressão alta. Quando o mamão faz mal. Tirar manchas do corpo. Verme (caseira). Gripe.	Proteolítico*	61795
Mamona	<i>Ricinus communis</i> Vell.	Folha e semente	Óleo de rícino é laxante ou purgante, hemorróidas.	Laxante forte.*	61796
Maracujá de cobra	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Folha e fruto	Calmante. Para chegar o sono. Aliviar o cansaço.	Sedativo*	61807
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Folha e fruto	Calmante. Para chegar o sono. Pressão alta. Gripe.	Sedativo*	61737
Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Vermes, tuberculose, gripe, tosse. Cicatrização de feridas, reumatismo. Pancada. Abortar.	Vermífugo, antimicrobiano*	61704
Melão-de-são-caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	Folha e fruto	Alvejar as roupas e tirar nódias (manchas deixadas por frutas), verme [vermífugo]. Curar o gogo de galinha. Hemorróidas.	Larvicida para ancylostomídeos no solo, pediculose*	61731
Melissa	<i>Melissa officinalis</i> L.	Folha	Calmante. Coração e pressão.	Sedativo, anti-herpética.*	61700
Menstrato	<i>Ageratum conizoides</i> L.	Flor e folha	Tosse, catarro, gripe, febre, cólicas menstruais, reumatismo.	Analgésico, antiinflamatório*	61816
Picão-de-nego	<i>Bidens pilosa</i> L.	Folha	Combater feridas, diabetes, inflamação da garganta. Regras.	Antibiótico, hipoglicemiante e antiparasitário.**	61727

Nome Popular	Nome Científico	Parte utilizada	Indicação Etnoterapêutica	Atividade Comprovada	HUEFS
Pimenta	<i>Capsicum sp</i>	Folha	Puxar carnegão.	Vesicante, anticâncer*	61748
Poejo	<i>Mentha pulegium L.</i>	Toda planta	Problemas respiratórios, enjôo, tosse e sarar o útero depois de parir.	Tóxico em dose alta*	61822
Purga de batata	<i>Operculina macrocarpa (L.) Urban</i>	Raiz	Pneumonia, pereba e febre.	Prisão de ventre, tosse, para limpar o sangue, impetigo.*	61833
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri L.</i>	Folha e raiz	Inflamação. Dor nos rins, Infecção urinária. Problemas no fígado. Corrimento vaginal. Problemas gerais nos rins.	Antilitíase renal*	61733
Quioiô	<i>Ocimum gratissimum L.</i>	Folha	Afta, vento, verme, schistosoma. Dor de barriga.	Carminativo, antiséptico bucal*	61702
Romã	<i>Punica granatum Linn</i>	Fruto e entrecasco	Inflamação na garganta, combater a solitária.	Adstringente, antiviral antimicrobiano, tenífugo.*	61754
Salsa	<i>Proteselium sativum Hoffm.</i>	Folha	Gases [carminativa], facilitar a urina, regras se regularizar, nariz parar de sangrar (bolinha dentro). Dor de dente. Limpar o corpo.	Nutriente vitamínico (b)*	61821
Tamarindo	<i>Tamarindus indica L.</i>	Folha, fruto entrecasco	Curar hemorragia. Dor dente. Dor de dente. Garganta inflamada. Calmante. Anemia.	Laxante*	61774
Tomate grande	<i>Lycopersicum esculentum Mill</i>	Fruto	Combater feridas. Eliminar calos e verrugas. Inflamação na garganta.	Antimicrobiano (Monília)*	61717
Umbaúba	<i>Cecropia palmata Loefgr.</i>	Folha, raiz	Doença venérea, bronquite, asma, tosse.	Anti-hipertensivo*	61794
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis L.</i>	Toda planta	Quentura [infecção urinária]. Banhar olho doente. Dor de ouvido. Dores no corpo. Dor nos rins. Dor de barriga. Tirar olho grosso.	Hipoglicemiante*	61701

** CORRÊA, Anderson D., SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo, QUINTAS, Luis E. M. Plantas medicinais: do cultivo à terapêutica. Petrópolis: Vozes, 1998. 246 p.

* MATOS, F. J. de Abreu. Plantas da medicina popular do Nordeste: propriedades atribuídas e confirmadas. Fortaleza: EUFC, 1999. 80 p.

Tabela 05

ANEXO 05 – DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS DAS PLANTAS DEPOSITADAS HUEFS (HERBÁRIO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA)					
FAMÍLIA	NOME CIENTIFICO*	NOME POPULAR	Nº da COLETA	HUEFS Nº	CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS
LAMIACEAE	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. •	Alecrim-do-reino	46	61716	É um subarbusto aromático de mais ou menos 1 m de altura. Cultivada. Folhas lineares oblongas, discolors.
SOLANACEAE	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill•	Tomate grande	47	61717	Planta herbácea, anual, de ramos prostrados que geralmente atinge 60 cm de altura. Cultivada. Folhas grandes ovais e ásperas com forte odor. Flores amarelo-claras. Frutos vermelhos na maturidade.
MYRTACEAE	<i>Psidium guayana</i> var. <i>pomifera</i>	Goiaba vermelha	48	61718	Árvore com cerca de cinco metros. Caule apresenta ritidoma caduco. Folhas com nervuras depressas, curto pecioladas discolors de aroma acre. Flores alvas de pétalas caducas, polistêmones, cálice persistente. Fruto amarelo-claro na maturidade, polpa rosa-forte ou vermelha.
CACTACEAE	<i>Cereus cf peruvianus</i> Mill •	Mandacaru de três quinas	49	61719	Vegetação de caatinga. É espontânea. Planta trepadeira com raízes grampiformes. Cladóidio com três arestas. Folhas transformadas em espinhos curtos, às vezes ausentes. Flores grandes, alvas levemente perfumadas. Raramente produz frutos.
AMARANTHACEAE	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Bredo	50	61720	Planta herbácea, rasteira. É espontânea. Caule herbáceo, ereto, verde e tenro. Folhas pecioladas, emarginadas. Folhas verdes pintadas ou lisas. Flores em espigas. Frutos pequenos.
ANACARDIACEAE	<i>Mangifera indica</i> L. •	Mangueira	51	61721	Árvore frondosa. Cultivada. Folhas lanceoladas, grandes, verdes, aromáticas. Flores pequenas amareladas. Inflorescência em penicula. Fruto tipo drupa com polpa amarela.

* Agradeço a Sr^a. Maria Vanilda Morais Oliveira - Do Laboratório de Taxonomia da Universidade Estadual de Feira de Santana - pela identificação das famílias.

** Determinada por comparação e/ou por especialistas (•)

FAMÍLIA	NOME CIENTIFICO*	NOME POPULAR	Nº da COLETA	HUEFS Nº	CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS
ANACARDIACEAE	<i>Spondias purpurea</i> L. •	Serigüela	52	61722	Árvore frondosa. Cultivada. Folhas verde escuras com nervuras. Folhas compostas, penadas. Botões florais purpúreos. Flores alvos. Fruto drupa, amarelo ou púrpuro na maturidade.
ANNONACEAE	<i>Annona muricata</i> L. •	Graviola	53	61723	Árvore frondosa, de 4 a 6 m de altura. Cultivada. Folhas verde escuras, lisas, inteiras, alternas, elíptico-lanceoladas, pecioladas, glabras, luzidias. Flores amarelo-pálida, formato de um triângulo de base ovóide. Inflorescência caular. Fruto múltiplo, muricado, polpa creme, muito aromática
ANNONACEAE	<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	54	61724	Árvore esgalhada. Cultivada. Folhas lanceoladas, verde-claro quando novas e verde-escuras quando adultas e amareladas quando velhas. Flores pequenas, cremes, carnosas. Fruto múltiplo com polpa branca. Sem inflorescência a árvore da coleta.
ARACEAE	<i>Dieffenbachia maculata</i> (Loddiges) G.Don•	Comigo-ninguém-pode	55	61725	Planta herbácea, de mais ou menos 1 m de altura, ornamental, perene, latescente, de caule ereto cilíndrico e suculento. Folhas longopecioladas, de formas oblongas, oblongas-elíptica e oblonga-lanceoladas, com manchas brancas. Flores unissexuadas, dispostas em espádice, com as flores masculinas ocupando a porção superior da inflorescência. Raramente apresenta inflorescência.

* Agradeço a Sr^a. Maria Vanilda Morais Oliveira - Do Laboratório de Taxonomia da Universidade Estadual de Feira de Santana - pela identificação das famílias.

** Determinada por comparação e/ou por especialistas (•)

FAMÍLIA	NOME CIENTIFICO**	NOME POPULAR	Nº da COLETA	HUEFS Nº	CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS
ARECACEAE	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc. •	Licuri	56	61726	Palmeira de porte médio, estipe parcialmente recoberto por resto dos pecíolos. Espontânea. Folhas grandes compostas, penadas, os folíolos com a face adaxial verde escuras e brilhantes afixial cinzentas. Inflorescência composta tipo cacho de espigas, espata grande, côncava e lenhosa. Flores cremes, carnosas, diclinas. Fruto amarelo na maturidade, endocarpo lenhoso, amêndoas olioginosas.
ASTERACEAE	<i>Bidens pilosa</i> L. •	Picão-de-nego	57	61727	Erva anual. Caule costado. É espontânea. Folhas opostas, pinatífidas, com aquênias pretas, que terminam em duas pontas rijas e denticuladas, as quais se prendem facilmente à roupa. Flores amarelas.
APOCYNACEAE	<i>Catharanthus roseus</i> G. Don	Boa-noite	58	61728	Planta perene de 60 a 80 cm de altura. Nasce espontaneamente em terrenos baldios, quintais e jardins. Tem um cheiro forte. Folhas lanceoladas, com até 9 cm de comprimento, opostas. Flores rosa-roxa. Fruto seco e deiscente com muitas sementes.
CRASSULACEAE	<i>Kalanchoë brasiliensis</i> Camb. •	Folha-da-costa	59	61729	Planta herbácea perene que atinge até 1 m de altura. Caule tenro. Flores tetrâmeras. Em cultivo não produz frutos. As folhas são opostas, simples, carnosas, pecioladas, de bordoscrenados, sendo basilares inteiras e as superiores pinadas. As inflorescências são Terminais, contendo flores vistosas pelo colorido amarelo e laranja.

* Agradeço a Sr^a. Maria Vanilda Morais Oliveira - Do Laboratório de Taxonomia da Universidade Estadual de Feira de Santana - pela identificação das famílias.

** Determinada por comparação e/ou por especialistas (•)

TABELA 06

ANEXO 06 - Nº DE FAMÍLIAS E GÊNEROS DAS ESPÉCIES INCLUÍDAS NA TABELA 05

FAMÍLIAS	GÊNEROS
ACANTHACEAE	<i>Justicia</i>
AGAVACEAE	<i>Sansevieria</i>
AIZOACEAE	<i>Tetragonia</i>
AMARANTHACEAE	<i>Alternanthera, Amaranthus, Centraterum, Pfaffia</i>
ANACARDIACEAE	<i>Anacardium, Mangifera, Schinopsis, Schinus, Spondias</i>
ANNONACEAE	<i>Annona</i>
APIACEAE	<i>Coriandrum, Daucus, Foeniculum, Petroselinum</i>
APOCYNACEAE	<i>Catharanthus</i>
ARACEAE	<i>Arum, Dieffenbachia, Philodendron</i>
ARECACEAE	<i>Coccus, Syagrus</i>
ARISTOLOCHIACEAE	<i>Aristolochia</i>
ASTERACEAE	<i>Ageratum, Artemisia, Bidens, Helianthus, Lactuca, Piptocarpha, Pluchea, Tagetes, Vernonia, Wedelia, Xanthium, Zinnia</i>
BIXACEAE	<i>Bixa</i>
BORAGINACEAE	<i>Cordia, Heliotropium</i>
BRASSICACEAE	<i>Brassica, Nasturtium</i>
CACTACEAE	<i>Cereus, Melocactus</i>
CAESALPINIACEAE	<i>Caesalpinia, Senna, Tamarindus</i>
CAPPARACEAE	<i>Cleome</i>
CAPRIFOLIACEAE	<i>Sambucus</i>
CARICACEAE	<i>Carica</i>
CARYOPHYLLACEAE	<i>Dianthus</i>
CECROPIACEAE	<i>Cecropia</i>
CHENOPODIACEAE	<i>Beta, Chenopodium</i>
CONVOLVULACEAE	<i>Ipomoea, Operculina</i>
CRASSULACEAE	<i>Kalanchoë, Sedum</i>
CUCURBITACEAE	<i>Citrullus, Cucumis, Cucurbita, Luffa, Momordica</i>

CYPERACEAE	<i>Cyperus</i>
FAMILIAS	GÉNEROS
EUPHORBIACEAE	<i>Cnidoscolus, Croton, Jatropha, Manihot, Phyllanthus, Ricinus, Tragia</i>
FABACEAE	<i>Stryphnodendron</i>
LAMIACEAE	<i>Aeolanthus, Leonotis, Lippia, Melissa, Mentha, Ocimum, Plectranthus, Pogostemon, Rosmarinus</i>
LAURACEAE	<i>Cinnamomum, Persea</i>
LILIACEAE	<i>Allium, Aloe (ASFODELACEAE), Polianthes (AGAVACEAE)</i>
MALPIGHIACEAE	<i>Malpighia</i>
MALVACEAE	<i>Gossypium, Hibiscus</i>
MIMOSACEAE	<i>Mimosa</i>
MORACEAE	<i>Artocarpus</i>
MUSACEAE	<i>Musa</i>
MYRTACEAE	<i>Eucalyptus, Eugenia, Myrciaria, Psidium, Syzygium</i>
NYCTAGINACEAE	<i>Boerhavia, Mirabilis</i>
OXALIDACEAE	<i>Averrhoa</i>
PAPAVERACEAE	<i>Argemone</i>
PASSIFLORACEAE	<i>Passiflora</i>
PHYTOLACCACEAE	<i>Petiveria</i>
PIPERACEAE	<i>Peperomia</i>
PLANTAGINACEAE	<i>Plantago</i>
POACEAE	<i>Andropogon, Cymbopogon, Saccharum, Zea</i>
POLYPODIACEAE	<i>Adiantum</i>
PORTULACACEAE	<i>Portulaca, Talinum</i>
PUNICACEAE	<i>Punica</i>
RHAMNACEAE	<i>Ziziphus</i>
RUBIACEAE	<i>Borreria, Coffea, Genipa</i>
RUTACEAE	<i>Citrus, Ruta, Zanthoxylum</i>
SAPOTACEAE	<i>Achras</i>
SCROPHULARIACEAE	<i>Scoparia</i>
SOLANACEAE	<i>Capsicum, Cestrum, Lycopersicum, Solanum, Schwenkia</i>
STERCULIACEAE	<i>Malva</i>
VERBANACEAE	<i>Vitex</i>
ZINGIBERACEAE	<i>Alpinia, Costus (COSTACEAE), Zingiber</i>

ANEXO 07 - COLABORADORAS DA PESQUISA*



Foto 01 - Dona Maria
(In memorian)



Foto 02 - Dona Jovem
(In memorian)



Foto 03 - Dona Calu
(In memorian)



Foto 04 - Dona Emília



Foto 05 - Dona Lorença

* Fotografadas por Livia Daniela dos Santos Ramos

ANEXO 08 - CATÁLOGO FOTOGRÁFICO DAS PLANTAS MEDICINAIS*



Foto 06 - Abóbora
Cucurbita pepo L.
HUEFS - 61730



Foto 07 - Acerola
Malpighia glabra L.
HUEFS - 61736



Foto 08 - Água da levante
Mentha x piperita
L. var. *citrata*
HUEFS - 61824



Foto 09 - Alecrim-do-reino
Rosmarinus officinalis L.
HUEFS - 61716



Foto 10 - Alfavaca miúda
Ocimum americanum L.
HUEFS - 61692



Foto 11- Alfavaquinha de cobra
Peperomia pellucida (L.) H.B.K.
HUEFS - 61738



Foto 12 - Alfazema branca
VERBANACEAE
HUEFS - 61694

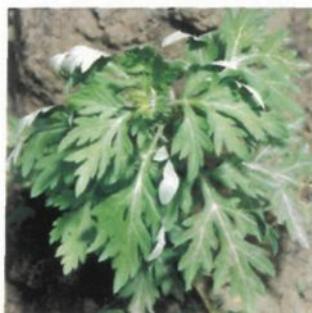


Foto 13 - Alfazema de caboclo
ASTERACEAE
HUEFS - 61673



Foto 14 - Alfazema roxa
Vitex ocnus L.
HUEFS - 61695

* Plantas medicinais fotografadas por Cristiane Joana dos Santos, Etienne Mascarenhas, Lívia Daniela dos Santos Ramos, Luciene C. Lima e Lima, Wagner José Guerreiro Nascimento e por mim. Diagramação Cristiano Batista Vieira - a todos vocês, muito obrigada!



Foto 15 - Algodoeiro
Gossypium barbadense L.
HUEFS - 61752



Foto 16 - Alumã
Vernonia bahiensis Tol.
HUEFS - 61763



Foto 17 - Angélica
Polianthes tuberosa L.
HUEFS - 61682



Foto 18 - Araçá-mirim
Psidium guineense Sw.
HUEFS - 61705



Foto 19 - Aroeira
Schinus terebinthifolius Raddi
HUEFS - 61683



Foto 20 - Arruda
Ruta graveolens L.
HUEFS - 61743



Foto 21 - Artemigem
Artemisia vulgaris L.
HUEFS - 61764



Foto 22 - Assa-peixe branco
Vernonia sp.
HUEFS - 61674



Foto 23 - Avenca
Adiantum risophorum L.
HUEFS 61675



Foto 24 - Babosa
Aloe vera Burm. F.
HUEFS - 61751



Foto 25 - Banana
Musa paradisiaca L.
HUEFS - 61711



Foto 26 - Batata-doce
Ipomoea batatas Poir
HUEFS - 61691



Foto 27 - Beldroega
Portulaca umbraticola Kunth.
HUEFS - 61740



Foto 28 - Berinjela
Solanum melongena L.
HUEFS - 61828



Foto 29 - Beterraba
Beta vulgaris L.
HUEFS - 61827



Foto 30 - Boa-noite
Catharanthus roseus G. Don
HUEFS - 61728



Foto 31 - Boldo
Plectranthus
HUEFS - 61715



Foto 32 - Bredo
Amaranthus viridis L.
HUEFS - 61720



Foto 33 - Brilhantina
Sedum rodiola L.
HUEFS - 61679



Foto 34 - Brilhantina de parede
Sedum rodiola L.
HUEFS - 61678

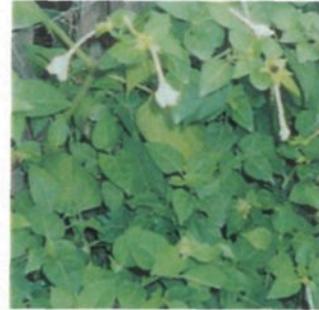


Foto 35 - Bunina Branca
Mirabilis jalapa L.
HUEFS - 61797



Foto 36 - Cabaça-de-cuia
Cucurbita lagenaria L.



Foto 37 - Cabeça-de-frade
Melocactus salvadorensis
Werdermann
HUEFS - 61803



Foto 38 - Café
Coffea arabica L.
HUEFS - 61791



Foto 39 - Caiçara
Solanum Erianthum D. Don
HUEFS - 61757



Foto 40 - Cajá
Spondia sp.
HUEFS - 61712



Foto 41 - Cajueiro branco
Anacardium occidentale L.
HUEFS - 61689



Foto 42 - Calêndula ou malmequer da lagoa
Wedellia paludosa Jacq.
HUEFS - 61792



Foto 43 - Calêndula ou malmequer do mato
ASTERACEAE
HUEFS 61793



Foto 44 - Calmante
Alpinia speciosa Schum.
HUEFS - 61765



Foto 45 - Cana-de-açúcar
Saccharum officinarum L.
HUEFS - 61773



Foto 46 - Cana-de-macaco
Costus discolor Rosc.
HUEFS - 61713



Foto 47 - Candeia-do-mato
Piptocarpa rotundifolia Bak.
HUEFS - 61836



Foto 48 - Canela
Cinnamomum zeylanicum Nees
HUEFS - 61749



Foto 49 - Cansação
Cnidocolus urens (L.) Arthur
HUEFS - 61784



Foto 50 - Capim-santo
Cymbopogon citratus (D.C.) Stapf.
HUEFS - 61805



Foto 51 - Carambola
Averrhoa carambola L.
HUEFS - 61747



Foto 52 - Cardo-santo
Argemone mexicana L.
HUEFS - 61708



Foto 53 - Carqueja
Borreria capitata (Ruiz et Pav.) D.C.
HUEFS - 61758



Foto 54 - Catinga de porco
Caesalpinia pyramidalis Tull
HUEFS - 61808



Foto 55 - Cebolinha
Allium schoenoprasum L.
HUEFS 61781



Foto 56 - Cecé
Cleome microcarpa Ule
HUEFS - 61755



Foto 57 - Cenoura
Daucus carota L.
HUEFS - 61820



Foto 58 - Chapéu-de-couro
Zinnia spp.
HUEFS - 61688



Foto 59 - Coco
Coccus nucifera L.
HUEFS 61786



Foto 60 - Coentro
Coriandrum sativum L.
HUEFS - 61760



Foto 61 - Comigo-ninguém-pode
Dieffenbachia maculata
(Loddiges) G. Don
HUEFS - 61725



Foto 62 - Cordão-de-São-Francisco
Leonotis nepetaefolia (L.) R. Br
HUEFS - 61671



Foto 63 - Costela-de-adão
Philodendron bipinnatifidum Scholt.
HUEFS - 61676



Foto 64 - Couve
Brassica oleracea L.
var. *acephala* DC.
HUEFS - 61767



Foto 65 - Cravina
Dianthus caryophyllus L.
HUEFS - 61802



Foto 66 - Cravo-de-defunto
Tagetes patula L.
HUEFS - 61801



Foto 67 - Crista de galo
Heliotropium cf. indicum L.
HUEFS - 61697



Foto 68 - Dandá
Cyperus rotundus L.
HUEFS - 61759



Foto 69 - Desenflamadeira
HUEFS - 61815



Foto 70 - Erva cidreira
Lippia alba (Mill) N. E. Br.
HUEFS - 61699



Foto 71 - Erva-doce
Foeniculum vulgare Miller
HUEFS - 61761



Foto 72 - Espada de Ogum
Sansevieria zeylanicum Willd.
HUEFS - 61830



Foto 73 - Espada de Oxóssi
Sansevieria sp.
HUEFS - 61831



Foto 74 - Espinho cheiroso
Zanthoxylum Lam.
HUEFS - 61698



Foto 75 - Eucalipto
Eucalyptus tereticornis Smith
HUEFS - 61826



Foto 76 - Fedegoso
Senna occidentalis (L) Link
HUEFS - 61768



Foto 77 - Folha-da-costa
Kalanchoë brasiliensis Camb.
HUEFS - 61729



Foto 78 - Fruta-pão
Artocarpus communis Forst.



Foto 79 - Gengibre
Zingiber officinalis Roscoe
HUEFS - 61813



Foto 80 - Girassol
Helianthus annuus L.
HUEFS - 61825



Foto 81 - Goiaba-branca
Psidium guayana var. *pyriferum*
HUEFS - 61690



Foto 82 - Goiaba-vermelha
Psidium guayana var. *pomiferum*
HUEFS - 61718



Foto 83 - Graviola
Annona muricata L.
HUEFS - 61723



Foto 84 - Guiné
Petiveria alliacea Linné
HUEFS - 61777



Foto 85 - Hortelã caboclo
Plectranthus barbatus Andr.
HUEFS - 61707

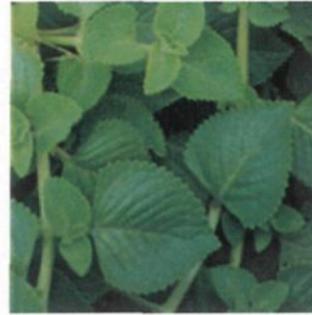


Foto 86 - Hortelã graúdo
Plectranthus amboinicus (Lour.) Spreng.
HUEFS - 61735



Foto 87 - Hortelã miúdo
Mentha villosa Huds.
HUEFS - 61780



Foto 88 - Jaca de pobre
Annona sp.
HUEFS - 61800

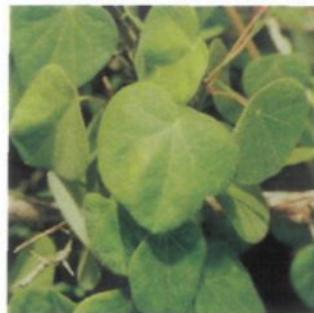


Foto 89 - Jarrinha
Aristolochia apendiculata Vell.
HUEFS - 61787



Foto 90 - Jenipapo
Genipa americana L.
HUEFS - 61742



Foto 91 - Juá
Zizyphus joazeiro Mart.
HUEFS - 61790



Foto 92 - Jurubeba
Solanum paniculatum L.
HUEFS - 61714



Foto 93 - Licuri
Syagrus coronata (Mart.) Becc.
HUEFS - 61726

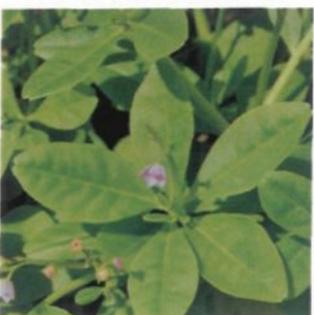


Foto 94 - Língua-de-vaca
Calanum triangulare (Jacq.) Willd.
HUEFS - 61741



Foto 95 - Malva
Malva silvestris L.

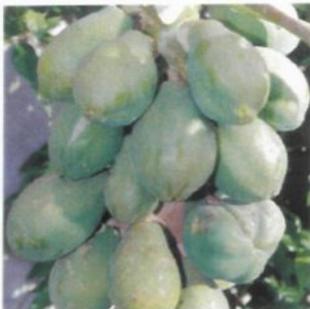


Foto 96 - Mamoeiro
Carica papaya L.
HUEFS - 61795



Foto 97 - Mamona
Ricinus communis Vell.
HUEFS - 61796



Foto 98 - Mandacaru de 3 Quinas
Cereus cf peruvianus Mill
HUEFS - 61719



Foto 99 - Mandioca
Manihot esculenta Crantz
HUEFS - 61804



Foto 100 - Mangueira
Mangifera indica L.
HUEFS - 61721



Foto 101 - Manjeriçao
Ocimum basilicum L.
"forma purpurascens"
HUEFS - 61696



Foto 102 - Maracujá
Passiflora edulis Sims.
HUEFS - 61737



Foto 103 - Maracujá de cobra
Passiflora cincinnata Mast.
HUEFS - 61807



Foto 104 - Maravilha
Caesalpinia pulcherrima Swartz
HUEFS 61753



Foto 105 - Maria cadeira
Mimosa humilis L.
HUEFS - 61810



Foto 106 - Maria preta
Cordia verbenacea DC
HUEFS - 61672



Foto 107 - Mastruz
Chenopodium ambrosioides L.
HUEFS - 61704



Foto 108 - Maxixe
Cucumis anguria L.
HUEFS - 61832



Foto 109 - Melancia
Citrullus vulgaris Schrad.
HUEFS - 61782



Foto 110 - Melão-de-são-caetano
Momordica charantia L.
HUEFS 61731



Foto 111 - Melissa
Melissa officinalis L.
HUEFS 61700



Foto 112 - Menstrato
Ageratum conizoydes L.
HUEFS - 61816



Foto 113 - Menta ou vic
Mentha arvensis L.
forma piperascens Holmes
HUEFS - 61779



Foto 114 - Milho
Zea mays L.
HUEFS - 61734



Foto 115 - Muçambé
Cleome spinosa Jacq. Var. *pungens* Willd.
HUEFS - 61814



Foto 116 - Novalgina
Pfaffia glomerata Spr.
HUEFS - 61684



Foto 117 - Patchuli
Aleoanthus suaveolens Mart.
HUEFS - 61823



Foto 118 - Pega-pinto
Boerhavia coccinea Willd.
HUEFS - 61817



Foto 119 - Pião-roxo
Jatropha molissima (Pohl) Bail
HUEFS - 61732



Foto 120 - Picão-de-nego
Bidens pilosa L.
HUEFS - 61727

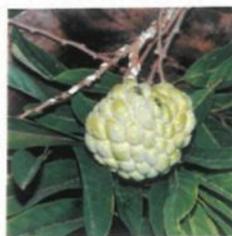


Foto 122 - Pinha
Annona squamosa L.
HUEFS - 61724



Foto 121 - Pimenta
Capsicum sp
HUEFS - 61748



Foto 123 - Poejo
Mentha pulegium L.
HUEFS - 61822



Foto 124 - Purga de batata
Operculina macrocarpa (L.) Urban
HUEFS - 61833



Foto 125 - Quarana
Cestrum laevigatum Schlect.
HUEFS - 61710



Foto 126 - Quebra-pedra
Phyllanthus niruri L.
HUEFS - 61733



Foto 127 - Quiabo
Hibiscus esculentus L.
HUEFS - 61756



Foto 128 - Quioiô
Ocimum gratissimum L.
HUEFS - 61702



Foto 129 - Romã
Punica granatum L.
HUEFS - 61754



Foto 130 - Sabugueiro
Sambucus australis Cham. et Schlecht.
HUEFS - 61769



Foto 131- Suspiro de rama
Alternanthera Forssk.
HUEFS - 61709



Foto 132 - Suspiro roxo
Centratherum punctatum Cass.
HUEFS - 61818



Foto 133 - Taioba
Arum esculentum L.
HUEFS - 61677



Foto 134 - Tamarindo
Tamarindus indica L.
HUEFS - 61774



Foto 135 - Terramicina
HUEFS - 61798



Foto 136 - Tomate grande
Lycopersicon esculentum Mill
HUEFS - 61717



Foto 137 - Trançagem
Plantago major L.
HUEFS - 61739



Foto 138 - Urtiga
Urtica friesii Pax e Hoffm.
HUEFS - 61789



Foto 139 - Urucum
Bixa orellana L.
HUEFS - 61706



Foto 140 - Vassourinha
Scoparia dulcis L.
HUEFS - 61701